

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CORPO E ENVELHECIMENTO MASCULINO: A VIDA  
ESCORRE POR ENTRE OS DEDOS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Sérgio Lasta**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2014**

**CORPO E ENVELHECIMENTO MASCULINO:  
A VIDA ESCORRE POR ENTRE OS DEDOS**

**Sérgio Lasta**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação –  
Mestrado em Ciências Sociais, área de Concentração em Corpo Gênero e Saúde  
– Envelhecimento, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio de Figueiredo Acosta**  
**Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Cristina Vieira Perurena**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lasta, Sérgio

Corpo e envelhecimento masculino: a vida escorre por  
entre os dedos / Sérgio Lasta. -2014.  
132 p. ; 30cm

Orientador: Marco Aurélio de Figueiredo Acosta  
Coorientadora: Fátima Cristina Vieira Perurena  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2014

1. Corpo 2. Envelhecimento 3. Gênero 4. Masculinidade  
I. Acosta, Marco Aurélio de Figueiredo II. Perurena,  
Fátima Cristina Vieira III. Título.

---

© 2014

Todos os direitos autorais reservados a Sérgio Lasta. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: sergiolasta@terra.com.br

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**CORPO E ENVELHECIMENTO MASCULINO: A VIDA ESCORRE  
POR ENTRE OS DEDOS**

Elaborada por  
**Sérgio Lasta**

Como requisito parcial para a obtenção do título de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Marco Aurélio de Figueiredo Acosta** (UFSM)  
(Presidente/Orientador)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Cristina Vieira Perurena** (UFSM)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cornélia Eckert** (UFRGS)

Santa Maria, 07 de março de 2014.

## **AGRADECIMENTOS**

O percurso não foi fácil, mas sinto satisfação e gratidão por tudo o que aprendi e por todos os caminhos que se abriram para compreender mais o ser humano. Acostumado ao longo tempo de estudos, pesquisas e atendimentos pelo viés psicanalítico, vislumbrei diante de mim outra ciência que sempre admirei, mas que não sabia onde buscar. Afinal, encontrei-a e me deparei com limitações porque tive que entender os limites entre a Psicanálise e as Ciências Sociais e sou grato aos professores que entenderam essa dificuldade e me deram apoio suficiente para superá-lo. Nunca admiti desistir porque me senti instigado e provocado e nessa tarefa me senti um aprendiz curioso e entusiasmado com a possibilidade de compreender mais o mundo e a sociedade porque isso sempre me provocou epistemofilicamente. Os professores me provocaram sem o saber, pois admirei muito o seu saber e me fizeram entender o longo caminho que ainda tenho pela frente.

Sou grato ao orientador Prof. Dr. Marco Aurélio de Figueiredo Acosta e à co-orientadora Fátima Cristina Vieira Perurena que me indicaram caminhos e não me senti sozinho nesse itinerário ou aventura. Deixaram-me com liberdade para que eu pudesse expor meu próprio pensamento e construir um conhecimento sobre o tema. Um agradecimento especial à doutoranda Monalisa Dias com quem troquei ideias sobre o tema e que me incentivou nessa pesquisa, me indicou caminhos por percorrer.

O meu agradecimento especialíssimo vai para o entrevistado. Apesar do seu anonimato foi quem mais colaborou para a construção dessa pesquisa. Dispôs do seu tempo, da sua casa e da sua vida. Falou-me abertamente sobre sua história e criamos uma relação profunda e empática. Aprendi muito com sua história e pude perceber nele um ser humano que sofre as vicissitudes sociais, mas que tem alegria de viver. A ele meu grande abraço.

Mas tudo isso teve luzes que inspiraram nas reflexões: o Espírito Santo que me desacomodou e me tirou o sono muitas noites, me fez levantar para anotar ideias que surgiram para que não as perdesse.

Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons.

*Carlos Drummond de Andrade*

A cultura é o melhor conforto para a velhice.

*Aristóteles*

Deve-se temer a velhice, porque ela nunca vem só. Bengalas são provas de idade e não de prudência.

*Platão*

O segredo de uma velhice agradável consiste apenas na assinatura de um honroso pacto com a solidão.

*Gabriel García Marquez*

Devemos aprender durante toda a vida, sem imaginar que a sabedoria vem com a velhice.

*Platão*

A infância é a idade das interrogações, a juventude a das afirmações, a velhice a das negações.

*Paolo Mantegazza*

Quando a velhice chegar, aceita-a, ama-a. Ela é abundante em prazeres se souberes amá-la. Os anos que vão gradualmente declinando estão entre os mais doces da vida de um homem, Mesmo quando tenhas alcançado o limite extremo dos anos, estes ainda reservam prazeres.

*Sêneca*

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*  
Universidade Federal de Santa Maria

### **CORPO E ENVELHECIMENTO MASCULINO: A VIDA ESCORRE POR ENTRE OS DEDOS**

AUTOR: SÉRGIO LASTA

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCO AURÉLIO DE FIGUEIREDO ACOSTA  
CO-ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DRA. FÁTIMA CRISTINA VIEIRA PERURENA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 07 de março de 2014.

Corpo e envelhecimento masculino: a vida escorre por entre os dedos insere-se no campo de estudos sobre o envelhecimento e em uma das muitas formas de olhar e pensar as diversas possibilidades do significado de envelhecer. Esse olhar se voltou para o envelhecimento masculino e o sujeito entrevistado falou em profundidade como percebe seu corpo com a aproximação do próprio envelhecimento. Para essa dissertação a escolha recaiu sobre um indivíduo com cinquenta e cinco anos que, através de sua história de vida, técnica utilizada, falou como percebe o envelhecimento que se aproxima. O método epistemológico forneceu as ferramentas necessárias para aprofundar a análise das entrevistas e, assim, foi construído um pensamento e um conhecimento sobre o envelhecimento masculino a partir do olhar do próprio sujeito para o seu corpo que começa a dar os sinais da velhice. Trata-se de um sujeito que procurou se adequar corporalmente às tradições disposicionais dentro das redes de relações que configuraram um modelo corporal dentro da sociedade. Isso afetou a construção de gênero e os seus retratos corporais. Foi uma pesquisa que elucidou muitos questionamentos e confrontos entre o social, o cultural com os retratos corporais do entrevistado. Confronto entre a natureza corporal e o simbólico, e essa dissertação procurou romper com o dualismo cartesiano, a dicotomia mente e corpo para dar mostras de que o corpo simbólico não se separa do biológico e ambos constroem mentalmente os retratos corporais.

**Palavras-chave:** Corpo. Envelhecimento. Gênero. Masculinidade.

## **RESUMEN**

Disertación de Maestría  
Estudios de Postgrado  
Universidad Federal de Santa Maria (RS)

### **CUERPO MACHO Y ENVEJECIMIENTO: UNA VIDA EN GOTEADO ENTRE LOS DEDOS**

**AUTOR: SÉRGIO LASTA**

**SUPERVISOR: PROF. DR. MARCO AURELIO DE FIGUEIREDO ACOSTA**

**CO-ORIENTACIÓN: Prof<sup>a</sup>. DRA. FATIMA CRISTINA VIEIRA PERURENA**

Fecha y lugar de defensa: Santa María, 7 de marzo de 2014.

Cuerpo y envejecimiento masculino: la vida se desliza por entre los dedos, adentra en los estudios de campo sobre el envejecimiento y es una de las muchas maneras de ver y de pensar distintas posibilidades y el significado del envejecimiento. Esta mirada se volvió hacia el envejecimiento masculino y el sujeto entrevistado habló en profundidad cómo percibe su cuerpo y como mira a su cuerpo con la vejez muy cerca de sí mismo. Para esta disertación la elección recayó en un individuo de cincuenta y cinco años, y a través de su historia de vida, que fue la técnica utilizada, habló como percibe el envejecimiento. El método epistemológico proporcionó las herramientas necesarias para profundizar el análisis de las entrevistas y así se construyó un pensamiento y un conocimiento del envejecimiento masculino a partir de la mirada del sujeto para su cuerpo que comienza a mostrar señales de la vejez. Este es un sujeto que intentó encajarse en las tradiciones disposicionales corporales dentro de las redes de relaciones sociales que configuraban un modelo del cuerpo dentro de la sociedad en donde vivió gran parte de su vida. Esto ha afectado a la construcción del género y sus retratos corporales en todos sus ciclos vitales, sobretodo en el envejecimiento. En esta búsqueda se ha dilucidado muchas preguntas y enfrentamientos entre él, el cuerpo social con lo cultural, con los retratos corporales con la parte demandada. Hubo confrontación entre el cuerpo y la naturaleza simbólica y esta disertación trató de romper con el dualismo cartesiano entre la mente y el cuerpo y con la dicotomía de entre ellos, para demostrar que el cuerpo simbólico no se separa de lo biológico y mentalmente construyen los retratos corporales.

**Palabras-clave:** Cuerpo. Envejecimiento. Género. Masculinidad.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>14</b>
<b>CAMINHOS PERCORRIDOS .....</b>	<b>14</b>
<b>1 PERCURSOS E DEFINIÇÕES .....</b>	<b>14</b>
<b>2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA .....</b>	<b>18</b>
2.1 Retratos corporais do cotidiano de um grupo de idosos .....	23
<b>3 FERRAMENTAS DA PESQUISA .....</b>	<b>32</b>
<b>4 O SUJEITO DA PESQUISA .....</b>	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>46</b>
<b>RETRATOS CORPORAIS MASCULINOS: UMA REFLEXÃO SOBRE GÊNERO ...</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>66</b>
<b>UM POUCO DE HISTÓRIA .....</b>	<b>66</b>
3.1 Corpo e sua história .....	66
3.2 Envelhecimento e sua história .....	71
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERENCIAIS TEÓRICOS.....</b>	<b>76</b>
4.1 Corpo e ciclo vital.....	79
4.2 Tradição disposicional .....	84
4.3 Redes de interdependências e a sociologia configuracional .....	86
<b>CAPÍTULO V .....</b>	<b>90</b>
<b>RETRATOS CORPORAIS MASCULINOS .....</b>	<b>90</b>
<b>COMENTÁRIOS FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

Talvez essa introdução saia um pouco do convencional, mas é a forma que encontrei para desenvolver a minha própria maneira de escrever. Nesse meu modo de me manifestar estou fazendo, também, ciência porque, penso que o cientista nem sempre precisa ser frio, duro, convencional e altamente racional e crítico. Penso assim porque essa é uma dissertação que, a meu ver, rompe com alguns paradigmas e modelos considerados científicos sem perder a cientificidade e a racionalidade analítica. O que, a meu ver, muda é a forma de escrever e manifestar idéias e, mesmo assim, construir um pensamento científico.

Digo isso embasado na epistemologia que permite ao pesquisador construir seu próprio pensamento e produzir um conhecimento reconhecidamente científico. A epistemologia fornece as ferramentas necessárias para essa construção, torna a ciência e o pesquisador mais próximos do ser humano porque a ciência parte do humano, vai em busca de respostas às suas interrogações e o pesquisador se torna o condutor de suas ideias fundamentado em outras existentes e amplia o conhecimento a respeito de um tema e objeto definidos anteriormente.

Após todo um percurso o conhecimento construído retorna ao ser humano e, conseqüentemente, à sociedade de onde partiu. É como se fosse a figura mitológica do uróboro<sup>1</sup> que reflete o mito do eterno retorno às origens. E como essa figura é circular, ela significa e representa, também, a eterna continuidade da busca do conhecimento, ou seja, o cientista, o pesquisador, retorna às suas origens porque novos questionamentos surgem e parte em busca de respostas diante do desconhecido, pois se sente atizado pelo seu desejo de saber e de conhecer.

O uróboro representa, também, o mito do herói da mitologia grega que parte de suas origens, faz todo um percurso de forma quase solitária e volta ao início para cumprir seu destino ou profecia. Pelo caminho encontra alguém que o auxilie, mas sua jornada até o fim depende somente dele mesmo. Assim como escrever essa dissertação foi uma aventura quase solitária, porém encontrei quem me mostrasse o caminho a seguir no momento em que me senti perdido, confuso e não tinha clareza para onde ir.

---

<sup>1</sup> Serpente que morde a própria cauda e simboliza um ciclo de evolução encerrado nela mesma. Esse símbolo contém ao mesmo tempo as ideias de movimento, de continuidade, de auto-fecundação e, em consequência, de eterno retorno (Chevalier, Jean. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1989).

No início não tinha certezas de onde queria chegar, qual o meu destino final, surgiram muitos obstáculos, possíveis desvios de rota e outras circunstâncias se puseram à minha frente. Mas a persistência e o apaixonamento por esta aventura, o desejo de fazer ciência e construir um pensamento e um conhecimento sobre o tema, deram o impulso necessário para seguir em frente. Por outro lado, como disse antes, não estive completamente sozinho, pois pude contar com o auxílio da orientação e da co-orientação que me deram a certeza e a clareza de que nessa aventura eu estava no caminho certo, apontaram alternativas, corrigiram rotas e pude, assim, definir o que queria pesquisar.

Nessa aventura, muitos questionamentos foram se somando uns aos outros, por isso tive que fazer cortes, recortes e delimitações para me focar no destino final que são os objetivos e encontrar as respostas. Assim como o herói da mitologia, estive atento aos detalhes do cotidiano do universo pesquisado, tomei decisões e tive a clareza necessária para saber onde queria chegar.

Para chegar a esse destino foi necessário definir um tema que recaiu sobre corpo e envelhecimento masculino. Dentro do tema estava o objeto, mas foi preciso descobri-lo iluminado pela literatura e ao observar atentamente o universo do envelhecimento cheguei até o objeto e o defini como retratos corporais masculinos. Porém deparei-me com o estranhamento, aquilo que pensava ser familiar passou a ser não familiar porque, ao me inserir no universo do envelhecimento, muito daquilo que pensava ter visto e conhecido tomou outras conotações e observei a variabilidade do significado do envelhecer.

Essa variabilidade observei no comportamento e, sobretudo, no corpo para me focar no objeto. Dessa forma as discussões teóricas e sociológicas me fizeram compreender as variações sobre o tema e sobre o objeto. As diversas possibilidades de envelhecer foram percebidas por mim ao estar mais atendo ao cotidiano e olhar os velhos e o envelhecimento pela ótica do pesquisador.

A ótica ou o olhar do pesquisador me levaram a um certo distanciamento necessário para perceber nos detalhes os significados da velhice, do corpo envelhecido, e pensar nos indivíduos que ainda não ingressaram nesse ciclo e me questionar sobre seus olhares para o envelhecimento. Então, para dar respostas nessa aventura, fui à busca de indivíduos que estão próximos ao envelhecimento para saber como estão olhando para esse futuro não tão distante e muitas surpresas foram acontecendo no decorrer desse itinerário até o retorno final e, assim, se completar o uróboro.

Nessa aventura muitas outras surpresas foram acontecendo. O leitor verá como foi a decisão para entrevistar um único sujeito e, depois, conhecer sua história de vida. Para mim

ouvir sua história de vida foi uma surpresa a cada entrevista e entendi que realmente não conhecia tão a fundo o tema. Isso me colocou frente a frente com o tema como se estivesse diante de um espelho e a curiosidade abriu as portas para entrevistá-lo em profundidade e o sujeito falou sobre sua vida sem censuras.

O que facilitou essa abertura foi o espaço de confiança e de empatia que nos envolveu e o entrevistado falou com propriedade sobre seu corpo desde a sua infância e como percebe o envelhecimento que se aproxima. Surpreenderam-me seus sentimentos, gestos, posturas, momentos de silêncio durante as entrevistas. Fiquei perplexo ao ouvi-lo falar quase sem parar como se fosse um monólogo. Mas um monólogo não distante e sim próximo porque sentiu que eu o estava compreendendo. Nas entrevistas teve liberdade para ir e vir entre seu passado, presente e pensar seu futuro.

Manifestou como o envelhecimento começa a se configurar em seu corpo e isso requer outro olhar para si mesmo e para a sociedade e como se sente olhado. Deixei que ele falasse e o leitor, certamente, se surpreenderá com suas fantasias, desejos e emoções na análise das entrevistas e nas reflexões sobre gênero. Portanto, para definir o tema e o objeto fiz um percurso necessário que será melhor detalhado posteriormente.

Ao definir o que queria pesquisar foi necessário encontrar as ferramentas que me munissem para essa aventura. Afinal, o herói da mitologia grega sai para sua aventura munido de ferramentas para chegar até o seu destino final. Decidi, então por duas ferramentas: história de vida e observação participante. Com a ferramenta história de vida as entrevistas com o sujeito foram pautadas pela sinceridade e abertura para falar livremente sobre si mesmo e a observação participante me fez olhar atentamente o cotidiano de um grupo de idosos e perceber nos detalhes, aos quais estive atento, o significado de ser velho.

Outra ferramenta foi o método epistemológico que me deu liberdade para construir meu próprio pensamento sobre o tema e desenvolver um conhecimento sobre o envelhecimento masculino. Esse método me propiciou manifestar livremente sentimentos e me aproximou do tema e do objeto e, principalmente, do sujeito entrevistado.

Para que o leitor pudesse entrar no universo dessa pesquisa, fiz uma descrição da observação participante onde colhi muitos dados importantes e levantei questionamentos sobre o tema e o objeto. Apresentei, também, o sujeito entrevistado para que, ao ler a análise das entrevistas nas reflexões de gênero e, no confronto final, saiba a que corpo estive me referindo e conheça o sujeito a partir das transcrições literais.

O herói da mitologia grega em alguns momentos da sua aventura sai um pouco da sua rota, apesar de se manter fiel aos seus objetivos. Mas não é uma saída inconsciente e

inconsequente porque faz parte do seu destino final. Essa saída de rota, esse desvio, está a serviço para resolver alguma outra situação, às vezes contra sua vontade. Mas esses desvios também fazem parte das peripécias do seu destino, são os imprevistos, mas os utiliza para seu próprio bem e reforçar sua busca. Digo isso porque o leitor encontrará uma reflexão sobre gênero que foi feita a partir da observação e das entrevistas com o sujeito pesquisado. São situações de que, em qualquer aventura não se pode fugir, apesar das resistências iniciais. Mas enriquece a pesquisa, incrementa o conhecimento, o pensamento e amadurece o aventureiro, pois o fortalece ainda mais para chegar ao seu destino.

Além de definir qual o meu destino e as ferramentas que utilizei para chegar aos objetivos foi necessário conhecer o terreno onde estaria pisando e traçar uma espécie de mapa. Esse mapa foi conhecer através da história sobre o tema e saber a relevância do mesmo para não fazer um discurso vazio e fora do tempo histórico. Por isso que descrevi um pouco sobre a história do corpo e como este tem sido visto em diferentes épocas, sociedades e culturas. A breve referência histórica sobre o envelhecimento foi, também, com essa intenção e percebi como esta pesquisa é relevante. Reporto-me ao herói grego que, ao iniciar sua aventura, também procura conhecer sua história para traçar o caminho até o seu destino final.

Para conhecer ainda mais o terreno e não andar às escuras num mundo não tão bem conhecido apesar de ter feito um percurso sobre o envelhecimento, os referenciais teóricos serviram de base para dar o impulso necessário e, a partir deles, construir um conhecimento, um pensamento sobre o tema e iluminar o objeto pesquisado. Os referenciais teóricos os expus antes de analisar as entrevistas porque entendi que não seria possível fazer enquadramentos das falas do sujeito pesquisado com cada um deles. Fiz dessa forma porque o sujeito, em cada citação das entrevistas transcritas fielmente que analisei, percebi que ao mesmo tempo falou de ciclo vital, redes de interdependências, configurações e tradição disposicional, ou seja, as instâncias que o retrataram corporalmente. Porém, no decorrer da análise fiz pontuações sobre esses conceitos para que o leitor os tenha sempre presentes.

Porém, para analisar as entrevistas tive de fazer escolhas segundo meus critérios e não fazer enquadramentos enriquece a análise do que o sujeito falou porque demonstra como as instâncias sociais são dinâmicas e influenciam na vida dos indivíduos. Como o leitor tomará conhecimento, trata-se de um sujeito que foi muito marcado pelo social e o carrega em seus retratos corporais.

O momento mais esperado pelo herói grego em sua aventura é o embate final, o confronto com o seu destino que o encaminha para o epílogo. Esse confronto com o entrevistado foi descrito na análise das entrevistas. Ali está o ápice de tudo o que escrevi

anteriormente, ou seja, o percurso anterior preparou para esse encontro com o entrevistado apesar de ter havido, também, nas reflexões sobre gênero.

O leitor irá perceber como o entrevistado mergulhou profundamente em sua vida, em sua história e me conduziu, juntamente com ele, para dentro do seu universo. Despi-me da racionalidade e da criticidade pura para me deixar envolver empaticamente e poder, assim, compreendê-lo através da sua história. Foram manifestações de sentimentos que me surpreenderam e, também, falaram a mim em profundidade porque o entrevistado permitiu que eu entrasse em seu universo e em sua vida e, sem perceber, entrou no meu universo e em minha vida.

A empatia foi o tom das entrevistas para o aprofundamento e provocou perplexidade, estranhamento que se transformou num diálogo profundo em que, muitas vezes, o silêncio falou emocionalmente. Percebi que foi necessário esse envolvimento porque somente assim iria entender as entrelinhas das suas falas e fazer uma leitura pessoal das entrevistas. A empatia é como se o entrevistado fosse me conduzindo pela mão como um guia até seu universo e profundo espaço da sua existência. Assim, tudo o que falou de si teve repercussões em mim e, certamente, irá repercutir, também, no leitor.

O leitor está convidado a entrar nessa aventura e se deixar envolver empaticamente pelo sujeito e pelas entrevistas. Deixar se surpreender é ser conduzido para o seu universo, seu espaço e sua vida. Poderá dialogar, entendê-lo empaticamente e deixar que o entrevistado fale pelo próprio leitor. Despir-se da crítica e da racionalidade é um bom começo para compreendê-lo e, assim, pensar sobre seu corpo e seu envelhecimento e como os retratos corporais se delineiam ao longo do tempo, sobretudo, ao se aproximar da própria velhice.

Penso ser importante esclarecer o estilo de redação. O leitor perceberá estilos conclusivos no início de alguns parágrafos e, também, a prolixidade em reafirmar o dito anteriormente. Trata-se de um estilo próprio de escrita influenciado pelo método psicanalítico no qual se parte das conclusões para buscar as causas e reforçar a fala dos indivíduos. Porém a grande pergunta que norteou essa dissertação foi: para quem fiz essa pesquisa?

Essa pesquisa foi escrita para mim em primeiro lugar por se tratar, também, autobiográfica e ter partido de mim como pesquisador. Mas a partir disso iluminar o social e como este também configura os retratos corporais dos indivíduos. Apesar de ter sido uma pesquisa feita com um único indivíduo masculino poderá servir de reflexão para todos e entender o social configurado no próprio corpo.

# CORPO E ENVELHECIMENTO

## CAPÍTULO I

### CAMINHOS PERCORRIDOS

#### 1 PERCURSOS E DEFINIÇÕES

A partir das leituras que tenho feito para objetivar esta pesquisa entendi que um objeto de investigação é construído, ou seja, o conhecimento científico se conquista, se constrói e se comprova. Segundo Gastón Bachelard (1987), trata-se dos níveis epistemológicos (conquista), metodológicos (a construção) e tecnológicos (a comprovação) da prática que é reconhecida como investigação científica e social.

Esses níveis permitem a formalização do discurso metodológico, ou seja, a formalização da prática investigativa. O nível epistemológico está instaurado pela negociação referida ao que se quer e pela demanda do conhecimento científico. Aquilo que se quer parte de quem necessita saber algo que se revela como uma incompletude daquilo que já sabe. E a pergunta epistemológica se fundamenta em “para que e para quem?” que está situada historicamente entre quem quer saber e o que se quer saber. Institui-se uma relação entre quem quer saber e o detentor do saber.

A falta do conhecimento imediato está mediada pelo não saber que impulsiona a formalizar a investigação do fenômeno que se quer conhecer. É um fenômeno de investigação que proporciona a construção do objeto, traça os objetivos a serem alcançados, leva à formulação de perguntas para desenvolver um tema e chega-se ao sujeito da pesquisa que é o detentor do saber e do conhecimento com seu patrimônio individual, social e cultural dentro de um contexto histórico.

O ponto de partida, ou pelo menos o momento decisivo inicial de toda a investigação social é a definição do seu objeto, a proposta de um problema ao qual se queira dar resposta ou solução. Segundo Guillermo Briones *“a investigação científica não somente parte senão que consiste, basicamente, em enfrentar e propor problemas e em buscar solução. Investigar é, assim, investigar problemas.”* (BRIONES, 1980, p. 14 – tradução livre).

O problema é sinônimo de dificuldade, de tarefa, de exercício ou de pergunta prática e teórica que exige resposta ou solução. Em outras palavras, se refere a um fato não resolvido

que deve encontrar uma resposta teórica ou prática, científica ou vulgar, que possibilitará resolver parcial ou totalmente o problema, segundo ainda Briones (1980).

Construir um objeto de investigação para as Ciências Sociais significa objetivar um sujeito e um saber atribuído a tal subjetividade no qual o sujeito é quem fala e para isso é necessário saber quem é esse sujeito porque não se pode falar daquilo que não se conhece. O objeto para esta pesquisa foi criado segundo o meu próprio ponto de vista, um produto do meu pensamento e das minhas concepções e com isso me aproximei do objeto e mantive sua autonomia fora da minha mente.

Ao criar o objeto descobri novas perspectivas para abordar o envelhecimento e me propus fazer uma sociologia espontânea ao pesquisar o **objeto**: *retratos corporais masculinos*. Espontâneo porque o objeto foi gerado dentro de mim e pude transitar em outras ciências que contribuíram para a construção desta pesquisa ao estar inserido no universo do envelhecimento.

Ao estar inserido no universo dos idosos comecei a observar seus corpos, como se movimentam, a forma como se vestem, falam, dentre outras. Observei o seu cotidiano e meu olhar se voltou, especificamente, para o universo do envelhecimento masculino. Atento e observador dos espaços por eles frequentados surgiu o **tema**: *corpo e envelhecimento masculino*.

As observações focadas sobre o corpo envelhecido me facilitaram definir o tema e o objeto que me levaram à **problemática** e comecei a pensar e a me perguntar: *como os homens percebem o próprio envelhecimento? Perguntei-me ainda mais: como percebem seu corpo, como olham para si mesmo tendo em vista o próprio envelhecimento? Como a sociedade, a cultura e as interações sociais, configuraram seu corpo durante a vida, e o configuram no seu envelhecimento tão próximo? Qual a relação entre os retratos corporais do passado com os retratos corporais do envelhecimento que se avista no horizonte?* Essas perguntas nortearam todo o andamento desta pesquisa. E para dar as respostas a esses questionamentos foi importante decidir que *a faixa etária do entrevistado estivesse em torno dos cinquenta e cinco anos*.

Para entender os retratos corporais masculinos no envelhecimento parti de conceitos que foram melhor explicitados posteriormente. São conceitos que põem o indivíduo e a sociedade um frente ao outro, mas que, no final, concluí que o indivíduo não tem como fugir do social porque existe uma interação entre ambos e pude definir os objetivos a partir desses conceitos.

Os **objetivos** dessa dissertação foram para saber *como as redes de relações e de interdependências, conceitos utilizados por Norbert Elias (1990), e as tradições disposicionais, conceituadas por Bernard Lahire (2004), influenciaram na construção dos retratos corporais durante os ciclos vitais, e como configuram seus retratos corporais no envelhecimento*. O conceito, ciclos vitais, utilizado por Guita Debert (1999), fala que os indivíduos passam por ciclos durante sua vida e os diferencia de fases como faz a psicologia do desenvolvimento.

Foi a partir desses conceitos que surgiram os questionamentos e projetei esses objetivos. Estes conceitos despertaram a minha curiosidade para entender como eles repercutem na construção dos retratos corporais. Percebi que há um diálogo entre eles na configuração dos retratos corporais durante todo o ciclo vital e a ênfase foi no envelhecimento. Portanto, procurei entender como os retratos corporais poderão ser construções simbólicas e serem configurados segundo uma tradição disposicional dentro das redes de relações e de interdependências. Quis entender como, muitas vezes, a construção simbólica dos retratos corporais difere da natureza corporal e como o informante lidou com essa dicotomia.

As respostas aos questionamentos propostos foram dadas pelo entrevistado para atingir os objetivos. Tive em mente que a construção dos retratos corporais está presente em todo o ciclo vital que se inicia com a concepção e se estende até o fim da vida e, também, nos ciclos vitais intermediários: infância, adolescência, vida adulta, trabalho, grupos e instâncias onde o indivíduo circulou e pertenceu. Mas porque pesquisar envelhecimento masculino?

A justificativa para a construção desse objeto e do tema propostos se deu porque, no meu entender, a maioria das pesquisas que existem sobre essa temática referem-se mais ao universo do envelhecimento feminino. Em relação ao envelhecimento masculino versam mais sobre questões familiares, aposentadoria, sexualidade, dentre outras e não tenho encontrado literatura que trate desse tema que proponho. E a faixa etária se justifica porque o sujeito olha para a sua velhice que se apresenta no horizonte e relatou seu olhar sob essa perspectiva.

Inseri de início, o tema, o objeto, os objetivos, a problemática, e a delimitação do sujeito da pesquisa para que o leitor saiba a que me referi ao tratar da construção do objeto desta pesquisa. Definir o objeto foi o ponto de partida para a investigação que, posterior e necessariamente, tive que definir os instrumentos metodológicos e técnicos para dar respostas à problemática, atingir os objetivos propostos, desenvolver o meu próprio pensamento em relação ao corpo e envelhecimento masculino.

Porém, as definições não ocorreram isoladamente, à medida que pensei numa outras se fizeram presentes, mas o ponto de partida foi o que investigar. Portanto, para essa construção um caminho foi percorrido desde as ideias iniciais ainda confusas até sua definição. No entanto, para essa dissertação o objeto e o sujeito não se separam, mas estão em constante diálogo sobre o tema e comigo como pesquisador.

## 2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Início este texto sobre a construção do objeto de pesquisa com uma frase de Rodolfo Roux que diz:

Nem a besta nem Deus se propõem problemas. A primeira porque não pensa e o outro por ser onisciente. Mas para nós, mortais humanos, a vida é labirinto e dúvida, porque nos encontramos à meia água: partimos de um saber que em boa parte é ignorância (ROUX, 1988, p. 45, *tradução livre*).

O ser humano é um eterno angustiado em muitos aspectos da sua existência porque se depara com o não saber. O não-saber impulsiona o ser humano epistemofilicamente a buscar o conhecimento a partir de suas interrogações. Essas interrogações partem de dentro do próprio ser humano que o deixam inquieto, incomodado e, para se tranquilizar, vai em busca de respostas. Para isso traça um caminho que será percorrido, muitas vezes desconhecido e cheio de surpresas, até chegar ao seu destino final. Esse caminho não é tranquilo, mas cheio de percalços, dúvidas, vontade de desistir e muitos sentimentos se fazem presentes. Mas sua persistência e ânsia de sanar as dúvidas o impulsionam para frente.

Essas inquietações surgem do impulso epistemofílico que é a busca do conhecimento e a sua construção, ou seja, a epistemofilia, que vem do método epistemológico, provoca o ser humano em sua mais íntima necessidade de satisfazer seu desejo de conhecer, de saber, pois ele não se conforma com o não-saber. Por isso a *episteme* incomoda, tira o ser humano da sua zona de conforto.

Nesse impulso, vai tomando decisões e percebe que não é possível atender a todas as interrogações que vão se somando ao longo do percurso e começa a fazer escolhas e delimitações para ter claro o que realmente quer e evitar muitos conflitos pessoais e interpessoais que, mesmo assim surgirão. O itinerário começa com suas dúvidas e interrogações e não sossega enquanto não respondê-las.

Para respondê-las inicia sua aventura como o herói da mitologia grega. Encontra pelo caminho vilões que querem derrotá-lo e, até mesmo, destruí-lo, mas o herói tem forças suficientes para enfrentá-los porque seu desejo de chegar ao seu objetivo lhe dá ânimo para se levantar, refazer suas energias e, no final triunfar e completar o uróboro. Ao completá-lo ainda continua insatisfeito e, assim como o herói grego, o ser humano está em luta com sua eterna incompletude e se dá conta cada vez mais que não sabe, ou seja, toma consciência de

uma falta eterna e recomeça sua aventura porque continua intranquilo e com muitas interrogações porque é um eterno desejante, anelante ou aspirante.

A citação de Roux (1988), me deixou inquieto e feriu um pouco o orgulho porque mexeu com uma suposta onisciência e mostrou minha ignorância como pesquisador. Porém não fiquei com a auto-estima baixa, pelo contrário, deu-me mais impulso para buscar conhecimento para saber ainda mais sobre o tema. Isso foi resolvido com o impulso epistemofílico que me lançou em busca do saber. Portanto, as questões que procurei responder deram o norte para atingir os objetivos propostos e aplacar a angústia do não-saber. Ter aceitado que não sei tudo sempre foi o meu impulso inicial para conhecer cada vez mais e me tirou da zona de conforto onde poderia me acomodar e negar a própria ignorância ao imaginar que não tenha mais nada para conhecer.

A angústia do não-saber se deu ao estar inserido e atento ao meio social e observar os indivíduos seja individualmente ou em grupo. Com isso iniciei minha jornada aventurosa até o destino final e, aos poucos, fui construindo todo o processo de pesquisa, tomei decisões, defini o que quis pesquisar e delimitar o tema, o objeto e decidi ser o principal agente da investigação. Como o herói grego dito na introdução que, de início não tem muito claro o seu destino final, se aventura porque tem uma grande tarefa a cumprir.

As dúvidas, a ignorância e o não-saber estão e estavam internalizados e, a princípio me deparei com o caos, a confusão, tateei dentro de mim mesmo para encontrar o ponto de partida para saber onde chegar como se fosse um destino traçado desde o início. Aos poucos tudo começou a ficar mais claro, as dúvidas foram se dissipando e a confusão deu lugar à unidade e harmonia. A confusão inicial aconteceu porque o objeto e o tema partiram de dentro de mim e ao expô-los à realidade começaram a ficar mais claros.

Ao dissipar o caos eu me tornei o proprietário do tema e do objeto de estudos, por isso que a pesquisa tomou, também, ares e olhares autobiográficos sem, necessariamente, falar de mim mesmo. Porém, não é possível fugir totalmente disso porque o tema e o objeto falam de mim como autor e ator através do sujeito entrevistado que deu voz ao que profundamente estava no meu íntimo. O sujeito ofereceu as respostas que procurava, mas, mesmo assim, muitos sentimentos se fizeram presentes no decorrer da pesquisa porque todos os canais de investigação fizeram parte da minha vida como pesquisador.

Ao ter o tema e o objeto internalizados percebi que foram tomados diretamente da realidade e, também, construídos internamente desde referenciais interpretativos e do conhecimento da mesma para serem investigados. Não se tratou de algo pré-concebido, mas foram construídos aos poucos ao estar atento e inserido na realidade. Surgiram os desafios

epistemológicos e teóricos que delimitaram aquilo que eu conhecia sobre o tema e, também, o que ainda não era conhecido, que se tornaram inéditos para mim mesmo e sobre os quais ainda não havia pensado e muitas surpresas se fizeram presentes, novas aprendizagens aconteceram, mais conexões foram possíveis e outras possibilidades de pesquisas se fizeram presentes enquanto fui definindo o que pesquisar.

Os questionamentos iniciais, dentre outros que levaram ao objeto de pesquisa, foram atos subjetivos e intersubjetivos que demonstraram sua importância, o seu significado, a pertinência social e histórica. Senti a importância de reconhecer o meu não-saber que me motivou a definir o tema e entender qual a minha relação com ele se demonstrou vivencial e investigativo. Saber, também, quais referenciais teóricos e conceitos dariam conta do objeto e, no final, construir um conhecimento através da história de vida do sujeito.

O problema foi o ponto inicial que me remeteu a encontrar o objeto para definir os objetivos e o tema a ser pesquisado. Digo isso porque o problema incomoda, inquieta e corrói a tranquilidade e foi necessário encontrar um método e uma técnica para resolvê-lo. Portanto, a construção do objeto foi paulatina na medida em que fui conhecendo o tema e o explorando. Com isso o tema foi definindo seus contornos e tomou dimensões que deram identidade à problemática e ao objeto.

O tema, em princípio genérico, se converteu em questionamentos que se constituíram na problemática da pesquisa. Os referenciais teóricos permitiram contextualizá-lo para delimitar o objeto de estudos que foi definido para dar explicações e respostas, demonstrou os elementos que o constituíram através das entrevistas e da observação do cotidiano dos idosos.

Assim sendo, a decisão pelo objeto de pesquisa está associada ao problema epistemológico, aos objetivos de produzir um conhecimento e às perguntas que foram respondidas. Por isso que um percurso foi necessário para conhecer mais profundamente o universo do envelhecimento e levantar as questões norteadoras.

Foi necessário sair da sombra para a realidade. A sombra é confusa, às vezes disforme, sem cor como sugere Platão (2000). Para dar forma foi necessário dialogar com o tema que iluminou o meu pensamento através da literatura e olhar o objeto com clareza e profundidade e isso exigiu muitas reflexões, angústias, noites mal dormidas, decepções e vontade de desistir.

Tive que fazer enfrentamentos comigo mesmo e com a temática porque o objeto “falava” dentro de mim e me questionava. Esse confronto se deu pela minha proximidade com o envelhecimento e perceber que tudo o que estive lendo se referiu a mim também. As falas do entrevistado falaram de um objeto que está se tornando cada vez mais visível em meu

próprio corpo. Assim se deu o grande enfrentamento: um pesquisador masculino em processo de envelhecimento investigou retratos corporais masculinos.

Portanto, eu como pesquisador não fui um coletor neutro de informações e isso estabeleceu uma relação dialógica entre mim, o objeto e o sujeito da pesquisa ao falarmos de um tema e de um objeto comuns. Ao estarmos no mesmo nível pude ser um ouvinte empático que se colocou no universo do sujeito.

Ao estar inserido no universo do envelhecimento foi possível conhecer melhor o terreno onde estive pisando. Quanto mais conheci o terreno mais relações foram possíveis de se fazer entre o entrevistado e suas falas com os referenciais teóricos e produzir meu próprio pensamento. Isso levou a me apaixonar cada vez mais por essa pesquisa e pude fazer os enfrentamentos necessários com o distanciamento suficiente para não embaçar esse estudo.

Para conhecer melhor o envelhecimento e o seu universo, participei do NUPEN (Núcleo Palotino do Envelhecimento), vinculado à FAPAS (Faculdade Palotina), em Santa Maria (RS). O meu contato com pessoas mais idosas tinha sido até então na clínica de atendimentos psicoterapêuticos e leituras sobre o tema com enfoques psicanalíticos. Daí surgiu também outro confronto: um psicólogo com formação psicanalítica que pesquisou sobre o envelhecimento e procurou entender o limite entre a Psicologia e as Ciências Sociais.

Nesse Núcleo comecei a olhar mais atentamente para os idosos e entender a diversidade de significados de envelhecer. Observar no seu cotidiano distante da clínica psicanalítica me mostrou essa variabilidade. Porém, o entrevistado não é frequentador desse espaço. Preferi alguém de fora por questão de ética, pois seria alguém conhecido do grupo e não se sentiria à vontade para falar sem censuras.

Apesar da variabilidade de possibilidades para abordar o tema fui ao encontro do objeto de pesquisa e de um sujeito que dele pudesse me falar abertamente. Para isso foi preciso despertar a confiabilidade e estabelecer uma relação dialógica respeitosa com ele e fazer escolhas. E a escolha recaiu sobre um sujeito após ter feito seis entrevistas sobre o tema com homens da faixa etária de 51 a 55 anos. Essa escolha não foi casual, mas resultante de muitas reflexões para que o entrevistado pudesse estar à minha disposição. Para ilustrar como aconteceu o encontro com o objeto para depois fazer esta escolha faço referências ao escultor renascentista Michelângelo. E por quê desta escolha?

A escolha pelo entrevistado se deveu ao fato de ter percebido a possibilidade de fazer uma pesquisa em profundidade. As outras entrevistas deram um rico material que utilizei para um artigo que foi enviado para ser submetido à publicação. O escolhido mostrou na primeira entrevista que teria um vasto e rico material para o desenvolvimento desta pesquisa.

Michelângelo<sup>2</sup> comentou sobre as belas estátuas de mármore que esculpiu. Quando lhe perguntaram sobre isso respondeu que a ideia - a imagem da estátua, que é o objeto – estava dentro dele em primeiro lugar. Para expor essa imagem ao público e, primeiramente para ele mesmo, precisava de um bloco de mármore e dentro desse bloco visualizava o que tinha dentro de si. Aos poucos foi tirando os excessos, ou seja, tudo aquilo que encobria a imagem que estava dentro daquele bloco e, após muito esforço, a imagem começava a aparecer e tomar forma de tal jeito que esta parecia um ser humano real após passar pelo polimento necessário. A estátua como todo seu esplendor e beleza era o objeto que o escultor procurava, mas que estava dentro de si e poderia expressar após o seu trabalho de escultor. A imagem falava por ele mesmo e despertava paixões no escultor.

Assim como para o escultor, o objeto da pesquisa estava dentro de mim, mas era necessário que ganhasse forma. Para isso foi necessário tirar os excessos de ideias e de pensamentos preconcebidos, me despir da racionalidade crítica e deixar que meus sentimentos falassem através do objeto e de um ser humano real – o sujeito - para que pusesse em palavras os seus pensamentos sobre os retratos corporais no envelhecimento que se aproxima. Isso possibilitou uma relação dialógica e, através do diálogo, o entrevistado falou do objeto que foi “esculpindo” dentro dele também.

Conheci sua história de vida e, através dela, conheci minha própria história. Ao conhecer onde ele viveu e vive, entendi o seu e o meu universo. O meu universo atual formado por idosos, pois moro numa casa onde vivem os membros da instituição religiosa a qual pertença que estão doentes ou não têm mais condições para o trabalho. Esse grupo é como se fosse o bloco de mármore e, “lapidando-o”, encontrei o objeto que ganhou forma e pude expô-lo através das palavras do sujeito entrevistado.

A construção do objeto de pesquisa se deu, também, através da memória do sujeito que tangenciou e tangencia toda a sua história de vida. Ou seja, o entrevistado fez a memorização de sua história pregressa e relembrou fatos e episódios da sua vida que o marcaram profundamente.

---

<sup>2</sup> Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (Caprese, 6 de Março de 1475 — Roma, 18 de Fevereiro de 1564), mais conhecido simplesmente como Miguel Ângelo<sup>(português europeu)</sup> ou Michelangelo<sup>(português brasileiro)</sup>, foi um pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano, considerado um dos maiores criadores da história da arte do ocidente (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre).

## 2.1 Retratos corporais do cotidiano de um grupo de idosos

Tenho dito que para definir o objeto de estudos observei idosos em seu cotidiano e, também um grupo que vive numa residência onde eu também moro. Foi nesse espaço que o objeto e o tema foram sendo esculpidos e consolidados. Ali muitas perguntas se fizeram presentes e percebi a variabilidade do que é ser velho.

No início do ano de 2013 fui morar numa comunidade de religiosos onde vivem idosos além de outros mais jovens. Dentre esses mais jovens um é o reitor que coordena as equipes de trabalho e atende, juntamente com essas equipes, os idosos, bem como outros que ali habitam por causa do seu trabalho e a docência. Essa mudança me inseriu dentro do universo dos idosos o que nunca havia acontecido anteriormente apesar de me relacionar com pessoas idosas.

No princípio, isso causou estranheza e inquietações porque comecei a me perguntar como seria morar numa casa onde moram idosos? Ainda mais, idosos cadeirantes, dependentes pois eu sabia de antemão como era a vida dentro desse espaço porque havia estado ali muitas vezes antes. Não era um espaço desconhecido, a diferença é que nunca havia tido uma convivência diária com idosos, participado do seu dia a dia e de atividades como estar no mesmo refeitório para as refeições e outros momentos em que todos se reúnem.

Essa mudança me colocou frente a frente, como num espelho, com o envelhecimento e com o meu destino que, também, se apresenta no horizonte. Assim passei a conviver diariamente com muitas situações que não faziam parte do meu cotidiano. Comecei a conviver com técnicos de enfermagem que se revezam dia e noite, medicamentos, consultas e exames médicos que também fazem parte da rotina. De muitas situações com as quais passei a conviver eu tinha consciência, mas nunca imaginei como era, algumas coisas que nunca tinha visto, foram, de certa forma novidades para mim como, por exemplo, ver um idoso usando fraldão e conhecer esse objeto de uso. Muitas outras coisas me causaram estranheza ao vê-las acontecerem na minha frente, apesar de saber que aconteciam com pessoas idosas.

Causaram-me estranheza as restrições alimentares e de locomoção de alguns. Às vezes sinto até inveja, porque os velhinhos não precisam se preocupar com tantas atividades com as quais ainda me preocupo, a correria diária para atender a tantas demandas da docência e outros afazeres. Eles têm seu tempo e dispõem dele como desejam e, por outro lado, não têm a mobilidade para irem onde quiserem como ainda tenho. Diante disso surgiram enfrentamentos, desconfortos e expectativas.

Essas situações levantaram muitos questionamentos e sentimentos em relação ao envelhecimento. Ao mesmo tempo em que os invejo, não desejo isso, não desejo envelhecer porque, às vezes, significa perder muito da própria vontade, pois eu vejo que se deixar um cadeirante em algum lugar, ali irá permanecer até que apareça alguém para levá-lo a outro lugar ou o atendê-lo.

Causou estranheza ouvir queixas, falar em doenças, escutar palavras de irritação, pois há quem queira tomar um copo de vinho no almoço, por exemplo, e não pode porque isso prejudicaria sua saúde e os efeitos da medicação; irritações quando as limitações corporais se impõem à sua vontade. Confronto ao ver alguns olhando o pátio interno como se fosse o mundo e um mundo pequeno demais. Estranhei ver aquele que não sai de dentro de casa apesar de ainda ter condições para isso.

Essas imagens do cotidiano retratam também o corporal. São corpos frágeis, debilitados de alguns e, por outro lado, aquele que se sente feliz por ainda ter forças para alguns afazeres apesar da idade avançada. Dessa forma fui delimitando o objeto desse estudo. Senti-me como o escultor diante de um bloco de mármore que, aos poucos, vai talhando os excessos até a imagem aparecer com todo seu esplendor e beleza.

Observei o dia a dia, o cotidiano e a rotina e senti que a velhice se escancarou diante de mim assim como as várias formas de envelhecer. Através das cenas diárias pude entender o significado da velhice retratada em seus corpos e em sua linguagem que produz um outro discurso e um vocabulário específico. E que discursos produzem? Isso será mostrado na análise das entrevistas.

Apesar dessa convivência diária a velhice provocou estranhamentos porque cada dia algo novo acontece nesse espaço. Isso ressignifica e reconstrói conceitos sobre o envelhecimento. Segundo Gilberto Velho (1978), o familiar passou a ser não familiar e denotou a multiplicidade do significado de ser velho. Percebi que não há fixidez, mas uma construção e reconstrução de conceitos em relação à velhice porque a cada dia eles mesmos se reconstroem e produzem um novo discurso.

Para ilustrar isso, cito Cícero que diz:

Assim, percebereis que, longe de ser passiva e inerte, a velhice é sempre atarefada, fervilhante, ocupada em atividades relacionadas com o passado e os gostos de cada um. E certos velhos, em vez de se repetirem, continuam mesmo a estudar coisas novas. (CÍCERO, 1997).

Realmente percebi que os idosos não se repetem e cada um vive sua velhice e a retrata em seu corpo e em suas atitudes de forma singular. Há os que querem aprender coisas novas,

outros relutam e, ainda outros, desistiram de quase tudo. Percebi que cada um tem seu próprio conceito do que é ser velho e produz seu discurso pessoal e isso me fez entender que não há fixidez para a velhice, nem se pode enquadrá-la em paradigmas ou modelos e nem conceituá-la universalmente.

Enquadrar a velhice seria uma atitude procrustiana. Segundo Mário G. Kury, Procrustes é o apelido de um bandido chamado Damastes ou Polipêmon, que assaltava os viajantes na estrada de Mêgara a Atenas. Procrustes obrigava os viajantes altos a deitarem-se num leito menor que eles, e os baixos num leito maior, cortando as pernas dos primeiros e puxando violentamente os pés dos segundos para ajustá-los à cama. Procrustes foi morto por Teseu. (KURY, 1992).

Apesar da impossibilidade para enquadrar a velhice, existem coesões entre seus significados através do diálogo com o corpo e cada participante desse espaço tem sua história de vida e sua cultura. Pertencem à mesma instituição, exerceram as mesmas funções, com formação acadêmica semelhante, mas mantiveram a sua individualidade, algo neles permaneceu que lhes conferiu singularidade. Estão na mesma faixa etária dos oitenta anos a mais e a velhice impossibilitou a muitos para continuarem suas atividades.

Alguns necessitam de mais cuidados que outros; alguns mantêm certa autonomia enquanto outros são dependentes para tudo ou quase tudo até mesmo para fazerem suas necessidades fisiológicas, banho e receberem comida na boca ou servir o prato. Trata-se de falta de autonomia e de independência. Mas o que são autonomia e independência? Autonomia refere-se à capacidade de gerir a própria vida e de tomar decisões. Independência refere-se à capacidade de realizar atividades cotidianas sem auxílio.

Através da observação participante, um olhar atento e analítico, mas não tão distante e nem muito racional, ou seja, uma racionalidade necessária, fui desbastando com meu olhar, para chegar até o objeto de estudos. Entendi os limites entre a razão e a subjetividade para fazer o enlaçamento e produzir um conhecimento. Tomei todo cuidado para não misturar demasiadamente o meu universo com o deles e nem perder o que me moveu para buscar as respostas que estão dentro de mim também e estabelecer uma relação de empatia e de diálogo profundo com o sujeito entrevistado.

Para estabelecer essa relação dialógica com o entrevistado foi preciso, primeiramente, observar o universo dos idosos para conhecê-los em profundidade porque não se pode falar daquilo que não se conhece. Mergulhado naquele espaço levantei questionamentos sobre o processo do envelhecimento do sujeito da entrevista que ainda não está nesse ciclo, mas para entender como ele está percebendo e sentindo essa possibilidade tão próxima. Através dessa

observação percebi as nuances do corpo no envelhecimento e, posteriormente, questioneei o entrevistado sobre o que tinha observado e isso gerou um vasto e rico material dessas observações.

Não é possível relatar todas as cenas diárias desse ambiente. Mas irei descrever uma que considero a síntese de como o envelhecimento poderá ser percebido e entendido. Nesse espaço há ritos e ritmos e cada um vai lidando com seu envelhecimento do seu jeito; cada um lida com suas próprias limitações e restrições que reproduzem e produzem discursos emocionais e corporais. E ao manifestar o que percebi empaticamente legitima esse estudo para mim mesmo e, com isso, terei a liberdade para fazer escolhas e analisar o discurso do entrevistado segundo meus critérios e expor minha forma de pensar e produzir um texto sobre o tema.

Ao pensar assim e manifestar o que percebi empaticamente me apropriei do objeto e dou significados a ele segundo meus critérios, mas, no final, os retratos corporais se conjugam com o social. Isso rompe em parte com o dualismo e o racionalismo exagerado porque estarei falando de seres humanos que não são somente racionais, mas dotados de sentimentos e eu, como pesquisador, também o sou. Para exemplificar irei descrever uma cena que define esse espaço e os discursos que o corpo produz através dos retratos corporais.

Fim do almoço, todos saem aos poucos do refeitório e se dirigem para seus quartos. No corredor que dá acesso aos quartos estão, também, os velinhos que moram nesse espaço. Eu, logo atrás, observo a cena e olho como caminham, se movimentam, seus corpos curvados e frágeis. O alarido das conversas durante a refeição deu lugar ao silêncio. E lentamente alguns seguem seu itinerário; uns chegaram aos seus destinos mais rápido que outros e há somente ruídos.

Ouvi o ruído das cadeiras de rodas, pés arrastados de alguns, batida de bengala no chão. Alguns curvados para a frente e me deram a impressão que iriam cair. Chamou-me a atenção um desses velinhos que caminha curvado para a frente como se fosse um ângulo de noventa graus, mas ao ficar parado em pé, se posiciona como se fosse um S (esse) para se equilibrar.

Há um corrimão ao longo dos corredores e muitos precisaram se agarrar para que pudessem andar e, ainda assim, o fizeram lentamente. Percebi que, em alguns momentos, quem vem logo atrás de quem caminha se segurando, se irrita porque precisa esperar.

Nesse itinerário alguns pararam porque precisaram recuperar o fôlego para seguir adiante até seu quarto. Ouvi a respiração ofegante e cansada. Olhei seus rostos sérios marcados pelo tempo, seus olhos opacos, sua pele tão fina que parece um papel de seda e tive

a impressão que facilmente se romperia. Enquanto caminhavam tive a sensação que a vida foi ficando nas pegadas como que escorrendo pelas suas pernas deixando para trás as marcas e os rastros da finitude.

Seus cabelos brancos, corpos fragilizados pelo tempo, as rugas que contam seus anos e narram a história de cada um. Olhei suas roupas envelhecidas pelo tempo de uso apesar de estarem em bom estado e limpas, raramente usam roupa nova. Mas o diretor da casa me disse que eles têm, mas não as usam, pois preferem as velhas.

Nesse momento de um deles caiu a calça e o fraldão ficou de fora e isso foi motivo de risos de uns enquanto que outros ficaram calados e sérios. Senti o cheiro que exalam, apesar do banho diário, e me deu a impressão que a velhice tem um odor característico que não sei explicar. Penso que somente se sente esse odor através dessa interação empática com o envelhecimento.

Muitas outras observações poderiam ser feitas, mas o importante foi descrever o meu olhar e a subjetividade que esta cena despertou. Possibilitou-me perceber a fragilidade do corpo na velhice e isso me impulsionou a encontrar um sujeito que me falasse sobre seu olhar para o próprio corpo que começa a envelhecer.

Como disse anteriormente cada um tem seu ritmo e rito. O rito de se sentarem nos mesmos lugares às mesas na hora das refeições e se algum outro o ocupa há protestos. Olhei suas dificuldades para folhear a revista ou o jornal porque as pontas dos seus dedos estão lisas demais e perderam a aderência; assoar o nariz na hora das refeições, a fragilidade de outros com as mudanças climáticas.

Ao participar desse cotidiano estive em contato direto com o envelhecimento e, por vezes, senti que o tempo é implacável. Ouvi queixas e lamentos como, também, belos relatos de vida, de bem estar e as falas que giram em torno de política, economia, futebol, religião dentre outras. E tudo me tocou profundamente e percebi que seus corpos denunciavam que o tempo passou e, através de alguns relatos entendi que o tempo passou depressa demais.

Inserido nesse espaço e o observando levantei questionamentos sobre o corpo masculino, fui entendendo o destino de todos, bem como o meu. Percebi que a velhice assusta, mas que precisa de empatia para entendê-la. Por ser um pesquisador empático, compreendi o mundo deles para, com isso, entender o meu próprio mundo, o mundo do entrevistado e sentir como o corpo se mostra com o passar do tempo.

No envelhecimento o corpo está em evidência e através dele a velhice mostra a sua face. Esses indivíduos são pessoas que trabalharam em muitos lugares e agora se delinea um outro olhar em relação ao seu próprio corpo, um corpo que não tem mais a mesma força e

agilidade que atendia a todas as vontades. Isso reflete o que um entrevistado comentou: “*A velhice me pregou uma peça*”. E me lembrei da frase do filme *O Quarteto* (Inglaterra 2012) em que um dos personagens diz: “*Envelhecer não é para maricas.*” Na verdade significa que envelhecer não é para os covardes, mas para os fortes.<sup>3</sup>

Envelhecer é para os fortes porque nesse espaço fui entendendo que enfrentar o envelhecimento e tudo aquilo que o envolve não é uma tarefa simples. Enfrentar dores, limitações e, ainda assim, ter desejo para continuar a existir exige força e coragem. Pois observei que há aqueles que não querem se entregar à velhice e nem aceitar certas limitações.

Essa breve etnografia facilitou a definição do objeto porque, ao olhar atentamente os detalhes do cotidiano desses idosos, compreendi cada vez melhor esse universo e encontrei o objeto que estava ali, como se fosse um Michelângelo tirando os excessos do bloco de mármore. Na multiplicidade e maneiras de ser velho o objeto estava oculto e a observação participante favoreceu a sua descoberta e compreendi a variabilidade do que é ser idoso.

Talvez o leitor possa estranhar a linguagem coloquial que estou usando, mas de início foi estranho para mim também. Esse auto-estranhamento inicial ocorreu porque nos seminários de metodologia em Ciências Sociais ouvi muitas vezes que o cientista social deve ser racional e crítico. Uma racionalidade crítica paretiana<sup>4</sup> onde não haveria espaço para a subjetividade e os sentimentos seriam tratados como resíduos.

---

<sup>3</sup> Primeiro filme com a direção do ator Dustin Hoffman. Beecham é uma casa para músicos já aposentados, que vive em perigo de fechar graças às suas incontáveis dívidas. A casa consegue se manter com o dinheiro provindo da apresentação anual do aniversário de Verdi, onde os residentes fazem apresentações. Nesse meio estão Reginald (Tom Courtenay), Cissy (Pauline Collins) e Wilfred (Billy Connolly), três integrantes do magnífico quarteto de **Rigoletto**, ópera de Giuseppe Verdi. Prontos para a apresentação, a casa é abalada com a chegada de Jean Horton (Maggie Smith). Com a nova moradora da Beecham, o quarteto fica completo e mágoas não resolvidas voltam à tona.

<sup>4</sup> Nascido *Wilfried Fritz Pareto* na Alemanha, viveu de 1848 a 1923, de pais italianos da Ligúria, sua família detinha o título de nobreza desde o início do século XVIII. Na sociologia, Pareto contribuiu para a elevação desta disciplina ao estatuto de ciência. Sua recusa em atribuir um caráter utilitário à ciência, mas antes apontar para sua busca pela verdade independentemente de sua utilidade, o faz distinguir como objeto da sociologia as ações não-lógicas diferentemente do objeto da economia como sendo as ações lógicas. A utilidade é o objeto das ações, enquanto que o da ciência é a verdade ao que Pareto se propõe a estudar de forma lógica ações não-lógicas, que, segundo ele, são as mais comuns entre os seres humanos. O homem para Vilfredo Pareto não é um ser racional, mas um ser que raciocina tão somente. Frequentemente este homem tenta atribuir justificativas pretensamente lógicas para suas ações ilógicas deixando-se levar pelos sentimentos. A relação entre ciência e ação para Pareto se dá diretamente com as ações lógicas, uma vez que estas, ao se definirem pela coincidência entre a relação objetiva e subjetiva entre meios e fins (tal relação é verdadeira tanto objetivamente, constatada pelos fatos, quanto subjetivamente, presente na consciência humana, que conhece os fatos), está pautada pelo conhecimento das regularidades entre uma causa X e um efeito Y. No entanto, a ciência é limitada, ela conhece parte dos fatos e está em constante desenvolvimento, por isso, as ações baseadas nos conhecimentos produzidos por ela serem raras sendo mais frequentes as ações não-lógicas, que não conhecem a verdade dos fatos, mas que são baseadas nas intuições e emoções dos indivíduos e grupos. Há, mesmo assim, probabilidades de sucesso nestas ações: aqueles que agem motivados por um ideal podem produzir efeitos objetivos na realidade, ainda que no curso de sua ação tenham que modificá-la para adaptá-la

Porém, ao seguir o percurso do método epistemológico, percebi os canais abertos para abordar a temática cientificamente sem a preocupação com rigidez e os enquadramentos. No entanto, estive ciente que alguns parâmetros foi necessário segui-los, o que me deu uma base sólida nessa aventura. Com esse método deixei os pensamentos fluírem livremente sem ter tanta preocupação com a racionalidade, porém ela esteve presente porque não tive como abdicar dela.

Essa liberdade forneceu as ferramentas para expor dúvidas o que deu mais autenticidade e legitimação para a construção do texto. Fiz uma autocrítica em relação ao tema para construir o objeto e a dissertação se tornou mais autoral. Ilustro com o que Tereza Caldeira (1988) diz porque a pesquisa remeteu, automaticamente, ao meu mundo subjetivo e, porque não dizer, do leitor para que o conhecimento possa circular e não ficar enclausurado. Sobre as manifestações de sentimentos e dúvidas diz Caldeira:

Expor no texto as suas dúvidas e a interpretação, sempre parcial. As regras implícitas que regem a relação entre autor, objeto e leitor, e que permitem a produção, a legibilidade e a legitimidade do texto etnográfico estão mudando. Essa mudança está associada ao processo de autocrítica porque passa a antropologia hoje, em que os mais variados aspectos de sua prática vêm sendo questionados e desconstruídos. (CALDEIRA, 1988, p.133).

Portanto, o conhecimento se dá pelo saber, pelo operar, pela subjetividade do autor e não somente pelos emolduramentos ou enquadramentos. Emoldurar o conhecimento seria encriptá-lo e encerrá-lo num labirinto ou colocá-lo no leito como se fosse Procrustes e correr o risco de repetir o que existe sem construir o meu próprio pensamento.

Para melhor explicar a formatação do objeto de pesquisa penso ser importante salientar que, apesar de estar dentro de mim não surgiu do nada. Surgiu ao estar atento e inserido no universo do envelhecimento, mas a ideia de corpo e envelhecimento não é nenhuma novidade, o que proponho é um outro olhar. Essa ideia existente faz parte da história e Ludwik Fleck (2010), chama de protoideia ou pré-ideia. Na introdução do seu livro *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*, os autores da introdução Lothar Schafer e Thomas Schnelle dizem que:

Elas designam as idéias surgidas num passado distante, que persistiram apesar das mudanças dos estilos de pensamento. Quando épocas novas dão continuidade ao

---

às circunstâncias até então desconhecidas. É preciso, no entanto, ressaltar que a ciência não pode resolver os problemas impostos pela ação. Aquela não pode indicar quais os melhores fins para esta, pode somente indicar os meios mais eficazes para atingí-los uma vez escolhidos. A ciência, portanto, não se propõe a efetuar juízos de valor a respeito das ações individuais ou da organização social, não poderá solucionar seus problemas. Poderá sim criticá-los enquanto não-lógicos, ou seja, pautados numa relação falsa, não objetiva, entre meios e fins (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.)

estado do saber das épocas anteriores, essas concepções se distanciam da sua gênese e a sua fundamentação original: elas são interpretadas de maneira diferente em virtude de seu estilo de pensamento. O valor que possuem em cada época, portanto, reside exatamente no fato de seu conteúdo ser compreendido cada vez de outra maneira, de modo que assumem uma função heurística que regula a pesquisa. (FLECK, 2010, p. 21).

Esta citação, a meu ver, diz que as idéias têm continuidade e isso às distancia do seu conceito original porque são interpretadas de maneiras diferentes de acordo com o tempo histórico, a cultura e a sociedade. E falar em corpo está dentro do espírito do tempo, porque tenho observado como na sociedade o corpo tem sido retratado e tomou grande relevância, sobretudo um corpo jovem, sem rugas e ágil. Isso me facilitou criar um estilo próprio de pensamento o qual demandou um agenciamento.

Agenciamento, segundo Fleck (2010), é a construção de um diálogo entre o pesquisador, o seu objeto e o sujeito da pesquisa. Um diálogo aberto e franco num fluir contínuo entre os saberes como pesquisador e com os saberes do sujeito da pesquisa ambos inseridos na sociedade, na cultura e com sua história. Uma pesquisa necessariamente deve estar inserida dentro de um contexto histórico e cultural para ter relevância e, com isso, não fazer um jogo de palavras vazias ou uma epistemologia imaginária. Com essa metodologia associada ao agenciamento construí um texto que contém a minha marca como autor.

Nesse agenciamento se deu o confronto de ideias, de pensamentos e sentimentos sobre o corpo e o envelhecimento. Ao falar sua história o sujeito falou por mim, falou da sociedade e da cultura e o leitor, ao ler esse texto, poderá deixar que o sujeito da pesquisa também fale por si mesmo e perceberá como suas falas e seus olhares falaram da sociedade e, assim, se apaixonar pelo objeto e seguir adiante, pois certamente muitos sentimentos se fizeram e se farão presentes, assim como aconteceu comigo na minha relação com o sujeito.

Esse convite ao leitor permite-lhe que possa fazer suas próprias interpretações e análises desse texto. Facilita que haja críticas e outros desdobramentos porque está aberto ao confronto de idéias e de pensamentos sobre o tema ao fazer o enlaçamento com o social, pois o próprio leitor, assim como me senti, poderá se sentir provocado pelo entrevistado e pelo objeto de pesquisa e reagir à sua maneira. Mas, certamente, entrará em relação profunda com ambos e se sentirá questionado assim como eu fui, e esses questionamentos eliciarem enfrentamentos e discussões e criar uma relação de diálogo com o objeto e o sujeito.

Nessa relação com o sujeito entrevistado, percebi que tanto ele quanto eu tivemos nossos próprios pensamentos, mas que se conjugaram no social, no cultural e no histórico porque carregamos essas instâncias em nossos retratos corporais. Essas instâncias, percebi,

foram uma espécie de “fardo” pesado para o sujeito e eu tive que carregá-lo ou ajudá-lo a carregar esse peso. Ao mesmo tempo eu, como pesquisador, também defrontei-me com o meu próprio fardo. Portanto, houve uma troca empática de saberes e de conhecimentos sobre o mesmo objeto de investigação ao falarmos de um mesmo tema.

Juntos carregamos o coletivo, o social e o cultural e a forma como se deu esse processo foi transmitido através da linguagem e da palavra para que essa história circule e produza mais conhecimentos. Talvez não seja uma linguagem cientificamente esperada por ser tão coloquial. Eu disse *nossa* porque eu também me senti retratado pelo sujeito e imagino que, o leitor, também se sentirá retratado ao conhecer sua história.

O sujeito falou abertamente sobre seus retratos corporais. Senti que, aos poucos, foi esculpindo dentro de si mesmo e me mostrou com plenitude o resultado, como o escultor expõe sua obra de arte ao público. Isso gerou agenciamento, como disse antes, e me provocou profundamente o que facilitou o entendimento, mas ele manteve sua autonomia.

Portanto, para construir o objeto a partir das perguntas que definiram o tema e os objetivos, tive que fazer escolhas e um distanciamento necessário. Aos poucos meu olhar se tornou aguçado para perceber nos detalhes o que quis pesquisar. Muitos excessos foram tirados para que o objeto pudesse se tornar conhecido e pleno para mim. Isso exigiu um mergulho em profundidade no universo do envelhecimento.

### 3 FERRAMENTAS DA PESQUISA

A definição pelas ferramentas dessa pesquisa foi confeccionada ao longo do percurso e das definições que fiz antes de decidir qual método e técnica iria utilizar posteriormente. Foi importante participar de espaços e lugares frequentados por idosos para decidir qual ferramenta melhor atenderia aos objetivos.

Existe diferença entre espaço e lugar. Segundo Michel Certaux “*espaço é um lugar praticado.*” (CERTAUX, 1988, p. 202); enquanto que lugar é “*uma ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de existência. Lugar é uma configuração instantânea de posições.*” (CERTAUX, 1988, p. 201). Porém, os espaços deram a chave para chegar ao tema e ao objeto.

Para isso foi importante ter feito entrevistas com alguns sujeitos que estavam na faixa etária da pesquisa e dentre esses a escolha recaiu sobre um deles. Não foi uma escolha ao acaso, mas uma decisão consciente para que essa pesquisa tomasse a dimensão e profundidade a qual chegou. Mas a decisão final para participar foi do próprio sujeito escolhido e tivemos que negociar.

Nas negociações o sujeito fez várias perguntas para ter maiores esclarecimentos, pois contar sua história de vida não seria tão simples e precisaria pensar um pouco mais porque iria tocar em temas muito doloridos de sua vida e no que se refere ao seu corpo. Sabia que não iria falar somente sobre o corpo, mas de todo o contexto sócio-cultural onde viveu e como isso espelha seu envelhecimento. Pediu-me, ainda, por que eu o havia escolhido e disse-lhe que sua história, mesmo breve na entrevista piloto, havia me chamado muito a atenção. Ao final disse-lhe que poderia pensar e me dar uma resposta quando tivesse certeza de que realmente queria participar.

Expliquei-lhe, também, que teria de ficar à minha disposição para conversarmos muitas vezes porque, no decorrer da pesquisa, precisaria que ele me desse mais informações sobre sua história pessoal. Garanti-lhe que respeitaria sua disponibilidade de horários, o local poderia ser na sua casa ou na minha sala de trabalho e que gravaríamos as entrevistas, mas tudo ficaria em sigilo por questão de ética e que as entrevistas seriam transcritas para depois serem analisadas.

Três dias depois o sujeito pediu para conversarmos e disse-me que estava disposto a colaborar e se surgissem algumas dúvidas me perguntaria. Disse-me que não se tratava de

confiança, pois pelo fato de sermos conhecidos e de saber quem eu sou e o que faço isso não seria problema. Assim, combinamos de nos encontrar para retomarmos o que havíamos conversado na primeira entrevista e aprofundar muitas questões trazidas por ele. Disse-lhe que iríamos falar de sua vida desde sua infância até chegarmos à sua idade atual, mas que não se preocupasse em dar um delineamento e nem se preocupar com a cronologia dos fatos, mas que deixasse sua história fluir num vai e vem contínuo. Ao final dessa conversa me disse: “*vai virar minha vida do avesso*”. Concordei com ele que de certa forma seria isso mesmo.

As negociações não foram rápidas. Nos encontros que tivemos ficamos conversando muito tempo porque ele quis saber todos os detalhes. Sobre isso Daniel Bertaux (2005), salienta que o sujeito da pesquisa deve saber todos os detalhes para ter maior segurança e garantir o sigilo.

O sujeito da pesquisa se tornou o produtor do conhecimento e pude ver nele o social retratado em seu corpo. Houve trocas entre pesquisado e pesquisador, entre o social e o cultural. Isso “*augmenta os elementos seletivos do saber*” (FLECK, 2010, p. 131). Nas entrevistas houve troca de saberes: o do entrevistado com seu universo e o do pesquisador com o respaldo teórico, mas, também, com seu universo e assim produzi um fato científico que poderá ou não ser provisório.

Um fato científico provisório trata de uma

Relação de conceitos conforme o estilo de pensamento, que, embora possa ser investigável por meio de ponto de vista históricos e da psicologia individual e coletiva, nunca poderá ser simplesmente construída, em sua totalidade, por meio desses pontos de vista. (FLECK, 2010, p. 132).

O provisório acontece porque há uma associação inseparável das partes ativas e passivas do saber e nisso se encaixa outro fenômeno que é a elaboração do conhecimento que, quanto mais desenvolvida menos chances de haver diferenças de opiniões visto que o objeto de estudo já supõe algumas pressuposições.

Apesar de a escolha e a definição do objeto de investigação já possuírem algumas pressuposições foi preciso levar em conta outras definições da sociedade, da cultura, dos hábitos e a entrevista se tornou a possibilidade para ampliar a área de conhecimento. Porém, o olhar pode ser confuso e parcial segundo Fleck (2010), pode ser acumulado caoticamente e de estilos variados com disposições contraditórias e, ainda é possível o olhar do pesquisador não ter uma direção única, mas variar de um lugar para outro. Para resolver isso foi necessário estabelecer limites e deixar outros temas que poderiam ser tratados em outra ocasião.

Com a definição do objeto após muita observação e as entrevistas terem dado uma direção, outros olhares ainda são possíveis. O olhar fixo propriamente dito não se concretiza porque algo mais ainda acaba faltando. Portanto, é uma ilusão querer atingir todos os níveis na busca do conhecimento e do saber, pois é assim, paulatinamente, que se constrói a gênese do conhecimento. E através da técnica se busca o saber e o conhecer com um olhar mais apurado para saber onde se quer chegar.

Através das entrevistas fiz a experiência de conceitos e estilos, para depois dar forma à pesquisa. Dentre esses passos houve confusões, esperanças e decepções. Porém penso que tudo funciona como uma unidade inseparável e sobre isso fala Fleck:

O pesquisador fica tateando: tudo cede, não há nenhuma referência firme. Tudo é percebido como efeito artificial que obedece à própria vontade: cada formulação se dilui no próximo teste. Ele procura a resistência, a coerção de pensamento, em relação à quais ele poderia se sentir numa posição passiva. (FLECK, 2010, p. 144)

Segundo Fleck (2010), o pesquisador poderá buscar em sua história seus pontos de apoio e, também, tudo o que personifica amigos e inimigos, tudo aquilo que favorece ou freia suas atividades. Digo isso porque vivenciei esses momentos e saber que não estive sozinho nessa empreitada e até ter clareza do que realmente queria, muitos aprendizados aconteceram.

De início me senti no meio de uma confusão que não conseguia compreender, um caos ao meu redor e nos pensamentos, mas algo resistiu que se tornou o solo firme. Ilustro novamente com Fleck:

O trabalho do pesquisador consiste em diferenciar, no meio da confusão incompreensível, no caos que enfrenta, entre aquilo que obedece à sua vontade e aquilo que resulta de si mesmo e que resiste à sua vontade. Esse é o solo firme que ele, ou melhor, o coletivo de pensamento procura e não cansa de procurar. (FLECK, 2010, p. 144).

Senti muitas resistências para tornar essa pesquisa, também, autobiográfica e, apesar de não ser o sujeito investigado, não me posicionei passivamente diante do tema. Houve resistências de minha parte porque teria que falar do meu mundo. Mas diante da paixão que senti por esse tema e pelo objeto nessa forma de contextualizar, não temi a minha exposição. Ao romper essas resistências o pensamento e as ideias começaram a fluir naturalmente e foi difícil parar de escrever.

Para construir o meu pensamento científico foi preciso me deixar levar pelos atores e, principalmente, pelo ator-sujeito da pesquisa e não me fixar nas minhas próprias vontades porque entendi que o conhecimento se deu pela coerção de pensamentos que surgiram com o caos e depois foi se alinhando e tomando forma.

Passando por todas essas etapas o trabalho começou a ganhar forma a partir do momento em que comecei a perceber onde estava pisando, qual o terreno para construir o saber que vem do coletivo e o sujeito entrevistado tem dado as pistas para isso. Um saber que se ressignifica constantemente em que o sujeito e pesquisador não são seres passivos.

Outra habilidade importante foi manejar bem o instrumento de pesquisa para atingir os objetivos. Certamente os impasses poderiam surgir, contar com a possível desistência do sujeito, saber lidar com os momentos de tensões, suas angústias e seus sentimentos. Não houve questionamentos sobre a continuidade, mas em muitos momentos apareceram os mais variados sentimentos. Tenho tido sempre presente essas e outras possibilidades com meus objetivos em mente e desenvolvi meu próprio estilo de entrevista, de escrever, de interpretar e encontrar, além do particular, o coletivo na história de vida do entrevistado.

O que tem me dado a habilidade necessária para este tipo de entrevista foi o fato de ser psicólogo e essa ser a principal técnica de psicoterapia ao ouvir a história pessoal de quem procura um tratamento. A diferença é que para esta pesquisa tive que estabelecer o limite entre a psicoterapia e a entrevista sociológica, ou seja, não interpretar psicanaliticamente as falas do sujeito.

Nas entrevistas percebi as protoideias sobre o envelhecimento que o sujeito foi formando desde sua infância e que, com o tempo, foram passando por transformações, traçaram o social e o cultural nos seus retratos corporais. Os fatos, os ciclos vitais do sujeito foram se alinhando aos meus interesses e percebi como se constituiu corporalmente a partir de um estilo coletivo de pensamento em relação ao seu corpo. Deparei-me com um sujeito que carrega o social em seus retratos corporais, mas que não foi engolfado pelo social porque algo nele não foi dissolvido, ou seja, algo permaneceu intacto durante toda a sua vida.

Ao me referir a algo que permaneceu intacto falo de que há uma resistência que deve atuar no indivíduo inserido no coletivo de pensamento, existe algo que não se dissolve e permanece inalterado dentro das suas relações sociais que o identifica.

Percebi um equilíbrio mediante os efeitos recíprocos, um entrelaçamento entre os fatos que lhe conferem uma existência dentro do coletivo apesar de poder circular e pertencer a várias comunidades de pensamento e transitar pelo inter-coletivo do pensamento.

Porém, o pensamento coletivo, segundo Fleck (2010), é mais forte do que o pensamento individual. E o entrevistado foi mostrando como esse pensamento coletivo em relação ao seu corpo o retratou como sujeito. E, como diz Elias (1990), o indivíduo não tem como fugir do social. Segundo este autor o indivíduo não é rígido, mas capaz de transformações.

À medida que as entrevistas foram acontecendo, eu também fui me deparando com o social e o cultural que retrataram meu corpo. Também eu, como pesquisador, sou portador dessas instâncias. Fui me deparando comigo mesmo e me enfrentei com o saber e com o conhecimento do entrevistado. Entendo isso como uma autobiografia e o apaixonamento pelo tema a partir do texto de Fátima Perurena que diz:

A produção do conhecimento é um processo autobiográfico. Quanto mais temos consciência de quem somos, dando vazão ao que nossas almas nos intuem a fazer e, portanto, quanto mais envolvidos emocionalmente com nosso objeto, mais somos verdadeiros e, portanto, mais aptos para falar 'de dentro' deste mesmo objeto. (PERURENA, 2001, p. 08).

Por isso deixei que meus sentimentos falassem dentro de mim também e isso me envolveu através das falas do sujeito o que tornou o texto cada vez mais verdadeiro, bem como o meu pensamento e o conhecimento. Pude falar de dentro de mim mesmo e isso me aproximou do sujeito e a pesquisa se tornou algo visceral.

Percebi que, para fazer ciência, não implica, necessariamente, ser crítico e racional o que rompe com certos paradigmas estabelecidos e não corri o risco de repetir o que já existe. Foi, também, uma forma de fazer ciência e a epistemologia aproximou o conhecimento de mim mesmo, do sujeito e das outras pessoas sem perder o raciocínio necessário para a sua construção.

O risco que corri ao fazer ciência e produzir um conhecimento foi querer encaixar o tema, o objeto e o sujeito em dogmas e paradigmas como Procrustes. Mas o método epistemológico deu-me outra visão e liberdade para manifestar meus próprios pensamentos e me envolver emocional e empaticamente com a pesquisa. Compreendi que a ciência não está encriptada, rígida, mas o método epistemológico permite ao pesquisador desenvolver seus próprios pensamentos e contextualizá-los segundo seus critérios e não ser um repetidor do que existe. Ou seja, conhecer significa necessariamente mudança de atitudes diante de algo inédito e isso produz novos aprendizados.

Quanto ao método epistemológico, senti alguma resistência inicial diante dessa possibilidade. Internamente não reagi bem porque minha experiência com a epistemologia foi na faculdade de psicologia na Universidade Católica de Petrópolis (RJ) e foram aulas extremamente teóricas e, portanto, muito racionais ao tratar da epistemologia da ciência. Minha reação interna foi de recusa, mas ao ler os textos de Fleck (2010), mudei meu conceito (ou pré-conceito) em relação à epistemologia. Através de comentários dos autores na obra organizada por Mauro Lúcio L. Condé (2010), percebi que é possível construir um texto

epistemológico com um raciocínio lógico e científico sem me preocupar com a racionalidade, nem com a criticidade e construir meu próprio pensamento.

A maneira como Fleck constrói o pensamento, a definição do objeto<sup>5</sup> deu-me outro olhar para a epistemologia. Percebi que esse autor também rompe com paradigmas estabelecidos e as verdades totalizantes deixando espaço para que o pesquisador possa ter seus próprios pensamentos a partir das proto ou pré-ideias sem abandonar a cientificidade. Concluí que o ser humano não se encaixa em moldes pré-estabelecidos porque as sociedades são distintas, têm sua cultura e a ciência esbarra na diversidade cultural e como diz Perurena (2001), não existe “*a ciência*”, mas “*ciências*”. E o entrevistado falou da diversidade cultural dentro da própria sociedade onde viveu seus diferentes ciclos vitais.

Não estive preocupado com o que é certo ou errado, mas procurei perceber o social e o cultural retratado no corpo do sujeito. Para finalizar cito novamente Perurena que diz: “*Ao incorporarmos o senso comum às nossas melhores teorias, estamos abrindo o conceito de ciência, e, finalmente, entendendo-a como um processo humanizador.*” (PERURENA, 2001, p. 18). De certa forma, com ou sem paradigmas estou, também, fazendo ciência na medida em que construo meu próprio pensamento sobre o corpo e envelhecimento masculino.

Descrevi o caminho que me levou a optar pelo método epistemológico, mas foi preciso escolher a técnica e a opção foi por história de vida com entrevistas semi-estruturadas abertas. Sobre história de vida Ceres VÍCTORA diz:

A técnica de história de vida busca compreender o desenvolvimento da vida do sujeito investigado e traçar com ele uma biografia que descreva sua trajetória até o momento atual. Uma ênfase especial pode ser dada às relações sociais que se quer investigar. (VÍCTORA, 2000, p.67).

É importante mencionar que existem outras terminologias que se referem à mesma ferramenta de pesquisa: narrativas biográficas (KOFES, 2001), história de vida (PEREIRA DE QUEIROZ, 1983), relatos de vida (BERTAUX, 2005), trajetória (DAVIS, 1997). Cada uma tem suas formas específicas, mas se entrelaçam em muitos pontos na tentativa de compreender o social por meio do indivíduo. Segundo Bourdieu (1989) a história de vida é uma linguagem simples que descreve a via como um caminho com suas encruzilhadas.

Optei por essa técnica porque uma pesquisa se constrói, também, por meio de trocas de saberes e de experiências entre pesquisado e pesquisador e a vida de muitas pessoas pode ser iluminada. A ênfase citada por VÍCTORA (2000), procurei atender através do encontro de

---

<sup>5</sup> Fleck (2010), demonstra a construção histórica do conceito de sífilis que foi um dos seus objetos de estudos.

saberes e de olhares entre os atores dessa pesquisa. Segundo Vanessa Ponte (2008), uma pesquisa nasce desse encontro de olhares e se constrói, também, pelas vivências: as vivências do pesquisado e do pesquisador levando a compreender o social a partir do individual.

Existem exemplos de trabalhos que, através da reflexão sobre a história de vida de um indivíduo, forneceram a chave para compreender a realidade plural, complexa e multifacetada da sociedade. Dentre esses trabalhos cito Norbert Elias (1995), que, ao contar a trajetória de Mozart, ao revelar seus desejos, lutas e particularidades, conta a história da sociedade em que esse grande músico clássico viveu. Mirian Goldenberg (2004), estudou a história de Leila Diniz e fez uma reflexão sobre as transformações da conduta feminina que estavam ocorrendo no Brasil na década de 1960, sobretudo ligada à maturidade, à sexualidade e à conjugalidade. Outro exemplo é o de Suely Kofes (2001), que descreve a sociedade e a cultura da Cidade de Goiás (GO) no final do século XIX ao narrar a história de Consuelo Caiado que viveu de 1899 a 1983.

Portanto, as obras: Mozart, sociologia de um gênio (ELIAS, 1995), Toda mulher é meio Leila Diniz (GOLDENBERG, 2004) e Uma trajetória em narrativas (KOFES, 2001) são exemplos de trabalhos que mostraram através dos protagonistas e suas vivências, o contexto social e cultural de sua época apesar de serem pesquisas documentais. Especificamente na pesquisa, objeto deste trabalho, a história de vida foi feita com o *arquivo vivo* e para qualquer esclarecimento pude me dirigir ao informante. E sobre isso Suely Kofes diz, em relação à história de vida que é “*como fonte de inspiração do meio social, como uma evocação do sujeito e uma reflexão da relação entre biografado e pesquisador.*” (KOFES, 2004, p. 118).

História de vida trata de uma evocação do sujeito que tem a propriedade para falar de sua vida e o pesquisador saber ouvir. Também é importante que o pesquisador não se preocupe em traçar o diálogo de forma linear, mas permitir que o entrevistado possa ir e vir num fluxo contínuo. O biografado tem o poder para construir, à sua maneira, a forma pela qual irá narrar suas vivências: revisitar o seu passado, retornar ao presente e falar sobre seu futuro e ser respeitado quando não se sentir à vontade para falar a respeito de um determinado tema.

Segundo Kofes (2001), perceber o social que está inserido nos diálogos é tarefa do pesquisador, fazer entrecruzamentos de relações e dar um significado cabe, também, ao pesquisador. Para isso deve sair do olhar rígido que poderia empobrecer uma pesquisa como sugere Pierre Bourdieu (1989), não olhar para o pesquisado como algo pronto e acabado.

Sendo assim, o meu olhar para o sujeito da pesquisa foi perceber um ser humano que a todo momento esteve e está se reinventando e se reconstruindo dentro da sociedade onde

viveu e vive. Peregrinou por vários ciclos vitais e muitos deles em diferentes grupos sociais. Portanto, não tive a pretensão de chegar às verdades totalizantes ou tirar conclusões definitivas sobre seu corpo e seu envelhecimento, mas perceber o social em seus retratos corporais com mais ênfase no seu envelhecimento que se aproxima. Sempre num constante diálogo com o social. E como diz Daniel Bertaux: “*qualquer experiência de vida traz em si uma dimensão social.*” (BERTAUX, 2005, p. 50 – *minha tradução*).

Sobre isso Kofes ainda acrescenta sobre as biografias que são:

Instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais entre objetividade e subjetividade. (KOFES, 2004, p. 140).

Isso exige da parte do pesquisador uma atitude analítica que procura não encaixar o sujeito em categorias externas. A respeito disso, Kofes ainda diz: “*a experiência de um sujeito preciso não escapa das concretudes sócio-culturais que tenazmente o realiza como pessoa.*” (KOFES, 2001, p. 13).

A história de vida não trata somente sobre uma única pessoa, mas de todo o contexto social e cultural e das pessoas do entorno do sujeito: família, colegas de escola, amigos, da mídia, da literatura. Esta pesquisa trata de uma história que retrata o seu corpo em todas essas dimensões e ciclos vitais do sujeito. E falar em corpo se fala do biológico, do físico, da sexualidade, das vestimentas, as emoções, ou seja, do físico e de tudo o que vai além de algo somente físico. E o pesquisador, também inserido nesse contexto, pode pensar e cuidar dessa relação com o sujeito que é fundamental, porque esse aspecto também faz parte e reflete a dimensão dos encontros.

Para finalizar a definição da técnica lembrei-me de Bronislaw Malinowski (1978), que navegava juntamente com os trombiandeses em suas canoas, ou seja, ele não foi um observador distante e indiferente; ou como Clifford Geertz (1989), que esteve junto com os balineses e participou da vida deles. Mesmo assim não tiveram a objetividade das pesquisas comprometidas, mas o fato de terem partilhado o cotidiano dos aldeões, facilitou que fizessem um trabalho mais aprofundado sobre a vida, a sociedade e a cultura daqueles povos.

Nesta pesquisa comecei a participar da vida do sujeito desde o momento em que aceitou ser meu entrevistado e, também, através dos seus relatos. Para exemplificar mais o que estou dizendo cito Bertaux:

Não tema diante das emoções do sujeito e deixe que as suas apareçam, mas controlando suas manifestações. Essas emoções nunca são gratuitas e sim um sinal de que se há evocado algo importante. A carga emocional é também uma carga de

significado. Sempre haverá tempo, na hora da análise, de distingui-la e valorá-la. (BERTAUX, 2005, p. 69, *minha tradução*).

Foi uma participação ativa no cotidiano do entrevistado com a preocupação para que se sentisse bem após o término de cada entrevista. Estive todo o tempo atento a possíveis manifestações emocionais e nesses momentos fazia uma pausa, silenciava e eu dava a entender que estive sempre presente entendendo-o empaticamente. Enquanto isso eu, também, fiz minhas reflexões pessoais para entender o que tudo aquilo significava para mim mesmo.

Outra ferramenta que utilizei foi a observação participante que consistiu em observar aquele grupo de idosos e descrevê-los. Essa ferramenta forneceu elementos importantes para a discussão de gênero e levantar questões que foram respondidas pelo entrevistado. Estive inserido naquele espaço com a finalidade de investigar cientificamente os idosos e levantar questionamentos sobre o corpo e o envelhecimento.

Segundo Uwe Flick (2009) na observação participante observa-se “*o ambiente componentes individuais e grupais, a linguagem não verbal [...]*”. O pesquisador permanece distante e próximo do objeto de pesquisa. O objeto da observação participante, segundo ainda a autora citada, consiste em conhecer melhor o universo da pesquisa. Para essa pesquisa foi para conhecer melhor o universo do envelhecimento, compreender a sua realidade e definir o objeto e a técnica para, posteriormente, fazer a análise das entrevistas.

Na observação participante, tive a oportunidade de unir o tema e o objeto ao seu contexto, contrapondo-o ao princípio de isolamento no qual foram formados. Para Edgar Morin (2005), o conhecimento é pertinente quando se é capaz de dar significado ao seu contexto global, ver o conjunto *complexus*. Assim, a pesquisa participante que valoriza a interação social, deve ser compreendida como o exercício de conhecimento de uma parte com o todo e vice-versa que produz linguagem, cultura, regras e assim o efeito é ao mesmo tempo a causa. Outro princípio importante na observação é integrar o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento.

No meu entender, história de vida é construída na descontinuidade. O contínuo é uma ilusão porque a vida é uma construção e o leitor verá que o entrevistado procurou desconstruir a continuidade através dos retratos corporais que haviam como modelo naquela sociedade e tentou, de certa forma, desconstruir essa mesma continuidade através dos retratos corporais que se delineiam com o envelhecimento. Essa ferramenta de pesquisa procurou da conta de um sujeito inserido na densidade das redes de relações e que encontrou alternativas para não enlouquecer dentro de uma sociedade acusatória.

## 4 O SUJEITO DA PESQUISA

Após ter feito todas as definições necessárias para esta pesquisa irei descrever o sujeito da pesquisa. São impressões que ficaram e me levaram a refletir e perceber sobre o social retratado em seu corpo e em seu envelhecimento que se aproxima. O entrevistado não seguiu a ordem cronológica da sua história, mas fez idas e vindas: começou pelo seu passado, voltou ao presente e falou do seu futuro num vai e vem contínuo.

As suas falas literais que constam nas reflexões irão demonstrar a construção dos seus retratos corporais. Porém, neste item eu expus as minhas impressões sobre o entrevistado, o ambiente das entrevistas para que o leitor possa conhecer o seu universo e entrar na sua intimidade como eu.

Não me preocupei em estruturar demasiadamente as entrevistas, a não ser as perguntas formais que situam o lugar social do sujeito. Após ter feito essas perguntas provoqueei-o com algumas questões que apareceram na primeira entrevista e o sujeito, ao se sentir provocado, falou espontaneamente sem se preocupar com a cronologia dos fatos pessoais. E eu “embarquei” na sua história de vida e me deixei conduzir por ele. Por isso, que esse relato se refere a tudo o que observei e senti nas entrevistas. A primeira foi a mais longa, quase toda uma tarde. As outras não foram tão longas assim.

O sujeito tem 55 anos, nunca casou apesar de ter tido namorada na juventude. Sua origem é de uma vila bem do interior do Rio Grande do Sul, mais ou menos perto de Santa Maria (RS). Atualmente mora sozinho no centro desta cidade, seus ganhos salariais lhe dão uma vida confortável, tem carro e apartamento. É professor universitário com pós-graduação na área de humanidades. E por não viver no espaço onde fiz a observação participante e nem ser da instituição a qual pertence o grupo de idosos, tivemos liberdade para falarmos livremente sobre o tema e o objeto.

Nos encontros pude perceber como o social exerceu e ainda exerce grande influência em sua vida e em seus retratos corporais que foram se moldando ou tentando se moldar aos diferentes meios nos quais viveu seus distintos ciclos vitais. Por momentos percebi que o sujeito teve que se encaixar em determinados paradigmas corporais para se sentir aceito pelos outros indivíduos do seu entorno e, sobretudo, pelo seu pai que, certamente, apareceram nas suas relações sociais. Nos encontros pude conhecer sua intimidade, suas emoções, suas preocupações com o corpo e o que está sentindo com a proximidade do envelhecimento e

como seu corpo está retratado por si mesmo e se percebe retratado pelo social e pelo cultural em seu processo histórico.

Comentou que nunca havia falado do seu corpo e da sua história dessa maneira. Da forma como começou a narrar sua vida - ainda no início - pude perceber confiança e cumplicidade que o levou a fazer confidências. Algumas frases que me disse enquanto falava sobre sua vida foram do tipo: *“Nunca falei sobre isso com alguém.”* *“Para mim esse assunto já estava esquecido”*. Percebi vontade para falar sobre si mesmo, dos diferentes meios sociais onde viveu, da sua família, principalmente do seu pai, dos amigos, da escola, de sexo, dos relacionamentos, do trabalho e, o mais importante, sobre o seu envelhecimento que se aproxima. Relatou como se sentiu e se sente retratado corporalmente num diálogo aberto, livre e franco.

Senti que comecei a me fazer presente em seu dia-a-dia, no seu cotidiano, mas tive presente todos os cuidados para não invadir demasiadamente seu espaço, mas respeitar seu tempo, seu momento, seus sentimentos e seu ritmo. Pediu-me que eu fosse devagar, mas que se sentiu à vontade para falar muitos fatos e sentimentos que não havia dito a ninguém e que eu, por ser também psicólogo, iria entendê-lo.

Percebi a possibilidade de criar uma relação profunda e fecunda. Tivemos momentos de parada porque sentimentos e dores apareceram, assim como tempos de profundo silêncio. Não um silêncio distante, mas tive a preocupação que o interlocutor sentisse minha presença, ou seja, que eu estava presente, entendendo empaticamente o que se passava com ele. Percebi que ao recompor sua história de vida vivenciou, através de lembranças, perdas, conquistas, humilhações, *“Muitas humilhações”*, me falou de submissões, de fracassos e planos para o futuro.

Ao falar sobre seu corpo percebi que foram os momentos mais difíceis. Falou com pesar, com raiva de muitas pessoas, inclusive de seu pai, que sempre o fizeram se sentir inferior e era alvo de ironias, deboches e, por causa disso, escondia seu corpo sob a roupa. *“Não gostava do verão, adorava o inverno e ainda hoje é assim, apesar de ter melhorado muito.”* No inverno podia esconder seu corpo dentro das roupas e no verão não podia esconder tanto assim.

Desde o primeiro encontro o entrevistado deu pistas de como construiu seus retratos corporais. Pude perceber que o social está impregnado em seu corpo e representa uma época que repercute no seu envelhecimento. Isso manifestou através de palavras, gestos, tom de voz, lágrimas, expressões faciais e corporais. Todas às vezes nas quais se referiu ao seu corpo diretamente olhou-se a si mesmo e eu percebi seu desapontamento. Para dar mais legitimidade

às suas falas foi importante estar atento aos seus movimentos corporais e às manifestações de sentimentos através da linguagem não-verbal.

Através do não-verbal mostrou-me muitos sentimentos que se referem ao seu corpo e não tive como ficar neutro diante de tantas manifestações, fossem verbais ou não-verbais. Percebi que muitas vivências de sua história foram partilhadas e compartilhadas pela minha empatia e minha compreensão. Pôde manifestar seus sentimentos sem censuras, sem juízos e sem o receio de ser julgado. Disse-me: *“Botar para fora o que está engasgado, minha raiva, meu ódio, mágoas por causa de tudo o que passei”*.

Senti que sua vida tem sido muito solitária nos seus momentos mais difíceis. Percebi a falta empatia, compreensão de seu pai principalmente e, também, das pessoas com quem conviveu. Também disse que se sentia olhado por fora, mas por dentro sofria muito e hoje ainda sofre ao relembrar desses tempos passados. Além disso teme uma velhice sofrida apesar de ter feito psicoterapia por muito tempo e sentido alguma melhora. Sorrindo me falou que talvez, ao terminar as entrevistas, retorne à psicoterapia.

Ao falar sobre o envelhecimento relatou que fica angustiado com essa possibilidade. Teme adoecer e, sobretudo, emagrecer: *“ficar muito magro, cadavérico”* mudar muito o corpo que tem. Um corpo conquistado a muito custo. Não se sente gordinho, me disse, porque se desenvolveu e não se percebe mais o *“puro osso”* como o chamaram tantas vezes.

As entrevistas aconteceram no seu apartamento. Um espaço confortável com o necessário para uma pessoa que vive sozinha viver bem. Apesar de sermos conhecidos nunca havia estado no seu apartamento; conhecemo-nos em lugares comuns em nosso trabalho como congressos sobre educação – somos professores – ou outros lugares similares onde nos encontramos e fiz o convite. A entrevista piloto foi feita na minha sala de trabalho e foi mais breve, ou seja, em torno de uma hora. A primeira entrevista que foi feita em seu apartamento foi mais longa do que as outras cuja duração girou entre uma e duas horas.

Para a primeira entrevista cheguei no horário combinado e me mostrou seu apartamento. Tem dois quartos e me mostrou seu quarto como uma cama de casal, roupeiro, banheiro, tapetes e uma mesa de cabeceira; no outro, que chamou de quarto de hóspedes, tem uma cama de casal e um roupeiro menor, uma mesa de cabeceira e o banheiro. São dois quartos amplos e confortáveis sem muitos objetos, somente o essencial. Mostrou-me a cozinha, também com o essencial: fogão, geladeira, uma mesa com cadeiras, alguns eletrodomésticos. Tudo o que uma pessoa que vive sozinha necessita. Disse-me que dificilmente almoça em casa, prefere comer em restaurantes. Faz seu café pela manhã e à

noite come um lanche ou frutas que é o seu prato preferido ao invés de jantar. Enquanto estávamos na cozinha pôs café para passar e me mostrou sua sala.

Sua sala de estar tem uma televisão, aparelhos de som e de DVD – gosta muito de assistir a filmes nos finais de semana - reúne-se com seus amigos e assistem enquanto “beliscam” alguma coisa. Há outros móveis como sofás, uma escrivaninha com seu computador e uma biblioteca com muitos livros da sua área e, também, muitos romances. Percebi que gosta de música erudita, clássica, MPB, pop americano, italiana e francesa e que seus filmes preferidos são romances, épicos, comédias e muitos filmes clássicos.

Com esse itinerário pelo interior de sua casa, me mostrou o seu espaço e pude perceber que me inseriu realmente em sua história e abriu todas as possibilidades para conhecer sua vida em profundidade. Alguns objetos que me mostrou têm sua história.

Disse-me que gosta de ficar em casa nos finais de semana, mas que, às vezes, sai com dois casais amigos para jantar em algum lugar tranquilo, ou os recebe em sua casa. Não gosta de lugares barulhentos e agitados, mas se permite ir a esses lugares de vez em quando. Tem outros amigos e amigas que se reúnem na sua ou na casa de um deles, outras vezes saem para algum lugar para conversar e se divertir. Outras visitas que recebe são da sua mãe que mora em outra cidade, sua irmã e seu esposo ou amigos que vêm visitá-lo. As visitas são bem vindas porque não gosta da solidão apesar de viver sozinho, disse-me.

Antes de iniciarmos a entrevista pediu se eu queria café ou chimarrão e ele acabou trazendo as duas coisas e me deixou à vontade para servir do que eu quisesse. Servi-me uma xícara de café e ele também. Enquanto tomamos o café, conversamos sobre outros assuntos, mas que, para mim, também foram importantes e em seguida iniciamos. No primeiro instante ele me disse que me chamaria pelo nome, por sermos conhecidos não seria necessário utilizar de “*cerimônias*” entre nós.

Durante a entrevista fizemos paradas para mais café ou chimarrão, comer biscoitos para retomarmos em seguida. Outras interrupções foram em consequência do que estivemos falando porque tocou em pontos doloridos e permaneceu em silêncio ou chorou. Nesses momentos pedi-lhe se queria deixar para continuar outro dia, mas ele preferiu continuar porque naquela tarde tinha todo o tempo à minha disposição. Foram horas de entrevista e de paradas o que se tornou um arquivo confidencial. Garanti-lhe que somente eu terei acesso às gravações e mais ninguém.

Em muitos momentos das entrevistas tive a sensação de ver aquele menino frágil diante de adultos e de outros meninos como alvo de ironias e de descaso. Muitas vezes sozinho e indefeso perante um contexto social adverso. Diante disso muitos sentimentos

começaram a se fazer presentes em mim também e tive vontade de lhe dar um “*colinho*” porque percebi que ainda existe um “*menininho*” que chora e sofre dentro dele. Confesso que em certos momentos tive que conter meus sentimentos e pensar que, naquele momento, eu estava agindo como um pesquisador.

Todas as entrevistas foram em sua casa a pedido do próprio entrevistado por ser seu espaço e ter privacidade. Ao estar ali, eu também fui percebendo detalhes de sua vida que, certamente, se tivesse sido em outro lugar não teria obtido essas observações. Os seus objetos, os móveis, o apartamento e a disposição dos mesmos, também fazem parte de sua vida e do seu jeito de ser e têm seus significados pessoais. Em todas as entrevistas cheguei ao seu apartamento no horário combinado.

Na primeira entrevista, não senti o informante muito à vontade, porém entendi que isso fazia parte desse processo. Aos poucos foi falando sem muitas reticências, na medida em que a confiança foi se tornando mais consolidada até que, no final, começou a falar de sua vida sem censuras e proporcionou um rico material para a análise através das seis entrevistas que me concedeu.

Todas as entrevistas foram marcadas pela densidade de sentimentos que foram evocados pelo sujeito, portanto sempre estive à sua disposição para conversarmos em outra ocasião caso necessitasse. Não como pesquisador-pesquisado nesses momentos, mas como alguém que estaria disposto a ouvi-lo e ajudá-lo a compreender sua história sem analisá-la. E realmente ele pediu que eu fosse uma vez até seu apartamento para conversarmos quando se sentiu muito angustiado e estava difícil lidar com a situação porque evocou muitos sentimentos doloridos, enquanto em outras vezes me convidou para me reunir com seus amigos. Essa minha atitude foi porque me senti responsável por ele e a necessidade de cuidar dessa relação.

## **CAPÍTULO II**

### **RETRATOS CORPORAIS MASCULINOS: UMA REFLEXÃO SOBRE GÊNERO**

Ao definir o objeto de pesquisa dei a entender que o tema iria remeter às questões de gênero. Foi necessário fazer esse recorte para demonstrar como a construção dos retratos corporais masculinos - para delimitar o objeto neste universo – podem ser influenciados pela sociedade na construção do gênero masculino.

Essa reflexão se deu a partir das entrevistas com o sujeito da pesquisa o qual o tempo todo me falou como foi retratado corporalmente e como isso tem a ver com a dominação ou com a submissão masculina. Portanto, nesse recorte foi feita uma reflexão especificamente sobre o universo masculino e o corpo como uma construção social embasada nas entrevistas. Foram perguntas que surgiram no decorrer das mesmas que aguçaram minha curiosidade sobre o tema apesar de algumas resistências pessoais.

As referências aos autores que foram feitas em relação à temática, me levaram a desenvolver o meu próprio estilo de pensar e construir esse texto a partir das reflexões fundamentadas nas entrevistas que fiz para essa dissertação. Por isso, o leitor poderá ter presente e se reportar ao resumo das entrevistas do sujeito que constam no texto para entender a que estive me referindo. Todas as vezes que me referi ao social e ao cultural, à masculinidade hegemônica, jogo de poder, fiz relações ao que o entrevistado manifestou.

Dentre tantas possibilidades para abordar esse tema, assim o delimitarei para entender como o corpo se enlaça com a dominação masculina e, nesse caso, entre os homens. Nas entrevistas pude perceber como o corpo e seus atributos foram ou não instrumentos de dominação ou de submissão; como o corpo demarca territórios e determina ou não a hegemonia masculina. Percebi uma masculinidade hegemônica onde houve tentativas de subjugar o outro e o sujeito se sentiu submisso por acreditar que seu corpo não fora dotado de masculinidade e que foi desmasculinizado, subtraído de poder e da possibilidade de hegemonia.

Os atributos corporais aos quais me referi são a estatura, o timbre de voz, o tipo físico, expressões faciais e a demonstração de força física para algumas atividades. Segundo Pierre Bourdieu (1976), os atributos físicos têm a dimensão simbólica de poder, de dominação ou de submissão. Os corpos considerados submissos e dominados são destituídos de uma

consciência esclarecida e os dominados incorporam essas relações de poder de forma impensada e sem reflexão e os dominadores fazem essa relação parecer natural e o dominado aplica-se a si mesmo o ponto de vista do dominante. (BOURDIEU, 1976). Portanto, inserido dentro de um contexto social o corpo, para o sujeito, foi determinante para legitimar o másculo, o papel do macho e o que era visto como papel feminino ao ser exercido por outros homens.

Não tinha a intenção de escrever sobre esse tema, apesar da sua importância porque minha pesquisa não foi direcionada especificamente a essa temática. Mas se mostrou necessário fazer esse recorte. Por outro lado não me sentia suficientemente seguro porque o tema provoca muitas discussões e poderia não encontrar o tom para desenvolvê-la.

Outra dificuldade ocorreu porque, para abordar gênero, teria que pensar sobre meu universo masculino e como acontecem as articulações de poder e de dominação. Por isso tive que mergulhar nele e me deparar com as diversas possibilidades como a masculinidade se constrói e como os homens tentam subjugar e dominar uns aos outros. E o corpo é, também, parte integrante dessas articulações e desdobramentos em relação à dominação masculina.

O que me levou a pensar na, também, possibilidade de entrar ou não nessa discussão foram os seminários de gênero em Ciências Sociais. Senti-me desconfortável nos debates que aconteceram porque os textos, a maioria escritos por feministas, debateram a relação homem-mulher e os argumentos não me convenceram suficientemente. E, por outro lado, não concordava e nem estou de acordo com a superioridade masculina diante do feminino. Deparei-me com as minhas discordâncias e com o enfrentamento dentro do universo masculino apesar de entender o contexto histórico e social onde se dá o embate na luta pelo poder intramasculino e como os homens se articulam para manter a hegemonia frente às mulheres. O social seria como uma arena de gladiadores onde há o enfrentamento em todos os níveis e cada um utiliza as armas que têm ao seu dispor.

Esses embates e articulações os tenho percebido, também, na observação participante. Ao observar o grupo de idosos e me focar em seus corpos, porque esse é o tema dessa dissertação, percebi conflitos entre eles para manter a hegemonia. Percebi a dificuldade para se “submeterem” aos comandos das mulheres da equipe técnica de enfermagem e as enfrentam e, às vezes, as agridem e elas precisam ser enérgicas com alguns para fazerem os procedimentos necessários para sua saúde e higiene. Por outro lado, observei que ao serem atendidos por algum homem da equipe os atritos são infrequentes, ou seja, há protestos, mas o tom é menor em relação às mulheres desse corpo de enfermagem, ou seja, quando um técnico os atende se “submetem” com mais facilidade.

Portanto, os seminários de gênero e patriarcado me remeteram ao universo masculino e isso provocou desconfortos porque tinha em mente as articulações pela hegemonia, como os homens tentam subjugar uns aos outros e isso me levou a pensar muitas vezes: “*se as mulheres soubessem como é a luta pela hegemonia e pelo poder entre os homens!!!*” Os textos os quais refletimos e aqui foram citados e a análise das entrevistas mostraram claramente como acontecem as artimanhas e o porquê da minha irritação nos seminários. Entendi que os homens se auto-conferem o papel de legitimar ou não a hegemonia de outros e as diferentes formas de dominação masculina dentro do próprio universo e como se articulam para mantê-la diante do universo feminino. Outra questão que me surgiu durante os seminários foi: “*E os homens onde entram nessa discussão?*” Entendi que esse embate levou as feministas se articularem para enfrentar o poder e a hegemonia masculina que provocou muitas discussões e pesquisas sobre o tema.

As feministas pesquisaram e ainda pesquisam a relação com a dominação masculina e isso tem provocado mudanças importantes na sociedade e muitas conquistas femininas. Mas as relações entre os próprios homens também se tornaram pontos de discussões importantes e conhecer esse universo dominado pelo desejo de hegemonia é apaixonante e intrigante. Observando mais atentamente o universo masculino percebi que existem formas e fórmulas como muitos homens procuram subjugar os outros e o entrevistado manifestou isso claramente.

No universo masculino a luta pela hegemonia pode ser exercida de diversas maneiras e de forma explícita ou implícita. E o entrevistado disse várias vezes o que ouviu sobre seu corpo e como a palavra exerceu domínio sobre ele. Sente, ainda hoje, como se ouvisse os outros meninos e homens adultos lhe chamando de “menininha” e as palavras de deboche por causa do seu corpo franzino. A palavra e a linguagem tiveram poder de dominação sobre ele que o fizeram se sentir diminuído frente aos seus dominadores.

Bourdieu (1976), comentou que a linguagem pode mascarar através de conotações intelectuais, como a dominação não se exerce pela lógica consciente somente, “*mas na obscuridade de esquemas práticos onde está inscrita.*” (BOURDIEU, 1976, p. 143). Ou seja, fora do controle reflexivo da vontade e da consciência. Na análise das entrevistas do sujeito pesquisado percebi que a linguagem exerceu grande influência sobre seus retratos corporais, pois o corpo também tem sua linguagem e confere ou não hegemonia dentro do universo masculino.

Percebi que basta uma única palavra que se refira ao corpo para conferir ou não hegemonia ao outro indivíduo. No espaço onde fiz a observação participante ouvi muitas

vezes o poder atribuído à palavra que poderá ou não honrar o outro. Entendi que a palavra tem muita força e se um homem disser algo que macule o corpo do outro poderá ser motivo de sérios enfrentamentos e, por isso, muitos homens gostam de exhibir e mostrar seus atributos físicos. Disse-me o entrevistado:

Muitas vezes ouvi palavras que me machucaram muito ao se referirem ao meu corpo. Apelidos que me magoaram muito, bastava uma palavra dessas para eu ir embora chorando e não sair mais de casa. Hoje ainda sinto isso, quando alguém fala do meu corpo, depende do tom que dá às palavras eu fico muito magoado. O meu corpo sempre foi alvo de apelidos e palavras que me marcaram muito, por isso o escondia e hoje não mostro muito. Eu não fui honrado através do meu corpo.

O masculino precisa ser honrado, caso contrário seria motivo de vergonha como sugere J. G. Peristiany (1971). Se não for honrado a fofoca seria uma maneira de mostrar que tal indivíduo não seja possuidor de masculinidade. A fofoca criou em torno do sujeito a ideia de que não correspondia à masculinidade propriamente dita e, por isso, sujeito à submissão. A fofoca afetou a sua imagem e o deslegitimou de poder e de hegemonia e isso afetou sua vida. Como diz Cláudia Fonseca: *“A fofoca envolve, pois, relatos de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos.”* (FONSECA, 2004, p. 41). E a fofoca para o sujeito da pesquisa esteve a serviço de não consolidar sua masculinidade o que lhe fez muito mal e repercutiu no seu envelhecimento.

Para o entrevistado o corpo foi determinante para a não consolidação da sua masculinidade hegemônica dentro do contexto social onde viveu. Por ser portador de um corpo marcado pelo social a sua masculinidade foi afetada e isso construiu um sujeito submisso à hegemonia de outros, ou seja, uma masculinidade subalterna e o corpo se tornou um dos principais instrumentos de submissão. Também o patriarcado levou o sujeito a se sentir submisso aos demais porque sofreu influências de seu pai nessa construção corporal e em sua masculinidade. Um pai que não o legitimou suficientemente como homem numa sociedade onde o corpo masculino tinha muito valor como força para o trabalho, por isso um corpo valorizado enquanto produtor e reprodutor.

Após ter feito essas observações e percebido como acontecem as artimanhas no universo masculino pela hegemonia me aproximei mais do tema e fui entendendo, através de detalhes do cotidiano, as armadilhas que muitos homens utilizam para testar a masculinidade do outro ou para subjugá-lo e, para isso, fazem uso de uma grande variabilidade de instrumentos e isso me deu as pistas necessárias para desenvolver essa temática. Tive que

fazer recortes e delimitações, mas muitas outras possibilidades foram abertas para outras investigações.

Iluminado pelas entrevistas e pelos textos que foram debatidos nos seminários de gênero e patriarcado, como também por outras literaturas, aproximei-me do tema e conheci melhor o terreno onde comecei a andar que, até então, me causava confusão de ideias e de pensamentos. Porém, as entrevistas deram-me o rumo por onde poderia entrar nessa discussão e senti-me mais seguro. Por outro lado, os seminários nos quais tive acesso aos textos que discutiram a masculinidade hegemônica de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008) mostraram como é a luta pela hegemonia dentre os homens que, a meu ver, é uma batalha sem tréguas e cada um utiliza suas armas e monta sua trincheira para se defender e atacar.

Outros textos como, de Miriam Pillar Grossi (2004), que faz uma revisão das masculinidades; Matthew Gutmann (1998), fez uma antropologia da masculinidade; Fabrício Mendes Fialho (2006) faz uma crítica sobre o conceito de masculinidade hegemônica; Michael Kimmel (1998), aborda o tema sobre as masculinidades hegemônicas e subalternas; Miguel Vale de Almeida (1995), faz uma interpretação antropológica da masculinidade; João Pina Cabral (2003), descreve a função do homem na família e o significado de ser homem dentro do contexto familiar. Esses autores e suas ideias, também, serviram de protoideias para iluminar as entrevistas e, assim, construir essas reflexões. Mostram como a masculinidade se constrói dentro de um contexto histórico, social e cultural.

Nas entrevistas o sujeito narrou como o seu corpo tem sido marcado pelo social e pelo cultural. Um corpo visto e sentido como subtraído de poder porque na sociedade na qual viveu se valorizava um corpo forte. Um corpo considerado fraco seria submetido aos demais e destituído de poder e de dominação. Portanto, no seu caso, um corpo a ser dominado e submetido ao poder dos outros e que carrega o discurso da dominação e da submissão.

Ao me referir à dominação reporto a Pierre Bourdieu (1976). Para esse autor todo poder e dominação têm uma dimensão simbólica e todos os subordinados aderem sem uma consciência esclarecida. Segue dizendo que os subordinados aplicam a dominação a todas as coisas e pessoas através das quais essas relações se realizam e, portanto, a si mesmos, pensamentos impensados e constroem suas relações a partir do ponto de vista dos que afirmam sua dominação.

Eu sempre tive a ideia de que eu não iria conseguir nada na vida. Quando precisei e preciso fazer esforço físico eu me omito porque acho que não irei conseguir. As pessoas disseram que não conseguiria fazer alguns trabalhos e eu era poupado por ser visto como fraco fisicamente. Cresci ouvindo isso e acho que acreditei que realmente sou fraco fisicamente. Por isso gosto de estar gordinho, porque dá a

impressão de ser mais forte fisicamente. Mas isso afetou outras áreas e facilmente me submeto aos outros, não importa quem seja. Facilmente cedo o meu lugar e espaço, sem pensar e depois fico com raiva de mim. Não reajo às provocações, me sinto aquele gurizinho chorão que voltava pra casa após ser humilhado.

O sujeito entrevistado aplicou a si mesmo e ao seu corpo tudo o que ouviu e se deixou dominar pela palavra e por atitudes que confirmaram sua subordinação e passou a agir de forma impensada para tentar, ao menos, atender às demandas sociais.

Eu queria ter um corpo que eles queriam que tivesse. Eu não entendia porque me tratavam assim enquanto outros meninos que eram magros como eu não eram alvos de ironias e agressões físicas. Eu fui me acovardando e recuando e não me defendia porque me sentia sozinho e ninguém me defendia.

Para a sociedade onde o sujeito viveu, um corpo frágil era um corpo feminilizado, destituído de poder e de dominação, por isso que, segundo o entrevistado, um corpo a ser penetrado pelos outros homens.<sup>6</sup> E como diz Miriam P. Grossi (2004) na cultura ocidental o masculino é ativo e ser ativo sexualmente significa penetrar o corpo do outro. E o entrevistado relatou que, por ser visto como frágil, seria passivo e disse que “*havia alguns rapazes que queriam me ‘comer’!*” E segundo seu relato foi bolinado nas nádegas muitas vezes e muitos o “*cochavam*”, isto é, o agarravam por trás e esfregavam seus genitais nas suas nádegas.

Muitas vezes eu estava parado em pé no meio de outros meninos e algum vinha por trás e me cochava na frente dos outros. Eu ficava com vergonha e irritado com isso. Realmente eu não gostava e eram sempre meninos mais fortes do que eu ou mais velhos.

Diante desse relato manifestou que não tinha forças suficientes para reagir e, ainda, era chamado de “*mulherzinha*” pelos demais. Faltou-lhe agressividade necessária para se defender e segundo ainda Grossi (2004), a constituição da hegemonia masculina não diz respeito apenas à sexualidade, mas também percebida pela agressividade.

Por ser visto como destituído também de agressividade o entrevistado relatou que eram frequentes as agressões que sofria e quem apanhava era visto como se fosse “*menininha*” e submisso. Relatou, ainda, que seu pai não se importava com isso e nunca se sentiu tratado como homem por ele, pelo contrário. Então, o sujeito se aproximou mais de sua mãe e dos afazeres domésticos. Essas questões puseram-lhe dúvidas em relação à sua sexualidade. Por vezes achou que deveria ter sido do sexo feminino.

---

<sup>6</sup> Tenho ouvido muitos homens dizerem que não são homossexuais (veado), porque “comem” as “bichinhas” e pelo fato de serem ativos somente não se consideram homossexuais.

Realmente eu me imaginava que fosse mulher; às vezes usava batom, vestido escondido e olha, cara, gostava quando me diziam que eu era menininha, daí eu me livrava do trabalho forçado. Não me lembro de ter sido repreendido pelos meus pais por fazer isso. Recordo que meu pai ria e não se importava. Por que? Acho que eu era criança e achavam que isso era normal.

Outro tema importante e interessante que se relaciona ao poder e à dominação está no tamanho do pênis para o entrevistado. Os outros meninos o ridicularizavam por ter um pênis muito pequeno. Como sabiam? Muitas vezes no verão iam tomar banho de rio e, como eram somente meninos, ficavam nus. Ficou nu uma vez, mas depois que começaram as ironias por causa do tamanho do seu pênis, ficava de calção.

Deu-me a entender que o tamanho do pênis era também um fator de dominação e de poder entre os homens. E o sujeito se achava menos homem que os outros por acreditar que seu pênis era demasiadamente pequeno em relação ao dos outros e isso era causa de vergonha e de constrangimento. Não o exibia como faziam os outros meninos que mediam para ver quem tinha o maior dentre eles. Entendi que para a consolidação da masculinidade hegemônica, o pênis tinha um papel muito importante e era símbolo de poder e de dominação.

Muitas vezes vi os outros meninos exibindo seus pênis e disputarem quem tinha o maior, quem mijava mais longe, ejaculava mais vezes e mais longe também. Eu não fazia isso porque tinha vergonha de mostrar e que eles fossem rir de mim. Falando claramente, acho que entre os homens ter um pênis grande é sinal de poder e de dominação sobre os outros. Quem tem um pequeno se sente submisso. Não sei se isso acontece com todos, mas eu sinto assim.

Em relação a isso disse-me que alguns adultos mostravam-lhe o seu pênis quando era ainda criança e os achava demasiadamente grande e, para o entrevistado, eles eram portadores de um instrumento poderoso. Pediam-lhe que pegasse para sentir como era grande e grosso e isso o deixava assustado. Sentiu-se inferiorizado e acreditou que nunca seria macho como eles ao se comparar. Lembrou-se que muitos, ainda meninos e, principalmente homens adultos, eram admirados e prestigiados se fossem portadores de um pênis grande e estes gostavam de exibi-lo para os outros, enquanto ele procurava esconder o seu.

Muitas vezes eu vi homens adultos exibindo o pênis para outros homens e se gloriar do tamanho. Pediam para que eu pegasse, mas eu me recusava. Ao mesmo tempo queria ter um daqueles e poder me exibir como faziam. Como eu era criança ficava assustado e uma vez um pediu que queria botar em mim se eu deixasse. Sinceramente eu deixei, mas não consegui. Sabe por que eu deixei? Imaginava que o meu ficaria daquele tamanho. Que vergonha dizer isso! Eu confio em você, por isso estou me abrindo desse jeito e poder falar essas coisas me alivia, entende? Eu nunca falei disso, estava engasgado dentro de mim. Hoje sinto vergonha e ódio disso tudo porque me afetou até hoje, não consegui me livrar disso tudo.

Acredito que o tamanho do seu pênis foi “divulgado” entre os meninos da época através da fofoca que é um instrumento poderoso. Enlaçando com o conceito de Cláudia Fonseca (2004), a fofoca, neste caso, esteve a serviço para desonrar sua masculinidade. Foi um instrumento poderoso para pô-la em dúvida bem como o valor masculino: a honra masculina. Pelo que percebi nas entrevistas isso era, de certa forma, reforçado pelo seu pai ao dizer-lhe que não tinha forças, ou seja, não era suficientemente forte para trabalhar na “roça” e, novamente, voltava-se para o serviço doméstico. Segundo Grossi (2004) a paternidade é essencial para o significado de ser homem, mas não é o único e, no meu entender, o pai legitimou a feminilização do sujeito ao concordar com seus afazeres domésticos, o que reforçou as palavras do seu pai.

A força das palavras do pai do sujeito: “*fraco para o trabalho*” ressoam ainda hoje na sua vida por se achar enfraquecendo fisicamente com a aproximação do envelhecimento. E esse imperativo categórico foi reforçado pela sociedade que cultuava o mais forte fisicamente e com um pênis avantajado.

Como meu pai dizia que eu era fraco para o trabalho ele sempre me incentivou a estudar. Então eu estudava muito. Mas tinha um “porém”: meu pai dizia que se eu reprovasse iria trabalhar na roça. Então eu chorava quando não podia ir à escola. Minhas notas eram as melhores. Eu era prestigiado pelo meu pai por causa disso e ele se orgulhava de mim. Mas fisicamente eu não me sentia visto como homem por ele. Mas ele dizia que eu iria estudar, me formar e ganhar muito dinheiro para que ele não precisasse mais trabalhar na lavoura. Ele não gostava, percebia ele irritado o tempo todo com os empregados e, muitas vezes, descontava em mim; eu não podia me defender...

O entrevistado se sentiu desmasculinizado pelo seu pai e pela sociedade que se posicionaram como hipermasculinas diante dele ao considerá-lo frágil e com um pênis pequeno. Dessa forma os papéis eram definidos pelo culto ao masculino e o sujeito relatou que sempre lhe chamaram a atenção, ainda hoje, homens fortes, vigorosos, isto é, homens que na sua percepção seriam “*homens másculos no verdadeiro sentido da palavra*”. Chamavam-lhe a atenção homens que usavam farda como policiais, militares, homens uniformizados porque na sua imaginação tinham um pênis grande e grosso e, também, os gordinhos. Os gordinhos lhe chamavam a atenção porque o sujeito era muito magro e eles tinham um corpo que desejava ter.

Chamavam-me a atenção esses caras. Nunca tive nada com nenhum deles, mas eu desejaria e ainda desejo porque, na minha fantasia eles sim são homens de verdade, machos e os imagino comigo, eu tocando em seu corpo todo, sentindo seu cheiro de macho. Seria uma forma de eu ter o que sempre desejei. Como nunca fui assim, pelo menos agarrando um desses eu teria o que eles têm. Isso ficou somente na fantasia e tive oportunidades, mas eu fiz de conta que não queria nada. Cara, como posso dizer

isso? Você deve estar assustado e eu envergonhado. Agora estou quase velho nenhum vai me querer, pois gostam de gurizinhos, carinhas novos (riu).

Quando falou desses tipos físicos que lhe chamavam a atenção reforçou com uma cena que presenciou numa praça central da cidade e da sua oportunidade para ter um desses machos das suas fantasias:

Eu estava passando pela Praça Saldanha Marinho e na minha frente caminhava um [...]. Ao chegar perto dos banheiros públicos ele entrou e enquanto descia a rampa me olhou enquanto passava a mão na “mala”. Passar a mão é uma forma de “convite” para alguma coisa mais íntima, ou seja, claramente falando, para transar. Mas eu segui adiante e fui embora, fiz de conta que não era comigo e que nem tinha percebido.

Perguntei-lhe porque fez isso e me respondeu que sentiu vergonha e “*morre de medo*” de que alguém o veja, mas sentiu vontade de descer ao banheiro. Disse-me que ali não faria nada, mas talvez fosse uma oportunidade para outra ocasião em outro lugar. Em seguida me disse que sentiu vergonha por me dizer isso, mas que confiou em mim tudo aquilo que falou nas entrevistas. Falei-lhe que não se preocupasse e agradei sua confiança em mim e assim pôde continuar falando sem censuras, manifestando suas fantasias, seus temores, como se sentiu retratado corporalmente e como isso repercute atualmente.

O informante achava –ainda acha – másculos homens sujos como pedreiros, mecânicos, sobretudo se esses tinham um físico forte e uma “*mala*”<sup>7</sup> grande, “*maludos*”. Para ele estes eram portadores de um corpo forte que denotavam poder e dominação sobre os outros, ou seja, tinham aquilo que gostaria de ter, um corpo de macho e os imaginava como possuidores de um pênis grande e me contou que os homens gostam de exhibir suas “*malas*”. Sobre isso comentou:

Muitas vezes passei e ainda passo nos lugares do centro onde tem uns caras “caçando”. Passar a mão na “mala” no meio de tanta gente na praça, massagear ou pegar é uma forma de exhibir aos outros. Pegam nos seus genitais e olham para quem estão interessados. É claro que eu nunca quis nada, jamais sairia com um cara que não conheço. É uma forma de mostrar que são machos e ativos. Sei disso porque tenho amigos que saem com caras e me confirmaram isso.

Seguiu falando de como a masculinidade hegemônica poderá ser exercida através de gestos, como se fosse um código existente entre os homens.

Olha, cara, uma vez esse amigo me disse que se o carinha for passivo na transa ele passa a mão na própria bunda e olha para quem estiver interessado. E se o outro quiser vai atrás e dali vão para algum lugar e dizem que no centro existem lugares que aceitam, aqueles hotéis velhos e decadentes no final da Av. Rio Branco. Nossa! Você deve estar apavorado, mas essas coisas se conversa também entre os homens,

---

<sup>7</sup> “*Mala*” é o volume sob a vestimenta que os homens têm na região dos genitais.

mesmo os casados, com namorada e que nunca fizeram sexo com outros caras e nem é a praia deles. Vai me dizer que você nunca falou dessas coisas!?” (Rimos juntos)

Esse relato tem a ver como a imagem do masculino e denota o dominador e o dominado. São gestos corporais que poderão determinar quem é quem nessa história. Segundo Berenice Bento (2012), a masculinidade hegemônica constrói a imagem de masculinidade dos homens que detêm o poder, seriam considerados homens de verdade e diz que “*a definição hegemônica apresenta o homem no poder, com o poder e de poder*” (BENTO, 2012, p. 89).

Torna-se sinônimo de força, sucesso, capacidade, confiança, domínio e controle. Portanto, segundo a autora: “*O modelo hegemônico exalta a virilidade, a posse, o poder, a violência, a competitividade, mas apenas uma pequena parcela da população masculina preenche as condições desse modelo*” (BENTO, 2012, p. 90). E, como tenho relatado, o entrevistado não preencheu os modelos de masculinidade, por isso foi tratado como subalterno e com sua masculinidade posta em dúvida.

Os atributos da masculinidade hegemônica se dão fora da esfera doméstica, ou seja, é na esfera pública onde deve ser testada e aprovada. O público seria uma arena de cunho sexual onde as tensões adquirem um grau de competitividade e se estabelecem as relações de poder. O fracasso do poder se constituiu, para o entrevistado, fonte de perturbação, dúvidas sobre sua masculinidade e, também, de sofrimento.

Relatou que nunca se aproximou de nenhum daqueles homens da sua fantasia e imaginação, mas despertavam desejos sexuais por acreditar que eram “machos” e queria ter os seus atributos físicos. Disse que seria uma maneira de ter o que eles tinham e se imaginava incorporando seus fluídos e seus pênis para se tornar também um homem forte, poderoso e sair da subalternidade na qual se sentiu.

Vai se surpreender, mas confio em você por isso vou dizer uma coisa que fiz muito e ainda faço. Quando eu via na rua um desses caras que me atraíam eu chegava em casa, me deitava na minha cama e ficava fantasiando que estava com ele. Isso me excitava muito e me masturbava. Imaginava como ele era, seu corpo, se “pau”. A fantasia era uma loucura, mas nunca passou disso.

Falou que hoje é raro imaginar isso, mas quando criança e jovem teve tais fantasias ao ouvir que de dentro dos homens mais velhos saía “*leite*” e quem tinha esse “*leite*” era macho, forte e dominador. Era comum, e ainda hoje também, muitos homens se referirem ao sêmen como se fosse “*leite*”.

Você vai sentir nojo, mas eu imaginava seu pênis grande em minha boca e eu mamando para sugar seu *leite*. Ainda mais daqueles de homens que falei antes. Que isso me deixaria forte, macho também como eles. Mas tudo somente na fantasia

porque depois que cresci nunca mais vi o pênis de outro cara; olho a *mala* deles e de outros, mas uma olhada rápida porque tenho vergonha de imaginar que me vejam olhando para eles. Você deve estar achando que sou um devasso, um pervertido, mas isso tudo é imaginação. Falo isso porque me sinto tranquilo com você.

Até aqui pude perceber o poder atribuído a um corpo forte e másculo e outros atributos masculinos nos quais o sujeito não se enquadrou. Percebi uma desigualdade porque impõe-se a imagem paradigmática de que todo homem deve ter a hegemonia, mas, que no caso do entrevistado, houve submissão à masculinidade hegemônica dos outros, inclusive se sentiu subalterno a meninos de sua idade, ou até mesmo mais novos. Relatou que todas as vezes que ouviu os outros meninos e rapazes falando sobre suas aventuras sexuais com as mulheres, se sentia fora do contexto, porque não tinha nenhuma aventura para contar. E contou como os homens gostam de se exibir uns aos outros contando essas histórias.

Os homens adoram contar essas histórias e eu ouvi muitas. Contam com quantas mulheres saíram, quantas vezes gozaram, as posições em que transaram, onde, como conquistaram a mulher. Eu não tinha nada para dizer sobre isso. Eu fingia alguma coisa e contava algo que imaginava para me sentir admitido no grupo. Hoje em dia, com meus amigos casais não se fala dessas coisas. Com os outros amigos às vezes, estão ficando todos velhos mesmo! (risos).

Para o entrevistado, os meninos e rapazes daquela época, no seu modo de entender, seriam mais fortes que ele e eram portadores de um corpo de macho, que correspondeu a um ideal cultural de masculinidade e, por não se enquadrar nesse ideal, se sentiu fora da posição hegemônica. Essa posição remete, também, ao conceito de patriarcado, mas por ser um tema que também suscita muitas discussões, prefiro fazer somente referências, porém, poderá ser retomado em outra ocasião.

Para citar uma referência ao patriarcado Heleieth Saffioti (2004), fala sobre a violência do patriarcado em relação às mulheres como uma prática muito antiga, porém um tema oculto e tratado como tabu, mas que provoca graves problemas sociais. No seu livro ela se refere mais à violência contra as mulheres, mas fazendo um enlaçamento com o sujeito e o objeto da pesquisa, observei que os homens também podem sofrer as consequências do patriarcado e o sujeito entrevistado falou disso, do desejo de poder que domina os homens e falou sem censuras sobre o jogo do poder.

Num certo momento a entrevista tomou outro rumo sem “*aviso prévio*”. Ao falar sobre sua submissão à masculinidade dos outros homens me disse que inveja as prostitutas, as garotas e os garotos de programa e os travestis. Fiquei perplexo e, ao mesmo tempo, rimos do que falou em relação às “*putas*”:

As putas são poderosas. Veja, cara, elas dão para quem quiserem. Quando decidem dar elas cobram e ainda o cara tem que fazer ou não fazer o que elas determinam. Isso é um grande poder. O mais importante é que o cara paga para se submeter a tudo o que irão fazer ou não, elas determinam toda a transa. Têm a dominação completa sobre o carinha e ele ainda paga por isso. E o imbecil se acha o grande macho, dominador porque comeu uma puta, por exemplo. Bota ilusão nisso! Elas sim são poderosas e o cara que paga, este é um coitadinho! (Rimos muito disso).

Essa fala me fez pensar como a masculinidade pode ser construída e o homem acreditar que é o dominador. Portanto, percebi que existem muitas articulações o que me levou a pensar como as masculinidades são culturalmente construídas. E em relação a isso, o entrevistado relatou que havia disputas dentre os que se consideravam fortes e másculos em relação à hegemonia entre eles na sociedade onde viveu. Observou como isso está muito presente dentro do universo masculino e como muitos homens se exibem para os outros a fim de demonstrar sua força e atributos físicos e, assim, se exhibir, também, para as mulheres e conquistá-las.

Vejo muitos caras sem camisa e na minha imaginação eles fazem isso para se exhibir para as outras pessoas, sobretudo para as mulheres. Eu não consigo fazer isso, andar sem camisa na rua nem pensar, na praia é difícil mesmo que esteja sozinho. Exibir meu corpo é um terror para mim; quando vou ao médico e me pede para tirar a camisa eu morro de vergonha. Olha, eu sinto vergonha do meu corpo.

Essa vergonha do próprio corpo entendi que tem ocorrido porque o sujeito não tem os atributos físicos considerados másculos, do macho e, por causa disso, ser visto como feminino corporalmente, ou seja, o “*fracote*”, pois havia um único modelo de masculinidade para aquela sociedade e quem não se enquadrasse nesse modelo era destituído de poder e não entenderam as outras possibilidades de masculinidade.

Outras possibilidades de masculinidade eram rechaçadas por aquela sociedade e não foi aceita e nem entendida a variabilidade do que significava o masculino e nem que havia outras possibilidades de masculinidades. Segundo Michael S. Kimmel (1998), as masculinidades variam de cultura para cultura; dentro da mesma cultura, de acordo com o tempo histórico e variam no decorrer da vida do próprio sujeito. São construídas simultaneamente numa relação de poder entre os homens – homens com mulheres – e o entrevistado relatou como foi construída a sua masculinidade.

Tenho percebido através da análise das entrevistas que há uma interação entre o biológico – o corpo – e o ambiente sócio-cultural, portanto o corpo não é o único determinante para a hegemonia masculina, ou seja, somente pelo fato de biologicamente ter um corpo masculino não significa necessariamente que o indivíduo seja possuidor de uma masculinidade hegemônica, isto é, o corpo precisaria ser legitimado pela cultura e pela

sociedade como hegemônico. O entrevistado, por não ser portador de um retrato corporal enquadrado numa cultura e numa sociedade que privilegiava um corpo forte, sentiu-se submisso aos demais e considerado como não suficientemente masculino.

Compreendi que o corpo é uma produção cultural como diz Guacira Lopes Louro & alii, ou seja,

Uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. [...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções [...] cria discursos que sobre ele se produzem e reproduzem (LOURO et alii., 2003, p. 28).

Segundo a citação acima, o corpo tem significados sócio-culturais a ele atribuídos e é, também, construído pela linguagem que o nomeia, o classifica, define o que é normal e anormal, o que é belo e o que não é belo e, neste caso, qual corpo é másculo e constituído de poder e qual corpo, mesmo biologicamente masculino, será considerado não-m másculo e destituído de poder. Portanto, no corpo estão impressas as marcas de um processo educativo e social. Assim se percebe como o corpo do entrevistado foi construído e retratado. Um corpo subalterno diante da hegemonia de outros corpos vistos como fortes, ou seja, másculos dos outros indivíduos considerados culturalmente mais fortes, que triunfavam sobre ele.

O corpo do entrevistado foi marcado pela cultura e pelo social que influenciaram na construção do gênero. Em seus relatos, disse-me que, em determinados momentos não sabia bem quem era: homem ou mulher. Por ter um corpo frágil, era tratado como se tivesse um corpo feminino. Não gostava de ser visto dessa maneira, mas foi afetado por esse universo social e cultural.

Esses retratos tiveram influências na sua vida afetiva a tal ponto que teve sua primeira namorada depois dos trinta anos. Por ter sido visto como alguém que tinha um pênis pequeno e um corpo que não denotava masculinidade acreditava que *“não seria homem suficiente para ter uma mulher.”* Disse que temia ser ridicularizado pelas mulheres na hora da relação sexual e, por isso, não dar conta. Percebi um indivíduo muito afetado por esse universo, mas nunca se sentiu homossexual apesar da atração por homens que considerava másculos, como relatei antes.

Eu percebia que havia garotas que gostavam de mim ou estavam afim, mas eu fingia que não via nada ou, então, não acreditava que isso poderia acontecer. Na verdade eu fingia porque não me sentia homem como deveria ser e ficava com medo de me relacionar com elas, namorar, transar. Eu não me via como homem segundo os conceitos que ficaram em mim. O meu papel onde vivi e que me marcou muito não era de homem ou macho como deveria ter sido: um homem dominador, macho. Eu era um homem visto como feminino. Sabe aquela música que diz: *“ser um homem feminino...”* (cantou). Assim eu me sentia visto, por isso não poderia ter uma mulher

apesar de gostar delas. Mas eu sempre preferi mulheres em algumas profissões, como dentistas, são mais delicadas que os homens.

Entendi, pela sua história, que a sociedade atribuiu papéis ao que seria masculino e, segundo a entrevista, havia preocupação com uma possível feminilização por parte de muitos homens. Então os meninos eram testados em relação à sua masculinidade, tinham que demonstrar desde muito cedo força, habilidades que iam além da sua identidade biológica. Deu-me a entender que havia o culto à masculinidade e isso era retratado primeiramente no corpo, pela força física e quem não demonstrasse esses atributos poderia ser chamado de “mulherzinha” ou de “menininha”. E uma possível homossexualidade era vista como decadência do pai, envergonharia a família e provocaria muitos conflitos pessoais.

Vai rir do que eu vou dizer agora. Lá, onde eu morava, havia um teste para saber se um guri era veado ou não, ou se tinha alguma tendência. Um adulto agarrava o guri e enfiava os dedos no seu traseiro por cima da roupa. Se ele gostasse poderia significar que seria ‘puto’ como diziam, mas se ficasse irritado e brigada por causa disso era homem de verdade. Fizeram comigo e eu fiquei ‘puto da vida’ com isso, fiquei com muita raiva.

Outra vivência, em relação a isso, se referiu ao fato de não gostar de tomar cerveja naquela época – hoje em dia toma algumas vezes um ou dois copos – mas tomava refrigerante. Para seus companheiros daquela sociedade – garotos da sua idade, em torno dos doze anos mais ou menos, com quem saía para algum lugar, como festas – o macho tomava cerveja. Para disfarçar, o entrevistado disse que tomava refrigerante de guaraná por causa da coloração parecida com a cerveja. E, naquela sociedade, quem tomava refrigerante eram as crianças e as mulheres. Tomar cerveja e/ou fumar seria um rito de passagem para ser admitido no universo dos machos.

Faço um parêntesis, aqui, para explicar porque não investiguei sobre as suspeitas de homossexualidade do entrevistado. Percebi que se tratou de um tema que ele não quis abordar, pois todas as vezes que o mencionei o entrevistado desviou ou a fala tomou outro rumo e eu o respeitei. Por isso não posso afirmar que seja homossexual ou que tenha tido envolvimento com outros homens porque ele não falou claramente disso.

Segundo sua história, ser másculo nos moldes daquela sociedade era questão paradigmática e de honra. Ouviu muitas vezes expressões do tipo “*honra teu pai*” e, também, “*honra as calças que veste*” como se na época houvesse delimitação: os homens usavam calças e as mulheres usavam vestidos ou saias. Assim, segundo Peristiany:

Honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos, mas, também, aos olhos da sociedade. É uma apreciação de quanto vale, da sua pretensão a orgulho,

mas é também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão pela sociedade da sua excelência, do seu direito a orgulho (PERISTIANY, 1971, p. 13).

No meu entendimento o entrevistado não se sentiu admitido ao universo masculino e, conseqüentemente, ao universo dos fortes e dos machos. Aos olhos da sociedade e do seu pai não se sentiu honrado; seu pai não pôde se orgulhar dele e o próprio entrevistado acredita não poder se orgulhar e honrar a sua masculinidade.

Para aquela sociedade ser forte, ter um corpo propício para a lida diária era, também, questão de honra e de prestígio. Deu-me a entender através das entrevistas que não se sentia prestigiado porque seu corpo não correspondia aos modelos de masculinidade. Segundo Robert W. Connell “*A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero*” (CONNELL, 1995, p. 188). Isso significa falar daquilo que realmente deve ser feito, a prática, para configurar a masculinidade na visão do grupo e, pode-se dizer, no universo masculino. E o entrevistado não jogava futebol porque o achava violento, não gostava de se sujar de terra porque isso era coisa de macho e ele não se sentia macho, não conseguia desempenhar tarefas pesadas, apesar de serem adequadas à sua idade, era visto como doente, principalmente pelo seu pai e desempenhava tarefas domésticas. Não se aproximava das “*gurias*” porque não se achava suficientemente macho por causa do seu corpo frágil e o seu pênis considerado pequeno.

Segundo Guacira Louro (2004) a sua prática era incoerente com a masculinidade, isto é, não estava de acordo com o que a sociedade atribuía ao masculino e as práticas que seriam para configurar sua masculinidade não o legitimaram porque não se sentiu olhado como homem. Em relação à identificação de gênero Joan Scott (1995), fala das práticas dos homens inseridas nas relações de gênero e nas relações sociais e afirma que não existe uma prática somente, ou seja, existe mais de uma configuração do que seja ser masculino. Mas para a sociedade onde o entrevistado viveu havia uma única forma de masculinidade.

Seguindo esse pensamento, cito Nancy Chodorow ao falar que as primeiras relações pessoais acontecem através da díade mãe-filhos e, no caso da masculinidade a autora afirma que “*a identificação de gênero masculino de um menino precisa surgir para substituir sua identificação primária com a mãe*” (CHODOROW, 1979, p. 71). Com o entrevistado não houve um rompimento suficiente dessa díade primária para que pudesse ir em direção ao pai, ou seja, permaneceu nessa díade, identificado com os afazeres domésticos e o seu corpo frágil legitimou essa relação primária com a mãe.

Gostava de sair com minha mãe e nunca com meu pai. Minha mãe visitava outras mulheres e passavam a tarde conversando e eu ficava com ela. Meu pai quase não

saía de casa e quando saía era para jogar cartas com outros homens ou assistir jogo de futebol num campo perto onde faziam torneios. Sempre preferi mais a companhia da minha mãe.

Seu corpo mais frágil em relação aos outros meninos era “*saco de pancadas*” porque se aproveitavam de sua fragilidade para baterem nele ou vê-lo ser humilhado. Ainda mais, nunca se sentiu honrado e valorizado pelo seu pai, isto é, havia assimetria nas suas relações sociais.

Relatou que as mulheres que desempenhavam tarefas fora do universo doméstico, ou seja, iam para a “*roça*” com o pai, irmãos ou com o marido eram admiradas. Eram mulheres fortes e detentoras de poder enquanto aquelas que ficavam em casa com as tarefas domésticas tinham seu valor, mas não tanto como aquelas que saíam do mundo doméstico. Isso demonstra, também, a hegemonia do masculino e das atividades consideradas de homens. Ainda mais, comentou que se uma mulher era vista ou se dissesse dela “*parece um homem*” isso era sinal de prestígio e de honra em relação às outras que ficavam mais no espaço doméstico. Eram detentoras de poder frente às outras mulheres e, até mesmo, em relação a muitos homens. Contou que eram mulheres pouco vaidosas, mas se casavam e tinham filhos, pois eram também valorizadas para um bom casamento. As mulheres que se restringiam mais ao âmbito doméstico tinham seu valor enquanto davam conta da lida da casa e da educação dos filhos. Isso confirmou novamente que era uma sociedade onde se valorizava a função do macho porque havia um modelo cultural do que seria masculino.

Até minha mãe ia para a roça com meu pai e outros empregados e eu ficava em casa e ajudava a empregada, lavava louça, limpava a casa, lavava roupa. Eu ficava em casa e meus pais trabalhavam na lavoura.

Segundo Miguel Vale de Almeida (1995), há um modelo cultural do que seja masculinidade hegemônica, que é um modelo ideal que exerce controle sobre os homens que exclui o campo emotivo que seria atributo feminino. Sobre a emotividade o sujeito relatou que chorava facilmente por qualquer motivo e, por isso, também, era visto como feminino. Para Almeida “*A masculinidade é um processo construído, frágil, como forma de ascendência social que pretende ser*” (ALMEIDA, 1995, p. 17). E por ser o filho mais velho – o sujeito da pesquisa - havia a expectativa de que fosse o homem na família o que, segundo Pina Cabral (2003), gera grandes expectativas tanto familiares quanto sociais.

Ainda sobre essa prática diz Tina Chanter:

O gênero é sempre o vivido, gestual, corporal, culturalmente mediado e historicamente construído. Não é que tenhamos uma feminilidade ou uma

masculinidade central, essencial ou não ambígua que luta para manifestar-se ou para encontrar sua expressão adequada. Ao contrário há ditames culturais de acordo com os quais os sujeitos constroem a si mesmos, apropriando-se de códigos de gênero historicamente situados e, às vezes, reinventando ou subvertendo tais códigos (CHANTER, 2011, p. 09).

Essa citação me remete ao que Fleck (2010), fala de paradigmas que são criados e no caso em apreço, os homens daquela sociedade deveriam se enquadrar em paradigmas masculinos ou então seriam vistos como subvertidos por não se enquadrarem aos códigos de masculinidade.

Por último o que pretendo entender é como essa construção atinge o envelhecimento do entrevistado, do ponto de vista corporal e com o fato da velhice estar se aproximando. Disse-me que muitas vezes se angustia, que entra em desespero. Sabe que o fim não está tão próximo como imagina, mas envelhecer seria se tornar aquele menino frágil que servia de “*marionete*” nas mãos dos outros.

Envelhecer seria ficar nas mãos de alguém e “permitir” que faça de mim o que quiser. Não ter vontade própria, ser humilhado, sem forças. Sei que não é bem assim, mas meus sentimentos veem dessa maneira. Ficar velho seria enfrentar tudo isso de novo, não ter autonomia, não ter independência apesar de ter vontades. Odeio a fragilidade do idoso, odeia suas queixas, seus lamentos, sobretudo se for homem. Parece que velho é uma criancinha ou uma “mulherzinha” chorona. Tenho vontade de esganar um velho chorão que se queixa de tudo e ainda mais quando reclama de alguma coisa porque não está como quer; velho fazendo exigências, isso me irrita demais. Eu sempre tive que me virar sozinho e ficar velho seria incomodar os outros.

Envelhecer seria perder o pouco de sua masculinidade hegemônica que foi conquistando com o tempo, e devido à qual começou a se sentir um pouco mais respeitado. Sente que aos cinquenta e cinco anos procura ainda um paradigma onde se enquadrar porque sempre procurou um modelo de masculinidade que se emoldurasse seu corpo; um modelo que lhe desse poder e hegemonia, sobretudo, frente ao masculino. Entendi-o como um indivíduo que não construiu seu próprio modelo masculino, mas procurou, e ainda procura na entrada para a velhice, um modelo onde se encaixar, ou seja, como se estivesse procurando um Divã de Procrustes.

Sinceramente eu não sei que corpo eu tenho, se é de homem ou de mulher. Olho-me e sei que meu corpo é de homem, mas não o vejo como de macho. Corpo de macho tem aqueles de quem falei antes, parrudos, grandalhões ‘*maludos*’ e assim por diante. Sempre quis me moldar a esse tipo de corpo e não me acostumei ainda com o que tenho. Imagina, nessa idade ainda querer ter outro corpo. Só na fantasia mesmo porque sinto meu corpo decair, eu cuido dele agora, mas está decaindo eu percebo: cabelos grisalhos, ruguinhas, manchas na pele, muitas coisas encolheram como os genitais. Cara, eu sempre tive muita preocupação com a sexualidade, nunca a vivi plenamente e sinto falta dela e agora acho meio tarde para começar; ainda mais que ainda tenho vergonha do meu corpo.

Disse-me que, nesse momento, toda sua história em relação ao seu corpo se torna presente e a ressignifica. Hoje sente-se prestigiado por tudo o que conquistou “*com meus próprios méritos*”, disse, porque não contou com a ajuda de outras pessoas e sempre se “*virou sozinho*”. E para chegar ao que é hoje passou por necessidades e até submissões humilhantes. Mas vive bem, tem amigos e uma vida social satisfatória. Contou-me que lhe faltou ser mais agressivo para se defender melhor de muitas situações e pessoas, ou seja, faltou a sua masculinidade hegemônica que em certa medida, lhe ajudaria em muitas situações e me disse que muitas pessoas se aproveitaram disso. Como pouco ou raras vezes alguém o socorreu envelhecer pode ter esse significado de se sentir novamente sozinho e submisso à vontade de outros.

A velhice me preocupa porque imagino novamente submisso aos outros, à vontade de outras pessoas. Fui sempre muito submisso e meu corpo decadente me envergonha, me torna cada vez menos homem, nunca fui macho como gostaria, mas me sentir menos homem é horrível, não ter vontade própria, depender de alguém; ser cuidado por outra pessoa e ela me dar banho, passar as mãos no meu corpo, limpar meus genitais, nossa, isso é muito vergonhoso.

Para o entrevistado, envelhecer seria perder a honra e o poder. A honra, segundo seu próprio conceito e seu entendimento, seria não ter vontade própria, ser desprestigiado e, juntamente com isso, perder o poder. Essa honra e poder, no seu entendimento, estão muito vinculados ao corpo. Pois, como ele mesmo disse, o corpo sempre ocupou um lugar de extrema relevância em sua vida, isto é, o corpo sempre foi motivo de preocupação.

Ainda hoje, próximo ao envelhecimento, admira homens fortes, como foi descrito anteriormente, por achá-los másculos. Esperava que sua admiração por esse tipo de homem fosse diminuir ou desaparecer com o tempo. Admira os velhos gordinhos porque eles têm a pele praticamente sem rugas e nisso reside sua resistência em perder peso. Perder peso seria ter a pele “*enrugadinha*” e flácida com a perda do brilho ficando mais opaca e áspera.

Ao recordar como foi sua vida na infância e adolescência não quer se sentir inserido no universo do envelhecimento. A cultura que o marcou muito foi a do macho e que macho tem que ser forte, ter mulheres e “*dar conta do recado*” que seria atuar com macheza. Não consegue fazer isso, ou seja, nunca o fez porque temia o fracasso e não se sente impelido a se aventurar nessa área. Se naquela época o macho tinha atributos físicos fortes, um pênis grande e muito “*leite*” sente que tudo isso foi se subtraindo com o passar do tempo e se acentuando com a entrada no envelhecimento. Sente desejo sexual que ainda é confuso: às vezes por mulheres e sobretudo pelas que considera inteligentes, fortes e, também, outras vezes, por homens que considera dotados de todos os atributos de macho.

Para mim a velhice é o fracasso de tudo, meu fracasso como homem, reforça que fui um cara fracassado no que se refere à minha masculinidade, ser macho. Envelhecer significa o fim de tudo, não terei mais nenhuma chance. Terei que aguentar assim e não tenho outro jeito. Ainda bem me dei bem pelo lado intelectual, gosto do que faço e me dá prazer. Mas do ponto de vista como homem, do corpo, é o fracasso, a desilusão e isso angústia.

Relatou sua intimidade em relação a isso. Ainda pratica a masturbação, disse-me que, talvez, seja a única maneira para ter algum prazer sexual; mas o que o preocupa é perceber que diminuiu muito a prática, pois como esta tem sido sua fonte de prazer sexual desde que não namorou mais, agora sente a diminuição da excitação e a rapidez com que desaparece. Para ele é o sinal de que a velhice está cada vez mais próxima e que os símbolos do macho, mesmo que muito leves para ele, estão se esvaindo aos poucos.

Não tem muita graça, não endurece como antes (riu), mas eu faço assim mesmo, com o pênis mole, dá um prazerzinho meio patético, mas significa alguma coisa. Algum prazer nessa área a gente tem que ter (risos).

Para concluir essa parte sobre gênero pude perceber como a sociedade onde o entrevistado viveu configurou seu corpo e sua masculinidade ficou confusa apesar de se sentir homem e gostar de ser. Carrega em seu corpo o discurso da sociedade e do culto ao macho, ao viril, da força para o trabalho.

Isso repercute na visão sobre seu envelhecimento que se aproxima que é visto como um fracasso para todas as tentativas em atender às demandas sociais. Envelhecer lhe subtrai a esperança de ter um corpo másculo, forte, que seja atraente e denote hegemonia ou supremacia sobre os demais. Para ele a ideia de velho significa ser submisso, dependente e isso ressignifica sua história.

Minha intenção inicial era escrever pouca coisa sobre gênero, mas me apaixonei também por isso, aliás, desde que comecei a frequentar os seminários de gênero tenho gostado muito, apenas estava inseguro para tratar desse tema. E quando percebi por onde poderia andar foi difícil parar. Muitas coisas ainda poderiam ser descritas, mas haverá continuidade para entender como a construção do corpo para o entrevistado se deu sócio-culturalmente e repercutiu em toda a sua existência e, sobretudo, no seu envelhecimento que está se aproximando.

Nesse capítulo analisei o que foi relevante para a construção do seu retrato corporal com as articulações de gênero porque percebi ser importante ter presente isso e como irá repercutir no seu envelhecimento. Serviu de pano de fundo para entender os diversos olhares sobre a velhice.

Outras reflexões sobre os retratos corporais masculinos no envelhecimento foram feitas mais adiante, ou seja, na continuidade da análise iniciada neste capítulo e foram focadas nas entrevistas do sujeito e seus olhares para o próprio envelhecimento que se mostra no horizonte.

## CAPÍTULO III

### UM POUCO DE HISTÓRIA

#### 3.1 Corpo e sua história

Para a construção do objeto e do tema desta pesquisa foi importante conhecer a história dos mesmos. O conhecimento histórico facilitou o entendimento da sua trajetória até o momento atual para perceber a relevância dos mesmos e garantir que estejam inseridos na historicidade. Caso não estivessem inseridos haveria o risco de não serem tão relevantes e o autor fazer um discurso vazio.

Nesta parte fiz uma pesquisa da história do corpo, pois, como tenho dito anteriormente o corpo não é somente biológico, mas também histórico e cultural. A sociologia do corpo me deu uma ótica de como este tem sido visto pelas ciências sociais dentro dos diferentes contextos históricos, culturais e sociais.

Após muitas leituras sobre a historicidade do corpo, entendi que este tem sido uma presença silenciada nas primeiras escolas de sociologia. No princípio a sociologia marcou um novo domínio de estudos que, no contexto das grandes transformações na Europa, como a Revolução Francesa, o processo de industrialização e de urbanização, tratou de compreender como se estabeleceu e se manteve a ordem social, como ocorreram as mudanças sociais e como o corpo tem sido retratado em diferentes tempos. O corpo foi, e ainda é, um retrato sócio-cultural e histórico, segundo minhas conclusões.

Bryan Turner (1994) oferece duas razões para justificar o descuido acadêmico com o corpo. Em primeiro lugar, a teoria social herdou o dualismo cartesiano que dava prioridade à mente e suas propriedades de consciência e de razão sobre as propriedades da emoção e da paixão. Por sua vez a sociologia clássica tendeu a evitar explicações do mundo social que tinha em conta o corpo humano, centrando-se no ator humano como um criador de signos e significados. A preocupação sociológica pela historicidade e a ordem social nas sociedades modernas não parecia envolver o corpo, salvo nas questões ontológicas. Segundo ainda o mesmo autor, a sociologia tem se preocupado do eu em sociedade ou de sua estrutura em lugar da natureza-cultura. A segunda razão pelo esquecimento do corpo é que o tratou como

um fenômeno natural e, conseqüentemente, não como um objeto legítimo para a pesquisa sociológica (TURNER, 1994).

Fui percebendo que na sociologia clássica, o corpo não se diferenciou entre o social e o biológico que, em geral, não prestou atenção aos seus fatores genéticos e nem psicológicos. Os temas dos primeiros sociólogos têm sido as características das sociedades urbanas industriais, a ordem social, a ação dos indivíduos entendida como ação racional, a estrutura social, o marco econômico e a produção material.

Apesar disso o corpo teve certa relevância em alguns dos primeiros sociólogos. O darwinismo social contribuiu para o estudo do corpo humano que entendeu o ser humano como parte da natureza e o tomou como base para estudar as diferenças raciais. O darwinismo social aplicou a doutrina da seleção natural de Charles Darwin à sociedade para explicar as mudanças sociais mediante a teoria da seleção natural das espécies. Esse mesmo autor em seu livro: *A expressão das emoções no homem e nos animais*, lançado em 1872 diz que o ser humano não é só um corpo, mas um produto da evolução, que tem sentimentos no qual a corporeidade é um dos elementos principais e está, também, constituída de emoções (DARWIN, 2009). Segundo Mike Featherstone (2004), no final do século XIX, a teoria do evolucionismo social de Spencer estabeleceu uma analogia orgânica entre sociedade e corpo.

Karl Marx também tratou do corpo humano no capitalismo e o analisou como este exige a contínua produção e reprodução de corpos humanos (MARX, 1995). Em tempos mais recentes, a sociobiologia constituiu outra exceção ao tratar de explicar os universos humanos em termos de herança e genética.

No entanto, em termos gerais, a sociologia clássica se centrou no estudo da cultura, na constituição do ser humano e delegou o estudo do corpo a outras ciências como a medicina e a bioquímica. O corpo era visto como algo externo, já que a sociologia se centrou no estudo do homem como agente, ou seja, em sua capacidade de tomar decisões e atuar. Assim o corpo teve diferentes definições de acordo com o contexto em que esteve inserido.

Segundo uma definição de Platão (2001) em *Crátilo ou da linguagem*, o corpo tem dois significados: o primeiro -*sooma*- o remete a ser o portador ou o guardião da alma, segundo as crenças órficas; e o segundo - *seema* - supõe que o corpo seja o meio pelo qual a alma expressa tudo o que quer dizer. O termo *sooma* conserva-se na terminologia médica ao se referir às questões somáticas. Mas o segundo termo, *seema* inscreve-se na família de significados que incluem vocábulos como sentido, significante e significado. A partir desses conceitos o corpo ao qual estive me referindo neste texto é o *seema*, um corpo dotado de

significados inscritos pelo social e pelo cultural dentro de um contexto histórico e antropológico.

A partir da relevância que o corpo tomou nos diferentes meios sociais, muitos escritos foram enriquecendo a literatura. Dentre eles Michel Mauss escreveu *Técnicas corporais* em 1934 em que demonstrou criticamente como o corpo tem sido usado e visto, muitas vezes, como um instrumento técnico.

Mauss foi um dos pioneiros a tratar esse tema sob o olhar antropológico. Porém, o tema foi sendo ampliado e David Le Breton (2011) afirmou a importância do corpo para a sociologia. Para Le Breton o corpo faz “*a interface entre o social e o individual, a natureza e a cultura, o psicológico e o simbólico*” (LE BRETON, 2011, p. 92). Segundo o autor o corpo colocou o indivíduo como ator social e não como um instrumento técnico para o trabalho e que fora, até então, destituído de significados.

Na obra *Antropologia do corpo e modernidade* Le Breton (2011), fez uma análise de longo alcance sobre o corpo desde o início da modernidade até as experiências genéticas atuais. Segundo o autor, ao longo do tempo, foi construída uma paradoxal concepção acerca do corpo. De um lado foi visto como o demarcador das fronteiras entre o indivíduo e o mundo; de outro, foi concebido como dissociado do ser humano. Em outras palavras, instalou-se a bipolaridade; uma visão do corpo mais como um *ter* do que um *ser*, em que o ser humano não só se distanciou do corpo, mas também o depreciou. Outra questão levantada por Le Breton foi que o corpo identifica o ser humano, produz no indivíduo um sentimento novo de ser ele mesmo, antes de ser membro de uma sociedade.

Em seu livro, *A sociologia do corpo* Le Breton (2007), concebeu o corpo como um importante elemento da expressão humana, revelou-o como primordial para a compreensão do ser humano no mundo e da sua relação com o mundo. Como um produtor de sentidos e propagador de significações o corpo permite a inserção no interior dos espaços sociais e culturais. Assim, o processo de socialização da experiência corporal acompanha as diversas etapas do desenvolvimento dos indivíduos e a construção corpórea, pautada nas características de cada grupo social, torna-se socialmente maleável.

Através de Mauss e de Le Breton foi possível perceber que há um vínculo entre o corpo (individual) e a sociedade, assim como a relação de significação do primeiro a partir da cultura, da história e das normas da segunda.<sup>8</sup> O caráter social do corpo que detém aspectos da

---

<sup>8</sup> Outros autores na disciplina falam da aproximação do estudo do corpo destacando a significação entre o individual e o social. Em particular, investigações conduzidas nos povos de interesse etnográfico por Mary Douglas, Victor Turner ou Edmund Leach, se referiram ao corpo como “símbolo da sociedade ou como

identidade pessoal fez do corpo o foco de interesse da antropologia especialmente nos tempos atuais.

Outra obra importante para o contexto histórico do corpo é *História do Corpo* organizada por Alain Corbin que está dividida em três volumes. No primeiro os autores descreveram como a história do corpo passa pelo universo religioso e pela maneira como a Igreja, pela palavra e pelo texto escrito ou a imagem, influenciaram os comportamentos, propuseram modelos que se impuseram aos fiéis que viveram seu corpo em relação com o religioso e o sagrado. O corpo foi exaltado em sua materialidade e em sua concepção alegórica, o corpo político, a concepção religiosa do corpo, a medicina antiga e os saberes populares contrapostos à ciência moderna que recorreu ao imaginário da mecânica, da física e da química da época, que investigou o interior do corpo, a circulação, a estrutura e a força das fibras (CORBIN, 2010, vol. I).

No segundo volume de *História do corpo*, os autores fizeram uma abordagem em torno do religioso, do medicinal e do corpo trabalhado e modelado. Evocaram as representações do onanismo, da homossexualidade, das perversões e do imaginário erótico colonial. Distinguem as novas representações que marcaram o fim do século XIX e anunciaram o século XX, por um lado o surgimento de uma ciência do sexo que precedeu a difusão das obras de Freud; por outro, a ameaça venérea, das doenças hereditárias e da degeneração que envolveram a união física com a consciência de que o prazer traz consigo a morte (CORBIN, 2010, vol. II).

O terceiro volume de *História do corpo* pôs em cena o século XX com as diferentes mutações do olhar sobre o corpo, suas representações, seu uso e seu desgaste, sua exploração e seu culto, a estética e o espetáculo. Essas mutações profundas, sentidas na carne, constituem igualmente mutações no olhar que se depositou sobre o corpo. O deslocamento das relações entre saúde e doença, entre corpo normal e corpo deformado; a vida e a morte em uma sociedade medicalizada cada vez mais especializada; a legitimidade atribuída ao prazer ao mesmo tempo em que há a emergência de novas normas e novos poderes biológicos e políticos; a busca do bem-estar individual e a extrema violência da massa, o contato da pele na vida íntima e a saturação do espaço público pela frieza dos simulacros sexuais; estes são alguns dos paradoxos e dos contrastes no centro dos quais se constituiu a relação do indivíduo contemporâneo com seu corpo. (CORBIN, 2010, vol. III).

---

expressão de sua ordem simbólica. C. Levi-Strauss (1963), numa direção similar e tomando como referencial o povo Maori, definiu o corpo como a superfície na qual se encontram impressos certos traços de uma cultura.

Através da obra organizada por Corbin (2010), pude perceber que o corpo adquiriu grande destaque sócio-cultural no século XX. Porém, José Gil (1995), chamou a atenção para a instrumentalização do corpo que avançou para o século XXI em que o corpo está cada vez mais em evidência, explorado e se valoriza um corpo jovem, belo e saudável. Para Gil (1995), essa postura tem sido um retrocesso aos tempos em que o corpo foi instrumento de trabalho e que, do final do século passado até os dias atuais, o corpo se instrumentalizou como um objeto de consumo.

Outros autores também desenvolveram pensamentos sobre o corpo como Anthony Giddens que afirmou que o corpo não é apenas uma entidade física que possuímos. Ele é um sistema-ação, um modo de práxis e a sua imersão prática nas interações cotidianas é essencial para a narrativa da auto-identidade (GIDDENS, 2002).

Para Norbert Elias (1994), o corpo marca o indivíduo como uma presença no mundo e o indivíduo entre outros indivíduos. Dizer “*eu tenho um corpo*” ou “*eu sou um corpo*” conscientiza o indivíduo de que ele é único. Para Elias (1994), o corpo produz saberes individuais e coletivos, faz a fronteira que permite alargar os controles que fazem do ser humano aquela espécie que se realiza na direção do outro. Segundo, ainda, o mesmo autor, o indivíduo não é uma abstração, mas faz parte de um substrato capaz de se reconhecer em sua organização física e se perceber como uma imagem no meio de outras imagens similares.

Portanto, falar de corpo significa fazer uma intersecção entre a biologia e a cultura. Por quê? Porque a vida é um processo e o tempo vivido pelas pessoas e o modo pelo qual o corpo é social e culturalmente organizado dá ao tempo um sentido de processo total e não apenas de isolar partes dele, isto é, a vida deve ser vista como um percurso e não como etapas isoladas.

Não existe um processo único, mas diferentes processos ou ciclos de vida, históricos e culturais. Nesse processo está o corpo que chama a atenção para o “*aspecto universal da vida humana: uma entidade visível e esta visibilidade tem um importante papel na comunicação entre as pessoas e nos encontros da vida social*” (FEATHERSTONE, 1994, p. 52).

Por ser o corpo uma entidade social, o ser humano se faz corpóreo, vive num tempo, num espaço e os seus movimentos dependem das vicissitudes do próprio corpo. O corpo torna o ser humano visível aos outros e se comunica com os outros, isto é, a dupla capacidade do corpo é ver e ser visto, isso cria reflexos nas relações sociais, serve como indicador de poder social e de prestígio. A vida e o corpo são sociais e culturalmente construídos de diversos modos nas redes de relações sociais.

Nas redes de relações sociais o corpo se torna um protótipo da produção social que constrói a subjetividade e a corporalidade dos indivíduos numa existência humana através das redes de interdependências e se torna, por outro lado, fator de individuação porque deixa de ser somente biológico. Segundo Le Breton (2007), o corpo inclui o sujeito no contexto em que está inserido e o distingue dos outros indivíduos; ocupa o seu lugar e estabelece o limite entre o eu e o não-eu.

Para Elias (1990), o corpo permite ao indivíduo se reconhecer em sua organização física e se perceber como imagem entre tantas imagens similares. E diz sobre o corpo:

O indivíduo fala de si na condição de objeto de observação, por intermédio de termos como 'meu corpo', ao passo que, em relação a si mesmo, como ser capaz de se observar à distância, ele utiliza termos, como 'minha pessoa', 'a minha alma' ou 'minha mente'. O simples emprego da expressão 'meu corpo' faz parecer que sou uma pessoa existente fora do meu corpo e que agora adquiriu um corpo, mais ou menos da forma como se adquire uma roupa (ELIAS, 1990, p. 154-155).

Atualmente as práticas e os saberes em relação ao corpo são promovidos por múltiplas especializações que tem contribuído para criar ou definir e legitimar os novos códigos éticos e estéticos dos usos sociais do corpo. O corpo despertou novos interesses e está ligado profunda e estreitamente às transformações sociais. Na exaltação da cultura consumista o corpo se transformou em mercadoria e passou a ser o meio principal de produção e de distribuição da sociedade de consumo.

No que refere aos espaços, principalmente públicos, o corpo passou a ter gênero e o pensamento feminista passou a questionar e criticar o determinismo do corpo sexuado e levantar questionamentos sobre o problema da discriminação de gênero.

Expus essas referências históricas para demonstrar que a preocupação com o corpo sempre esteve presente na história da humanidade, da sociedade e da cultura. Certamente existem muitos outros autores que abordaram essa temática, além dos que citei.

### **3.2 Envelhecimento e sua história**

Sobre a história e o contexto histórico do envelhecimento, muito se escreveu, também. Atualmente os estudos sobre o envelhecimento estão entre as maiores preocupações, e passou a ser um tema abrangente em diferentes ramos do saber, da cultura e do social. Deixou de ser visto como um processo somente biológico em que a vida do ser humano iniciava com o

nascimento e terminava com a morte e, com essas mudanças, a existência humana passou a ser vista de uma forma mais dinâmica e complexa.

Ainda na antiguidade surgiu uma obra importante sobre o envelhecimento: *Saber envelhecer*, escrita pelo filósofo grego Marco Túlio Cícero que viveu entre os anos 103 a 43 a. C. Não tratou o tema com o rigor científico, mas mostrou como as pessoas da elite social da sua época conservavam seu vigor, as capacidades produtivas. Os idosos eram vistos como fonte de sabedoria e, para os mais jovens, serviam de paradigmas.

A obra é um diálogo sobre o envelhecimento e Cícero (1977), com seus interlocutores relatam suas impressões sobre a velhice e as diferentes formas de envelhecer e a comparação entre velhos e jovens entrou em pauta como, também, as capacidades de agir dos velhos e a negação da velhice. Por outro lado, exaltam as qualidades da velhice.

Os que negam à velhice a capacidade de tomar parte dos assuntos públicos não provam nada, portanto. É como se dissessem que, num barco, o piloto repousa, tranquilamente sentado na popa, apoiado ao timão, enquanto os outros escalam os mastros, se ocupam sobre o convés ou esvaziam a latrina. Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas da juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer (CÍCERO, 1997, p. 18-19).

Os personagens exaltam as qualidades da velhice por um lado e, por outro, os interlocutores riem da velhice e não sentem falta da juventude. Assim descrevem:

Assim, percebeis que, longe de ser passiva e inerte, a velhice é sempre atarefada, fervilhante, ocupada em atividades relacionadas com o passado e os gostos de cada um. E certos velhos, em vez de repetirem, continuam a estudar coisas novas. [...] A falta de vigor. É o segundo inconveniente suposto da velhice. Confesso não sentir essa falta; tampouco quando adolescente eu lamentava não possuir a força do touro ou do elefante (CÍCERO, 1997, p. 24-25).

Com o passar do tempo, a preocupação sobre o envelhecimento passou a ser objeto de estudos em vários níveis das ciências humanas, econômicas, psicológicas, políticas, médicas, culturais e sociais. Cada ciência procurou compreender o envelhecimento humano dentro do seu contexto e entendeu que não há um paradigma de envelhecimento e sim cada indivíduo envelhece à sua maneira dentro do contexto no qual está inserido. Os cientistas e pesquisadores foram se dando conta de que o envelhecimento vai além do biológico e que há variabilidade no significado de ser velho.

Com o desenvolvimento dos estudos sobre o envelhecimento o ser humano passou a ser visto além do que propõem as ciências naturais como a física. Os físicos se coroaram como o modelo de ciência e Germinal Cocho chama a atenção ao dizer:

Desde finais do Renascimento, a rainha das ciências tem sido a física. À semelhança de Napoleão em Notre Dame, os físicos tomaram a coroa, colocaram-na sobre as próprias cabeças e proclamaram a sua disciplina como o modelo de estudo da natureza (COCHO, 2006, p. 1991).

Houve um rompimento com a física como modelo de ciência e, para Edgar Morin (2005), a consequência dessa cisão foi a interdisciplinaridade ou a transdisciplinaridade que se tornou uma imposição inevitável. Esse rompimento permitiu que muitas outras ciências pudessem olhar para o envelhecimento e tomá-lo como objeto de estudos e fazer suas próprias reflexões dentro dos seus espaços específicos.

Os estudos sobre o envelhecimento foram ganhando cada vez mais terreno e o idoso começou a ser visto a partir da equação bio-psico-socio-cultural em interação com todos os níveis e surgiram, também, preocupações com políticas públicas para melhor atender essa população cada vez mais crescente. Muitos grupos e organizações voltados para os idosos começaram a se formar e a participação do idoso na sociedade foi ganhando cada vez espaço e seus direitos respeitados. Para citar: no Brasil foi promulgado o Estatuto do Idoso no ano de 2003, no qual se delineiam os direitos e deveres para com a pessoa idosa.

Muitos escritos foram publicados e o tema do envelhecimento conquistou relevância. Dentre essas obras cito uma que foi marcante e que entrou para a história da literatura sobre o envelhecimento escrita por Simone de Beauvoir: *A velhice*. Nessa obra publicada na França em 1970 a autora traça um perfil sócio-antropológico sobre o envelhecimento.

Segundo Mary Del Priore e Márcia Amantino (2011), com o aumento da população idosa, surgiu a cultura do envelhecimento que foi dotada de um sistema de significados e uma nova ciência surgiu: a gerontologia. E, por outro lado, entrou em cena o culto ao rejuvenescimento como se fosse uma recusa à velhice e investir no envelhecimento passou a ser visto como uma forma de recuperar a juventude nem que seja nas aparências e nas ilusões. Assim, o indivíduo poderia viver todas as idades que o precederam e sentir, também, todas as idades em si mesmo e fazer um diálogo entre a sua infância, a adolescência, a maturidade e a velhice. Nesse diálogo, as idades se unem e se opõem ao mesmo tempo e, muitas vezes, camuflam a passagem do tempo.

Nessa ânsia, surgiram termos que procuraram dar formas menos agressivas ao envelhecimento como: terceira idade ou, então, melhor idade. Esse termo melhor idade tem

sido rejeitado por muitos idosos porque, para eles, é uma enganação, uma falácia. Sobre isso disse-me um dos entrevistados nas entrevistas-piloto que fiz antes de decidir pela história de vida de um deles. Falou-me: *“Melhor idade uma ova! A gente sente dores, limitações, as juntas doem e não se sente a agilidade da juventude! Isso é melhor idade? Não me venham com essa conversa!”* Diante de tal afirmação, pensa-se no ideal da juventude.

Norbert Elias (2001), também entrou na discussão sobre a velhice num tempo no qual, metade do século XX, não havia tantas preocupações com o tema e, segundo autor, a sociedade fazia um movimento de retirá-la do espaço público afim de dirigi-la para a esfera privada e para os especialistas. Isso, segundo Alarcon Agra do Ó (2008), porque a sociedade desenvolveu a prática da individualização, e diz:

[...] os afetos foram controlados, os instintos subjugados à cultura, a felicidade foi relacionada intimamente à satisfação e ao gozo perene do indivíduo. Aos velhos passou caber apenas a culpa por sua própria decadência e a alternativa do isolamento, sob os cuidados de instituições especialistas, que os retiram do convívio social, pacificando a sensibilidade dos mais jovens (AGRA, 2008, p. 392).

Elias (2001) fez muitas referências ao envelhecimento ao observar idosos e concluiu que certos comportamentos não são possíveis de evitar porque o indivíduo está velho e experimentou isso consigo mesmo. E vejamos como descreve o envelhecimento:

Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e com os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, eles resistem à ideia do seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível (ELIAS, 2001, p. 80).

O mesmo autor segue dizendo:

Sinto-me um equilibrista, familiarizado com os riscos de seu modo de vida e razoavelmente certo que alcançará a escada na outra ponta da corda, voltando ao chão tranquilamente a seu devido tempo. Mas as pessoas que assistem a isso de baixo sabem que ele pode cair a qualquer momento e o contemplam excitadas e um tanto assustadas (ELIAS, 2001, p. 81).

Com essas referências sobre a história do envelhecimento, foi possível entender a relevância que o tema ganhou, sobretudo, na atualidade. A velhice varia sua imagem segundo a cultura e a sociedade e está inserida no contexto histórico. Como diz Elias (2001), a resistência ao envelhecimento poderá persistir em nível individual ou coletivo apesar da familiaridade cada vez mais crescente com a velhice. E sobre essas resistências e imagens em relação ao envelhecimento, o entrevistado relatou suas percepções.

Foram percepções que me surpreenderam, porém entendi que revelou sua intimidade em relação ao seu olhar para o envelhecimento. Nessas breves referências históricas sobre corpo e envelhecimento entendi que o corpo tem sido muito mais olhado pelo norte biológico e o ideal de corpo tem sido a juventude. Porém, o corpo esteve presente nos diferentes contextos históricos e culturais o que tem despertado muitos estudos.

O entrevistado falou de seu corpo histórico, social e cultural e nas entrelinhas manifestou um corpo simbólico, suas representações corporais que fomentaram a configuração dos seus retratos corporais durante seu ciclo vital. O tempo histórico que se delineia à sua frente, o envelhecimento no horizonte, propõe um outro olhar, ou seja, sua existência faz parte da história do corpo porque reflete um tempo, uma sociedade e uma cultura de sua época passada e presente.

## **CAPÍTULO IV**

### **REFERENCIAIS TEÓRICOS**

Para compreender melhor a análise das entrevistas, fiz uma descrição dos principais conceitos que compuseram essa pesquisa. Tais conceitos os direcionei para que os objetivos fossem atingidos com a finalidade de dar respostas à problemática que me propus responder nas definições.

Os referenciais teóricos podem dar margem para muitas outras interpretações, mas o foco foi mantido no que concerne ao corpo e ao envelhecimento masculino. Por isso, que no decorrer da apresentação destes referenciais, fiz assinalamentos sobre as referências ao tema, para que o leitor, ao ler a análise das entrevistas, tenha presente de onde parti.

As inserções que fiz sobre o sujeito e as entrevistas durante a exposição dos referenciais teóricos foram para situar o leitor na análise das entrevistas, para, assim se familiarizar com o sujeito entrevistado e com as entrevistas. Parti desses conceitos, protoideias, definidos anteriormente que serviram de pano de fundo para iluminar as falas do entrevistado e construir a análise com um tom pessoal.

Ao me deixar conduzir pelo entrevistado e pelas suas falas voltei meu olhar aos referenciais teóricos e outro olhar – este mais empático – para o entrevistado. Através da análise das entrevistas a partir dos enfoques teóricos, entrei na história de vida do entrevistado, revisei o seu passado, a sociedade onde viveu e compreendi o seu presente próximo ao seu envelhecimento.

Durante as entrevistas, tive a sensação de que o sujeito me conduziu para o seu espaço como alguém que leva o outro pela mão. Permitiu que eu mergulhasse em sua vida para entendê-la. Nos momentos das entrevistas, toda a teoria e todo o conhecimento que eu tinha estiveram presentes, mas não me preocupei em fazer enquadramentos para permitir que a sua fala pudesse fluir.

Esses enquadramentos apareceram na análise, não tive como fugir totalmente disso porque, afinal eu preciso atingir objetivos, mas o importante, também, foi saber que não se tratou de um enquadramento com o significado do Divã de Procrustes porque muitas margens para outras análises ficaram pendentes e poderão ser feitas. Ou seja, não tive a preocupação de cortar ou esticar o sujeito, mas deixá-lo ser ele mesmo, um ser que carrega o social e que viveu numa sociedade que, no meu entender, exerceu a tirania procrustiana e eu não quis

repetir novamente com ele tudo o que aconteceu em sua história. Permiti-lhe ser livre para pensar e eu poder pensar livremente sua história. O que fiz na análise foram recortes embasados nos conceitos, mas não amputações ou estiramentos para que o sujeito continuasse sendo ele mesmo.

Não tive a preocupação em moldar o sujeito aos referenciais teóricos, mas que os conceitos utilizados dessem luz para iluminar sua trajetória de vida, ou seja, o entrevistado, no final, deu as deusas para que eu partisse em busca de referenciais teóricos que já tinha pensado e pudesse entendê-lo porque, no meu modo de pensar, o sujeito da pesquisa está acima de qualquer conceito.

Os conceitos, quaisquer que sejam, continuarão os mesmos na sua base de formação, esses não mudam, porém, as pessoas são dinâmicas, a sociedade e a cultura têm seus dinamismos e isso requer constantemente ampliações conceituais. Digo isso porque entendi que a ciência “*corre atrás*” dos fatos para explicá-los cientificamente e quando o cientista observa um fenômeno, recorre às teorias existentes – protoideias – para dar conta do novo fato que surgiu. A partir desse fenômeno, o cientista cria outro conhecimento porque percebeu que as teorias existentes não deram conta e, assim, desenvolve um novo conhecimento e utiliza tantos conceitos quantos necessitar.

Isso é o que me propus a fazer com essa pesquisa a partir desses referenciais existentes. Não somente esses, mas também levei em conta o processo histórico do corpo e do envelhecimento que também serviram de pano de fundo como referências teóricas para iluminar o tema e ter presente as questões de gênero analisadas anteriormente.

Ao recorrer às teorias existentes dei-me conta de que elas que não deram as explicações que eu estava buscando em relação ao tema e isso me levou a dar um tom pessoal através das entrevistas. Porém, fiz uso das preideias ou protoideias que, como diz Fleck (2010), foi de onde parti para criar um novo conhecimento sobre o tema. O que eu fiz foi um atravessamento dos conceitos que traspassaram o sujeito e a sua história de vida.

Para o leitor entender o que quero dizer com isso utilizo a metáfora do prisma. Um raio de luz branca atinge o prisma e o atravessa e, ao atravessá-lo, raios de luzes coloridas aparecem do outro lado porque o prisma decompôs essa luz branca que incidiu sobre ele. Nesse caso o raio de luz são os conceitos já existentes e a partir das protoideias que, ao atravessar o sujeito e sua história, surgem várias outras formas de olhar o corpo e o envelhecimento. Isso seriam as múltiplas possibilidades de compreensão sobre o mesmo tema apesar de eu, como pesquisador, falar sobre o meu entendimento pessoal a respeito da temática. Poder-se-ia dizer que seriam os vários outros discursos que o corpo e o

envelhecimento produziram e ainda produzirão. Porém, foi necessário fazer recortes para não correr o risco de excessivas delongas.

Tenho consciência de que as teorias são limitadas para tratar a realidade porque os objetos de estudos dificilmente se enquadram em esquemas paradigmáticos. Concluí que toda teoria está condenada a permanecer aberta, isto é, inacabada, insuficiente, suspensa em princípios de incertezas e desconhecimento, mas, através desta brecha, que ao mesmo tempo é uma *boca faminta*, as investigações prosseguirão.

Segundo Edgar Morin os referenciais teóricos representam um elemento fundamental para o início, o desenvolvimento e a conclusão de qualquer projeto de investigação social, devido à sua função no que respeita aos modelos explicativos, explícitos ou não, que guiam uma pesquisa.

Não obstante, como vamos observá-lo, se bem que os marcos referenciais de caráter teórico não podem determinar as investigações e seus resultados, se jogam um papel central na construção dos objetos e modelos de investigação, como insumo para a interpretação das fontes e o trabalho de campo em geral, e para o momento propriamente interpretativo do que foi encontrado (MORIN, 1974, p. 51, *tradução livre*).

Todas as pesquisas partem de algum lugar, das protoideias ou conceitos existentes. Mas o pesquisador, a partir dessas preideias, se sente impelido a dar sua própria interpretação e análise diante de um fato novo que surge ou para entender o seu objeto e criar um outro conhecimento. E criar outro conhecimento não implica, necessariamente, que o objeto e o tema nunca tenham sido pesquisados. O diferencial está em outro olhar sobre o objeto e o tema que cabe ao pesquisador essa função. Portanto, pesquisar sobre corpo e envelhecimento não seja, talvez, uma grande novidade, disso tenho consciência.

Expus os referenciais teóricos e os conceitos antes da análise das entrevistas para ser mais didático, ou seja, esta é a minha forma de escrever para não ficar repetindo demasiadamente as referências durante a análise. Em alguns momentos foi dito que determinada fala do entrevistado se referiu a tal ou tais conceitos citados. Talvez isso rompa com certos paradigmas acadêmicos de escrever, mas o texto foi produzido por mim e com o meu jeito de me expressar.

#### 4.1 Corpo e ciclo vital

O corpo está em constante diálogo com o sujeito em todo seu ciclo vital. Na análise a ênfase maior foi no envelhecimento, mas entendi que as vivências anteriores se fizeram presentes porque a vida do sujeito da pesquisa foi e ainda é um continuum e não feita de partes separadas, ou em pedaços.

Na análise não me detive especificamente em cada ciclo vital do entrevistado, mas no grande ciclo que começa com o nascimento e vai até o envelhecimento, pois toda a existência do entrevistado, assim como de outros indivíduos, possui vários ciclos vitais intermediários; alguns ciclos têm um tempo maior do que outros. Portanto, na análise das entrevistas fiz referências a determinados ciclos de vida, mas foi importante levar em conta todo o contexto existencial do sujeito inserido na sociedade. Segundo Guita Debert pode-se levar em conta o modo pelo qual a vida está periodizada, o que ajuda a compreender as formas de sociabilidade em diferentes contextos sociais distintos (DEBERT, 1999). Porém, levei em consideração toda a história de vida do sujeito e o percebi como um ser único e não dividido em partes periodizadas.

A minha preocupação não foi me manter na periodização porque procurei olhar o entrevistado no seu todo e não segmentado. Mas os períodos de sua vida pelos quais todos os indivíduos passam estiveram presentes na análise das entrevistas. Entendi, assim, a vida como um processo contínuo e isso facilitou maior flexibilização para compreender sua existência e, principalmente, seu envelhecimento.

Essa flexibilidade, o contínuo ir e vir do entrevistado, me fez subtrair o sistema de datação (DEBERT, 1999), que leva em conta o desenvolvimento biológico e psicológico com a realização de tarefas para cada fase e suas práticas que autorizariam ou não os indivíduos a ingressarem em determinado grupo de idade. Não levei em conta e nem me fixei na cronologia das idades do entrevistado. Portanto, não entrei na discussão sobre gerações porque, como diz Debert: “*o curso de vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra*” (DEBERT, 1999, p. 53).

O estabelecimento de fronteiras entre as idades, segundo ainda Debert (1999), é uma prerrogativa do ocidente e da sociedade industrializada que leva em conta o processo de produção, a capacidade de aprendizagem e de conhecimento. Portanto, datação trata-se de um percurso unilinear e tem caráter universal apesar das particularidades sociais e culturais.

Assim, as idades tornaram-se um mecanismo poderoso e eficiente para o mercado de consumo, direitos, deveres e estágios de maturidade física e mental.

Ciclo vital, segundo Guita Debert (1999), leva em consideração uma série de etapas intermediárias até a velhice e não faz a fronteira entre as fases como a psicologia evolutiva. Portanto, embaça as fronteiras e leva em consideração a cultura, a sociedade e o tempo histórico do indivíduo e isso propõe novas configurações para entender o indivíduo durante sua vida.

O conceito de Debert (1999), leva em conta o estilo de vida, as pessoas com as quais o indivíduo conviveu, sua afetividade, sexualidade, vida acadêmica e suas relações sociais, principalmente a família e outras pessoas do seu entorno.

Para essa pesquisa, por ser história de vida, levei em conta todas essas circunstâncias, porém a ênfase maior foi voltada ao envelhecimento procurando entender como os ciclos vitais pelos quais o sujeito passou repercutem no próprio corpo, ao estar se aproximando o seu envelhecimento. E ao falar em corpo, não me referi somente ao físico, ao biológico, mas me reporte também ao social, ao cultural, ao sexual, ao afetivo e histórico do sujeito. Um corpo que ao chegar ao envelhecimento entra em declínio como diz Debert:

O declínio inevitável do corpo, o corpo ingovernável que não responde às demandas da vontade individual é antes de tudo percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade (DEBERT, 1999, p. 79).

O entrevistado procurou durante sua vida dar conta das demandas sociais e culturais e tentou reproduzir o que a sociedade tinha como modelo de um corpo forte, de macho e que desse conta de todas as exigências do que seriam um homem. Relatou que não teve piedade do seu corpo ao tomar anabolizantes para desenvolver a musculatura, pois lhe disseram que esses medicamentos serviriam para ficar musculoso; fez academia, com a intenção de aumentar sua musculatura. E sente que, próximo ao envelhecimento, faria qualquer coisa que pudesse para retardar a imagem corporal decrépita que começa a se delinear quando se olha. Ilustro isso com o exemplo de um fragmento do que o entrevistado falou:

Eu queria ter um corpo que contentasse a todos. Então eu olhava para outros meninos e rapazes e me imaginava com a parte do seu corpo que eu gostaria de ter. Queria ter os braços de um, o peito de outro, as pernas de mais alguém e assim por diante. Meu corpo seria uma mistura de várias partes de outros corpos. E agora, que estou mais velho, não sei que corpo eu tenho e quando ficar envelhecido, não sei como será. Só sei que não quero ter um corpo de velho.

Essa ponderação se confirma com o que diz Mike Featherstone ao falar de *“parâmetros culturais e sociais que o modela de diferentes modos em diferentes sociedades”*

(FEATHERSTONE, 1991, p. 49-50). Assim se perceberá que sujeito carrega o social e o cultural em seu corpo e como isso influenciou muito o seu modo de conceber o envelhecimento. E esse trecho, como dissertarei mais adiante, foi produto de uma tradição social que pautou suas relações sociais e o ciclo do envelhecimento que está à sua frente e está “contaminado” por essa tradição.

O envelhecimento visto dentro do ciclo vital ou curso de vida, não se desvincula da existência do sujeito, mas se caracteriza como uma continuidade e não por uma nova fase ou etapa. No envelhecimento há uma continuidade onde toda a história pregressa do informante se fez presente e isso demonstrou claramente como todo o vivido na sociedade onde passou parte de sua história adquiriu outros significados no envelhecimento e reviveu sentimentos vivenciados no período. Por isso que não se tratou de uma dissociação, mas com plena consciência da carga emocional que o retratou e retrata seu corpo na atualidade e está sentindo a velhice como uma continuidade nem sempre fácil de assumir como diz Simone de Beauvoir: “*A velhice é parcialmente difícil de assumir porque sempre a consideramos como uma espécie estranha; eu me converti em outra, enquanto sigo eu mesma*” (BEAUVOIR, 1970, p. 301). Com essa citação me reporto ao filme *O Quarteto* citado anteriormente, porém o entrevistado não quer se transformar em outro, ou seja, ficar velho e se tornar outra pessoa que perdeu sua agilidade, que fica vagaroso, desajeitado como diz Elias (2001).

Não imaginar e nem querer o corpo que envelheça, poderá dificultar que no envelhecimento os indivíduos consigam fazer uma síntese de sua vida. Fazer uma síntese seria conjugar a vida passada com o presente como fonte de realizações para não se sentir solitário, silencioso esperando o fim da vida. O entrevistado não se sente solitário - apesar de viver sozinho – tem amigos, vida social e pensa num futuro não muito distante. Tem planos para o futuro, desejos e se propõe desafios. Mas não fez, ainda, uma síntese do seu corpo para se auto-reconhecer e senti-lo como verdadeiramente seu.

Para entender essa interligação, vale relembrar que o corpo carrega o social de todo o ciclo de vida, que não há um descompasso ou rompimento em relação aos anos vividos e o envelhecimento também carrega o social e o cultural. Anteriormente tenho dito que o corpo carrega as marcas do social e da cultura e isso distingue os indivíduos porque o corpo tem sido olhado e compreendido de formas distintas em diferentes culturas, segundo Guacira L. Louro (2004). Isso tem produzido discursos sobre o corpo e esses discursos habitam o corpo e nele se acomodam. Assim, diz Louro:

É no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados pelo

social, simbólica e materialmente, pelo próprio sujeito e pelos outros (LOURO, 2004, p. 83).

Visto dessa forma o corpo é uma construção, uma produção social com seus atributos que afeta a vida do indivíduo, estabelece relações de poder e de prestígio ou não. A diferença está em como o corpo foi construído socialmente e poderá ou não ser legitimado como detentor de poder e de prestígio.

Sendo assim não é possível uma universalização dos retratos corporais. Segundo Andrea Moraes Alves “*O corpo deve ser considerado nas situações que lhe emprestam significados sociais*” (ALVES, 2011, p. 439). Segundo a autora, no corpo há classificações sociais e no envelhecimento há um atravessamento de posição e status que produzem discursos, sobretudo pela mídia que pode manipular a imagem ou os retratos corporais. Essas classificações sociais produzem subjetividades e a maneira de sentir o corpo e a prática corporal.

Segundo o entrevistado, as práticas corporais repercutem no seu envelhecimento. O sujeito não se sentiu legitimado como homem por seu corpo não ter as dimensões que comportassem prestígio e poder. Sente o corpo em decadência e em deterioro, ao olhar seus retratos corporais embaçados pelo tempo como uma fotografia envelhecida pelos anos, amarelada e que perdeu seu brilho.

O entrevistado se vê sem brilho, sem prestígio, por um lado e o envelhecimento reforça esses sentimentos. O seu prestígio e poder se deram pelo prisma intelectual e teme que o envelhecer possa lhe quitar um pouco daquilo que tem sido sua fonte de poder frente às pessoas daquela sociedade e diante, principalmente, de seu pai. Relatou com orgulho: “*Meu pai pedia para eu fazer as contas dos gastos dos empregados para descontar do salário deles. Eu fazia muito rápido para mostrar como eu era inteligente. Na escola os professores diziam que eu era inteligente e percebia que meu pai se orgulhava disso*”.

O corpo pode ser visto como construção identitária durante todo o ciclo vital e sobre ela recaem simbologias. Portanto, o corpo também fala por si mesmo, por isso produz discursos, como mencionei antes e Kofes questiona: “*O discurso sobre o corpo... Mas sobre o corpo não é o próprio corpo que fala?*” (KOFES, 1989, p. 45).

No meu entender o corpo fala sobre si mesmo de forma silenciosa e cria sua própria disciplina. Os indivíduos, assim como o entrevistado, podem ter o desejo de alterar e de transgredir essa disciplinaridade corporal com ginásticas, academias e outros artifícios. Mas o corpo continua falando por si mesmo. Por outro lado, o social tenta enquadrá-lo numa

disciplina e isso cria discursos sócio-corporais que cultuam aspectos parciais do corpo e não compreendem o indivíduo em sua totalidade.

Digo isso porque o entrevistado foi percebido parcialmente por uma sociedade que produziu um discurso do macho e seu corpo, assim, não expressou totalmente a sua individualidade. Percebi um corpo que não foi bem dotado de liberdade para poder fazer escolhas. Por isso que, ao se falar em corpo é necessário que se tenha presente de que corpo se está falando e de que sociedade. O corpo poderá ser uma incógnita porque poderá falar outras linguagens.

No envelhecimento o corpo fala sua própria linguagem particular em cada indivíduo. O corpo denuncia a passagem do tempo e o indivíduo precisaria entrar em diálogo com o seu próprio corpo para que este seja ouvido e não esquecido para desvendar os mistérios do próprio corpo. O entrevistado mencionou que o discurso do seu corpo era o discurso social, ou seja, um discurso do corpo dos outros e não do dele mesmo. O discurso que havia sobre seu corpo tem sido o de um corpo frágil e desmasculinizado.

O diálogo sobre o corpo poderá ser simbólico ou natural. O simbólico é aquilo que o corpo representa, a imagem mental que o próprio indivíduo constroi dele mesmo, portanto, mais subjetiva. Como exemplo da natureza corporal cito a pele enrugada e menos sedosa, as vestimentas, ou seja tudo aquilo que o corpo manifesta e poderá ou não ser entendido pelo próprio sujeito. Porém há um diálogo entre o simbólico e o natural, mas a falta desse olhar dialógico para o próprio corpo, permitiu que o entrevistado confirmasse em si mesmo o discurso sociológico, porque transgrediu os paradigmas corporais.

Portanto, retornando ao entrevistado, que procurou afirmar em seu corpo o modelo e o discurso social, ou seja, transgrediu os modelos corporais da sociedade e no envelhecimento está em busca de um corpo que o individualize e possa se inserir nesse universo num diálogo com seu próprio corpo. Ele mesmo disse que não gosta de se ver no espelho ou ser fotografado porque não gosta de ver sua própria imagem, ou seja, esconde-se de si mesmo. Trata-se de um sujeito que está vivo, mas não sente e nem reconhece seu próprio corpo, pois criou uma imagem mental de si mesmo que não corresponde às características do seu corpo e desejou, e ainda deseja, se encaixar numa outra imagem ou retrato corporal porque pensa que vive numa imagem errada de si mesmo.

Segundo Bárbara Iwanowicz (1989), o corpo faz o contato real com a vida e através dele se recebe informações do que acontecem fora e dentro de si mesmo e o corpo aprende a ser usado pelas pessoas de forma não natural quando algo se impõe de fora como um modelo a ser seguido. Entendi que, ao seguir um modelo, a tendência do entrevistado foi tentar imitar

os outros em detrimento de ter o próprio retrato corporal. Equiparar-se a pessoas que, no seu entender, teriam o retrato corporal ideal forçado pela cultura da sua sociedade. Ao tentar se emoldurar aos modelos exteriores o seu retrato corporal se desfigurou e criou conflitos internos. Sentiu seu corpo como não sendo dele mesmo, mas de outro ou de outros indivíduos aos quais desejou se igualar, ou seja, queria as partes do corpo de outras pessoas que se encaixariam no seu modelo corporal, exigido pela sociedade.

Para finalizar, entendi que o corpo entra diretamente na luta pela vida e pelo poder. As pessoas o usam para lutar, trabalhar e está em constante atividade física. Porém, atualmente, muitas atividades corporais foram substituídas pelas máquinas e isso afasta as pessoas da necessidade de usar o corpo diretamente. Prioriza-se mais o intelectual e o entrevistado relatou como usou o intelectual porque seu corpo não correspondeu ao ideal desejado.

## **4.2 Tradição disposicional**

O conceito tradição disposicional foi desenvolvido por Bernard Lahire (2004). Para Lahire o indivíduo incorpora o cultural e o social que está dentro e fora dos indivíduos ao mesmo tempo e isto está na origem de suas ações. Todos os indivíduos incorporam-no de forma singular porque estão submetidos ao social e ao cultural desde o nascimento até a velhice. Os indivíduos se distinguem uns dos outros, por isso são plurais (LAHIRE, 2002), portadores do seu patrimônio individual (LAHIRE, 2004), porque a cultura é uma cultura de indivíduos (LAHIRE, 2006). O autor segue dizendo que sobre tudo isso não há controle porque são disposições sócio-culturais do passado que repercutem no presente e projetam o futuro (LAHIRE, 2004).

Esse autor utiliza o termo patrimônio individual das disposições, nas obras citadas. Para Lahire, o indivíduo não é uma realidade em migalhas, mas uma unidade coerente. Portanto o autor não se preocupa com a pressa em tirar conclusões e fazer generalizações.

Para Lahire (2002) o indivíduo é um sujeito de ação e plural, multifacetado e que não é o mesmo em diferentes contextos sociais. Portanto, segundo Lahire

Cada indivíduo é o depositário de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mas ou menos duradouras e intensas, em diferentes grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais (LAHIRE, 2004, p. X-XI).

Segundo a citação, o indivíduo é definido pelo conjunto de suas relações desde o seu passado até o presente. Nele essas relações se combatem, se harmonizam, se sintetizam, se combinam ou se contradizem. Isso faz com que cada indivíduo se diferencie dos outros, tenha sua própria história porque cada um incorpora as disposições à sua maneira dentro dos ciclos vitais e isso determina, muitas vezes, a sua função social. Assim, não se pode falar somente em comportamentos homogêneos, mas em heterogeneidade comportamental dos patrimônios individuais, pois existem esquemas construídos pelos próprios indivíduos.

Os indivíduos constroem seus próprios esquemas e a eles atribuem um sentido e isso explica suas ações diferentes uns dos outros, diante de um mesmo estímulo, porque cada um faz suas próprias experiências socializadoras sobre as quais estão sedimentadas que norteiam seu modo de agir, de sentir suas tendências, hábitos e inclinações (LAHIRE, 2004).

As ações são determinadas pelas condições sociais que são duráveis, estruturantes e dão lugar à pluralidade disposicional (LAHIRE, 2002). Portanto, entendi que há uma matriz socializadora e o indivíduo, como ator plural, é um derivado das múltiplas experiências socializadoras e interioriza um patrimônio individual. Essa interiorização não se dá somente sem reflexão ou inconscientemente, mas há um senso crítico que confere ao indivíduo um papel ativo e reflexivo que poderá se utilizar de uma disposição e não de outra apesar da heterogeneidade das forças socializadoras (LAHIRE, 2002).

No meu entender, as forças socializadoras constroem os retratos sociológicos e, por consequência, os retratos corporais porque o corpo também retrata o social e como este foi incorporado. Mas não se pode pensar que seja um determinismo porque não há um único gerador de práticas sociais, mas uma diversidade disposicional. Essa diversidade disposicional que fomenta os retratos sociológicos pode ser a família, a escola, o trabalho, amigos e tudo aquilo que o indivíduo ouviu demarcou sua sociabilidade e pode funcionar como uma tendência, hábito e inclinação de acordo com o que incorporou.

Fundamentado no que Lahire disse, penso que essas forças socializadoras podem construir os retratos corporais através das diferentes disposições, ou seja, não há um único determinante para a construção dos retratos corporais, mas a coexistência de uma variabilidade de disposições, como veremos na análise das entrevistas. Dessa maneira o indivíduo sintetiza uma variabilidade de disposições e forma o seu retrato social e, também, o seu retrato corporal porque é produto de um conjunto de interrelações que estabeleceu desde muito cedo em sua vida e perdura até o seu envelhecimento. O passado e o presente coexistem numa contínua relação que se articulam e se combinam (LAHIRE, 2004) e isso constrói seu rico patrimônio individual e revela o indivíduo socializado onde insere suas ações.

Dessa forma o social está inserido no indivíduo e o indivíduo está inserido no social, mas nessa inserção se diferencia dos outros, porém isso influencia sua forma de ser e de agir. E sobre isso diz Lahire:

No jogo perpétuo das relações entre o que interiorizamos através de nossa experiência no mundo e o que enfrentamos continuamente como novas situações, dificilmente aprendemos a nos conhecer, por vezes nos surpreendemos e, em todos os casos, nunca somos detentores de uma espécie de ‘verdade pessoal’ (daquilo que ‘realmente somos’) (LAHIRE, 2004, p. XIII).

Os indivíduos irão reagir sempre às influências sociais porque sua estrutura e seu pensamento dependem, também, das relações com os outros indivíduos. Por vezes tenderão a se adaptar a modelos sociais sem flexibilidade para atender a uma demanda e outras vezes farão uma reflexão e não se submeterão pacificamente a essa demanda. Penso que a falta de flexibilidade acontece quando o indivíduo não tem forças suficientes para fazer o enfrentamento às demandas sociais e isso irá depender do círculo de suas relações e poderá ou não definir seu lugar, seu papel social e suas práticas. Portanto, segundo Lahire (2004), indivíduo e sociedade não se separam, mas se combinam.

Percebi que o entrevistado é uma combinação de demandas sociais e das suas relações, mas não foi capaz de definir especificamente seu papel social e nem suas práticas corporais porque não conseguiu sua identidade corporal e o seu corpo não se configurou como um verdadeiro patrimônio individual e se submeteu facilmente às demandas sociais.

O sujeito entrevistado não foi muito capaz de flexibilidade e, por isso, foi uma presa fácil das demandas sociais em relação ao seu corpo. Procurou atender à disposição tradicional corporal porque não teve forças suficientes para enfrentar essa tradição e poder construir um corpo que pudesse chamar de seu. Como o entrevistado procurou dar conta dessa tradição foi demonstrado na análise das entrevistas. Para entender suas falas me reportei continuamente a esses conceitos de Lahire.

#### **4.3 Redes de interdependências e a sociologia configuracional**

Esses conceitos foram desenvolvidos por Norbert Elias. Esse autor aborda a relação entre indivíduo e sociedade e a entende como um conjunto de indivíduos e, na sociedade, cada indivíduo desenvolve algo específico (ELIAS, 1990). As configurações representam os

diferentes aspectos sociais com os quais convivem os indivíduos na sociedade e que os torna numa personalidade aberta.

Para Elias (1990), a sociedade existe porque um grande número de pessoas fazem coisas independentes, mas que, no final se encaixam umas às outras; enquanto outras não se encaixam. Antecipo que o entrevistado não se encaixou corporalmente na sociedade onde viveu e, também, no seu envelhecimento próximo. Sempre quis se encaixar no corpo do outro, como vimos, no tema de gênero.

Elias (1990), diz que a sociedade está num fluxo contínuo de transformações e mudanças e há interação entre os indivíduos, como se fosse uma rede. Essa rede põe as pessoas em interrelação e em interdependências umas com as outras, mas cada indivíduo mantém sua individualidade e exerce suas funções dentro dessas redes. Porém, o sujeito da pesquisa não encontrou verdadeiramente sua função corporal na sociedade onde viveu e nem no se envelhecimento pelo que ele prevê em seu horizonte.

Ao abordar as configurações Elias (1990), coloca os indivíduos em constante interação em diferentes grupos sociais, mas que indivíduo e sociedade são duas figuras distintas. Na sociedade o indivíduo não é totalmente autônomo porque nenhuma pessoa tem o controle dos processos figuracionais e nem dos seus resultados (ELIAS, 1992). Por outro lado o próprio autor não fala em determinismo porque o indivíduo é capaz de refletir sobre sua realidade e tomar decisões.

Segundo Antony Giddens, dentro do contexto social os indivíduos são capazes de flexibilidade e não se deixam conduzir totalmente pelos determinantes sociais (GIDDENS, 1989). Desta forma mantêm sua individualidade apesar de a sociedade criar um *habitus* social e, também, no meu entender, um *habitus* corporal.

Em relação aos processos configuracionais Elias (1994), descreve o conceito de *habitus* que marca esforços para superar a dicotomia entre o indivíduo e a sociedade. O autor fala de uma tendência ao autocontrole exercido pelos indivíduos, o que forma o *habitus* social. Portanto, o *habitus* denota, assim, a incorporação individual de normas transmitidas pelos núcleos sociais aos quais o indivíduo pertence (família, escola, igreja, tribo, nação, dentre outras).

O indivíduo incorpora o social e um repertório de capas simbólicas de onde está inserido e isso se manifesta na sua conduta social e em seus sentimentos, mas que se

transformam e partilham como unidades de pertença a uma sociedade (ELIAS, 1994). Através do *habitus* o indivíduo incorpora as modalidades de percepção e de ação de uma sociedade.<sup>9</sup>

O *habitus* poderá ser, também, corporal e criar uma modalidade de corpo a ser retratado. Um corpo que, para o entrevistado, simbolicamente, seria de macho forte para se sobrepor aos outros, mas que ao estar próximo do envelhecimento percebe que esse *habitus* corporal não foi bem configurado e sente que está procurando encontrar o seu próprio jeito de envelhecer. Um sujeito que não encontrou seu lugar, nem seu espaço social, nem como homem, nem para seu próprio corpo e incorporou capas simbólicas para se proteger da sociedade e isso repercute no seu envelhecimento que se avisa no horizonte.

A partir desses conceitos entendi que o corpo é uma configuração do social e o indivíduo não é estático, mas que está sujeito a coerções externas. Elias no seu livro sobre Mozart demonstra claramente como a sociedade configura os indivíduos através das redes de relações e de interdependências, e espreita os limites e as formas de relações possíveis entre indivíduo e a sociedade a qual pertence, entre sua condição e as suas possibilidades, entre sua vontade e os parâmetros sociais (ELIAS, 1995).

Compreendi que, apesar de o entrevistado não ter sido capaz de criar sua verdadeira individualidade e função social, foi capaz de flexibilidade, mas não teve como fugir do social porque há um vínculo estreito entre o individual e o coletivo na configuração do sujeito e, para ser mais específico, nos seus retratos corporais, ou seja, houve uma vinculação entre o indivíduo e os processos sociais. A forma como a sociedade olhou para o sujeito da entrevista o configurou e como exemplo cito um trecho no qual Elias descreve Mozart:

O nariz proeminente, carnudo, que parecia inclinar-se em busca do queixo levemente erguido para cima, perdeu algo de suas grandes dimensões à medida que o rosto engordou. Por cima do nariz vigiavam olhos muito abertos e vivazes, ao mesmo tempo maliciosos e sonhadores (ELIAS, 1995, p. 12).

Houve uma conjugação de olhares: o da sociedade que fez o sujeito se olhar como a sociedade o olhou. O sujeito da pesquisa foi visto pela sociedade como fraco e, portanto, assim foi tratado pela mesma sociedade e ele próprio se sentiu visto dessa forma. Houve uma interação de olhares e o entrevistado confirmou em si mesmo o olhar da sociedade onde viveu numa rede de interdependências.

---

<sup>9</sup> O conceito de *habitus* para Pierre Bourdieu é “um esquema de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e de apreciação das práticas... O *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que estão objetivamente diferenciadas” (BOURDIEU, 2000, pg. 134) (tradução livre).

Segundo Elias (1995), os indivíduos têm sua autonomia, mas não são totalmente autônomos porque não é possível manter o controle dos processos configuracionais. Pelas entrevistas percebi que, apesar de se sentir incomodado, o entrevistado não reagiu suficientemente a tudo o que ouviu a respeito do seu corpo. Relatou que não tinha forças suficientes para isso e se sentiu sozinho e, na velhice, teme a solidão e se sentir novamente sozinho e sem forças. Não planejou ser visto e nem retratado dessa maneira e, por fim, perdeu o controle sobre as ações dos outros sobre si mesmo e passou a se auto-retratar como a sociedade o retratou confirmando a tradição disposicional em relação ao seu corpo que se configurou segundo a mesma tradição.

Para Elias (1999), nem tudo pode ser previsível, as relações possuem um equilíbrio instável e não se tem controle das trocas que acontecem nas relações. Para o autor as configurações fazem “*esse mundo falar a nós*” (ELIAS, 1999, p. 13) , o corpo fala do social e o sujeito entrevistado se tornou um retrato corporal daquela sociedade onde viveu.

Voltando a Mozart, compreendi que este músico não se integrou às expectativas das práticas sociais de sua época, mas buscou uma margem de autonomia. Não quis se moldar aos preceitos sociais do seu tempo que eram muito rígidos e, por fim, desistiu de viver. A partir desta constatação, percebi, então, o sofrimento do entrevistado que sempre procurou se moldar ao social em relação aos seus retratos corporais, mas buscou saídas e sua alternativa foi estudar porque, para isso, não seria necessário a força física, ou seja, não desistiu de viver.

## CAPÍTULO V

### RETRATOS CORPORAIS MASCULINOS

Estou novamente diante do entrevistado que me chamou porque teve uma experiência muito importante e que queria me relatar. Talvez essa seja a última entrevista porque já nos encontramos cinco vezes e tínhamos dado por encerradas as sessões. Mas se dispôs a falar mais, caso eu precisasse.

Cheguei ao seu apartamento no horário combinado e estivemos novamente um em frente ao outro. Esse sujeito que não me era tão familiar se tornou familiar e tudo o que foi falando no decorrer das entrevistas se tornou também familiar para mim. Essa familiaridade nos aproximou permitindo-lhe confidências para falar sem censuras porque houve confiança.

Acomodei-me na sua sala e, como das outras vezes, trouxe café e chimarrão que já havia preparado e, enquanto fomos conversando tomamos ora um, ora outro e comemos biscoitinhos que ele serviu também. Enquanto nos servíamos o primeiro café, a conversa foi informal como tinha tido sido nas outras vezes. Perguntou-me sobre o andamento da pesquisa e respondi que estava indo muito bem, afinal ele é o principal ator da pesquisa e do texto que produzi e achei que merecia saber sobre o que perguntou.

Depois desse primeiro café e biscoitinhos disse-me que queria me falar e estava ansioso para isso. A fala foi descrita em seguida. Enquanto me falava fui observando-o e alguma coisa especial comecei a perceber algo de que não havia me dado conta antes: o quanto tem sido importante ouvir sua história, conhecê-lo em profundidade. Olhei-o atentamente em todos os detalhes do seu corpo enquanto relembrei sua história de vida. Foi um momento de contemplação e admiração de minha parte e uma sensação agradável percorreu meu mundo emocional. Fiquei pensando em tudo o que vivenciamos nos encontros para as entrevistas e como isso daria um belo diário de campo. Algumas coisas relatei desde o início, mas não com a profundidade que poderia descrever porque imaginei que prolongaria demasiadamente este texto.

Posicionei-me à sua frente e observei seu corpo, seus gestos, sentindo o quanto significou para mim, também, ouvir sua história. Enquanto falava sobre sua vida, fui pensando na minha vida e como nossas histórias nos aproximaram e tivemos uma relação empática que foi sendo construída naturalmente.

Percebi que estava ansioso para me dizer alguma coisa; senti que estava muito contente em poder falar da sua vida como nunca havia falado antes e, por ser, a última entrevista comecei a sentir um tom de despedida. Não uma despedida, adeus, definitivo, mas um “*até breve*”. Nisto percebi seu desejo de continuar a conversar, não como pesquisador e pesquisado, mas como dois indivíduos do sexo masculino que têm histórias parecidas – apesar de ele não saber muito a meu respeito – e que participam do mesmo processo de envelhecimento.

Senti o quanto desejou prolongar as conversas porque, a meu ver, não se termina com uma pesquisa feita em profundidade como essa e depois o pesquisador abandona o seu informante. Sinto-me responsável por ele e por sua história. Penso que é uma questão de respeito e eu, como pesquisador, tenho o compromisso de cuidar do sujeito da entrevista, ou seja, ter preocupações com a pessoa dele e seus sentimentos, afinal ele remexeu em seu passado, falou do seu presente e projetou o seu futuro. Ao falar sobre sua vida revolveu seu mundo interno e muitos sentimentos afloraram e o fizeram sofrer.

Nesse dia ele estava muito contente como não havia visto antes, nos outros encontros e, nas entrelinhas, senti um ar de tristeza porque acreditava que não nos encontraríamos mais. Porém, com a minha deixa de que iríamos continuar a nos encontrar sem as formalidades de uma entrevista para ser analisada, e que poderíamos conversar informalmente sentiu-se aliviado.

Pensei nessa hora como juntos construímos uma história e como eu tive que carregar a sua e lhe dar a sustentação necessária para que não sucumbisse à própria história. Isso nos aproximou e construímos uma relação de cumplicidade e de respeito. Esse sujeito que me era estranho e desconhecido, o conheci profundamente e uma relação íntima aconteceu porque fui o conhecedor de sua vida e me revelou segredos que nunca havia contado antes a ninguém.

Cada um de nós continuará sua própria vida, mas não saí dessa relação imune, porque o meu aprendizado foi incalculável. Senti que nossas vidas se cruzaram e um entrou na vida do outro para sempre. Certamente perdi-o como um possível informante para outras pesquisas, mas ganhei um amigo. Não sei se é acadêmico ou científico dizer isso, mas eu concordo plenamente com Teresa Caldeira (1988), que comenta sobre o pesquisador relatar seus sentimentos e, apesar disso, construir um texto científico. Acredito que isso confere originalidade e legítima ainda mais a pesquisa para o próprio autor e, posteriormente, para o leitor e para a ciência.

Ao chegar em sua casa e me pedir para que sentasse, ele se posicionou à minha frente e sorriu, seus olhos brilhavam. Isso me fez sentir que algo muito interessante tinha para me

contar e observei seus gestos, atitudes, reações e tantos outros elementos que serviram para entender o que me falou.

Enquanto falava sem parar, não me deu oportunidade para que eu fizesse alguma intervenção. Deixei que falasse e não o interrompi. O que falou não foi longo, mas carregado de sentimentos e pausas, como tantas vezes foram manifestados nas outras entrevistas.

Suas lágrimas escorreram e molharam seu rosto e disse que, pela primeira vez, alguém tinha ouvido sua história nua e crua, apesar de ter feito psicoterapia. Dessa vez foi diferente porque se sentiu em igualdade comigo e que não fui um profissional, mas alguém que o ouviu de forma distinta. Relatou que a psicoterapia o ajudou muito, mas ali era um profissional interessado nele e na sua história, mas que a relação era estritamente ética e a sentiu, muitas vezes, impessoal.

Enquanto falou, fez muitos gestos, algumas vezes se levantou da poltrona, caminhou pela sala e olhou suas coisas; pegou um ou outro objeto e voltou a se sentar. Parou na frente da janela que refletiu sua imagem no vidro e ficou em silêncio olhando para si mesmo. Houve um silêncio profundo, respiração profunda e percebi que lágrimas escorreram em seu rosto. Eu estava, nesse momento, posicionado na poltrona atrás dele onde me sentei desde o início. Virou-se, olhou para o chão e depois me olhou e sorriu; um sorriso tímido e tristonho. Sentou-se novamente e permaneceu em silêncio.

Esse silêncio teve duração de alguns minutos e senti que não era hora de dizer nada, por isso eu, também, permaneci em silêncio enquanto olhava para ele. Ficou sentado de cabeça baixa, algumas vezes levantou os olhos, me olhou e tomou a mesma posição. Olhou para suas mãos, seus braços, pernas, passou as mãos em seu corpo, peito, barriga. Achei que ele também não queria que eu dissesse alguma coisa. Por fim começou a falar novamente sobre o que havia se proposto a me dizer.

Aos poucos foi se recompondo e começou a falar abertamente, às vezes pensativo, pausado e outras vezes, rápido. Por fim, me disse o quanto estava sendo difícil aquele momento porque acreditou que nunca mais nos veríamos a não ser quando iríamos a algum congresso, cursos, dentre outros.

Como disse antes, não é possível romper esse tipo de relação que se cria apesar de ter sido uma pesquisa. Ambos ficamos marcados na vida um do outro e pediu que eu não o abandonasse. Assegurei-lhe que isso não iria acontecer. Senti que isso o tranquilizou e seguiu relatando mais sobre sua vida.

E o que o entrevistado teve de importante para me dizer foi muito relevante para esta pesquisa. Impossibilitado de relatar tudo foi preciso fazer recortes.

Estou frente a frente comigo mesmo diante do espelho. Sei que muitas vezes tenho me olhado, mas não foi como desta vez. Detive-me a contemplar minha imagem como nunca havia feito antes. Aliás, eu sempre evitei me olhar muito, nem gosto de ser fotografado. Olhei meu rosto e percebi alguma ruga; sabe, até achei meu rosto bonito; olhei meus cabelos grisalhos e fui olhando todo o corpo. Ao olhar para o resto do corpo tive uma sensação desagradável. Minha barriga, apesar de eu não ser gordo, braços finos, pernas finas. Eu estava nu porque havia saído do banho. Olhei aquela imagem e me senti velho, me senti feio, sem graça. Vi meu corpo decaindo. Acho que senti a minha velhice que se aproxima. Vi um corpo que, sinceramente, nunca gostei muito dele. Sempre ouvi dizer que eu era muito magro, um corpo frágil e as pessoas me tratavam assim. Senti que o envelhecimento é a fragilidade do corpo com toda a sua força; um corpo que não é atraente e nem desejado. Nunca me senti muito desejado, a não ser uma ou outra vez. Existe em mim uma sensação de que minha imagem corporal não atendeu e nem atende o que sempre quiseram que eu fosse e eu sempre tentei atender a isso e como não consegui comecei a esconder meu corpo. Queria ter outro corpo, um corpo desejado, atraente e a velhice é o fim desse sonho. O espelho denunciou que nada mais tenho a fazer com o corpo. Então cuido dele como posso, e acho que cuido bem dele para mim mesmo. Mas ainda me preocupo em agradar aos outros.

Com esse breve relato da entrevista eu introduzo o leitor ao universo do entrevistado. Neste fragmento o sujeito da pesquisa falou da tradição disposicional em relação ao seu corpo que *“não atendeu e nem atende o que sempre quiseram que eu fosse.”* Essa frase mostrou como esteve inserido nas redes de interdependências durante todo o seu ciclo vital que configuraram seu corpo.

Os predicados, sentimentos, reações em relação ao seu corpo estão interrelacionados e com os conceitos descritos anteriormente. O leitor poderá mergulhar na história de vida do entrevistado e se deixar levar por ele e, também, tirar suas conclusões e, para chegar a um resultado final, fiz um distanciamento necessário para olhar o entrevistado e a entrevista mais analiticamente

O distanciamento ao qual me refiro fez me posicionar num lugar para olhar o entrevistado e perceber sua história para ter um olhar mais analítico. Olhei para este sujeito de estatura mediana, cabelos grisalhos, sorriso e choro fáceis. Muitas vezes reflexivo ou falante, ou silencioso. Um sujeito que me acolheu em sua casa, se veste bem, sua casa bem arrumada, limpa e arejada. Uma pessoa que tem uma barriginha a qual descreveu, mas que não é gordo. Um sujeito que me colocou literalmente dentro do seu universo com sua história, me levou até onde viveu, trouxe-me de volta ao presente e me falou do seu futuro, do seu corpo e do envelhecimento. Uma pessoa envolvente, de fala tranquila e carregada de emoções; mas que teve também, fortes reações emocionais.

Apesar do olhar mais analítico, muitas vezes tive sentimentos em relação ao entrevistado. Sentimentos de pena pelo seu sofrimento porque seu corpo não atendeu às demandas que sempre desejou. Tive a sensação de estar à frente daquele menininho que

chorava ao ser ridicularizado. Senti a raiva que senti das pessoas que o magoaram muito. Senti sua dor ao se aproximar o envelhecimento; sua decepção com o próprio corpo, seus desejos inclusive sexuais. Senti seu universo onde procura se reencontrar e, também, suas esperanças.

Com esses sentimentos coloco o leitor na história de vida do entrevistado e, talvez, possa senti-lo, “*ouvir*” sua voz carregada de emoções e reações e possa, quem sabe, compreender como o social configurou seu corpo durante seu ciclo vital para atender uma disposição e poder se sentir inserido nas suas redes de relações e de interdependências.

Esses sentimentos que pautaram as entrevistas apareceram na análise. Se o leitor pudesse “*ouvir e sentir*” suas falas certamente iria entender bem melhor a análise, mas procurei transmitir o quanto pude do espaço da entrevista através da história de vida do sujeito, bem como a relação profunda que criamos entre nós.

Senti um sujeito que sempre desejou atender a um retrato corporal da sociedade onde viveu e procurou adequar-se a uma demanda corporal sem muita flexibilidade e que perdeu muito da sua singularidade para não destoar da tradição disposicional que pedia um corpo másculo e uma configuração corporal viril para desempenhar suas funções de macho dentro das redes de interdependências. E por não atender a todas essas demandas se sentiu marginalizado, posto à margem, do universo masculino e não conseguiu exercer sua função masculina nesse espaço.

Por não se enquadrar nesses modelos, senti a coerção e a pressão social e ao não encontrar o seu espaço no universo masculino e por ter sido posto à margem encontrou seu espaço no universo feminino e nos afazeres domésticos, como vimos no capítulo sobre gênero. Porém, procurou alternativas para encontrar seu espaço social e que no envelhecimento assegure a sua existência.

Eu não sabia mais o que fazer. Qualquer coisa minha que se referia ao corpo era motivo de deboche e de piada. Mas eu não me trancava em casa, eu saía para a rua e jogava futebol, vôlei e ficava com outros garotos da vila onde morei para estudar.

Quando falou dessa vila, pedi-lhe que me dissesse mais desse lugar:

Eu fui morar com meus avós maternos para continuar os estudos. Essa vila era um pouco maior que aquela onde eu fui à escola até a quinta série. Eu detesto esse lugar onde fui morar para continuar os estudos. Vou ainda porque tenho parentes que visito, mas não faço questão de ir e quando vou evito sair para a rua.

Seguiu dizendo sobre esse lugar que o marcou muito:

Ah! Tinha uns garotos que me provocavam porque sabiam que eu não os enfrentaria. Na escola também. Eu odeio aquele lugar. Mas nos estudos me dei bem, notas altas e isso me distinguiu dentro da classe. Por esse lado eu era imbatível.

O entrevistado sentiu essa mudança de um lugar bem no interior para uma vida peri-urbana. De um *ethos* tradicional para, de uma religiosidade familiar rígidos para um outro mais flexível. Nesse outro espaço os jogos de gênero são mais violentos do que no espaço rural. Passou a conviver num sistema mais acusatório e construiu um corpo colonizado e espelhado na sua negatividade.

Com a proximidade do envelhecimento o entrevistado falou de um corpo que vive um processo de desconfiguração ao falar de um corpo e da vida que se esvai aos poucos e vive, desde então, o luto em seu próprio corpo, isto é, o entrevistado falou de um corpo em luto.

Para encontrar um espaço e um lugar, sua alternativa foi dedicar-se à atividade intelectual e, assim, encontrou sua função dentro da sociedade e assegurou sua existência e pode se distinguir dos demais. Foi capaz de flexibilidade e ter certa autonomia e para encontrar seu espaço e seu lugar na sociedade e se auto-configurar por outra tradição disposicional: o intelectual e com isso sentiu-se valorizado, prestigiado e com certa hegemonia.

Ao se aproximar do próprio envelhecimento, o sujeito ainda não encontrou seu lugar social através dos seus retratos corporais. Isso, porque, sempre sentiu que não tem um corpo que seja seu e no envelhecimento sente seu corpo em decadência e ressignifica o seu passado. O que o mantém ainda é o intelectual e encontra seu espaço e lugar na sociedade e nas redes de relações e configura seu envelhecimento por essa via. E o temor de envelhecer reside em perder essa via de inserção social. Relatou:

Não consigo me imaginar longe dos meus livros, dos meus CDs clássicos e filmes “cabeça”. Angustio-me imaginar não poder mais ler, dar aulas e ficar paralisado intelectualmente. Sofro ao ver velhinhos que não têm mais condições para isso. Dessa maneira deixo de lado o corpo que não está de acordo com o que queria que fosse e meu corpo irá ficar mais velho ainda. Por esse lado odeio, também, a velhice, não poder mais mostrar a força do meu lado intelectual. Mas em relação ao corpo...

Em relação ao corpo, percebeu que ainda está à procura de um corpo que o agrade e atenda às disposições e configurações sociais e possa sentir um corpo como seu. Mas, por outro lado, se questiona se esse corpo seria seu, do outro ou da sociedade. Para ele, o envelhecimento o retrata como destituído de um corpo que seja seu. Isso provocou-lhe muitos sentimentos e reações que apareceram nas entrevistas: choro, raiva, ódio, murros na cadeira, se levantou e caminhou pela sala enquanto falava ou fazia silêncio.

Trata-se de um sujeito que está em busca de si e do seu corpo, de um retrato corporal de que possa gostar ao olhar para si mesmo. Um sujeito que tem desejos e vontades e não está se entregando com a proximidade do envelhecimento, que tem planos e gosta de viver.

Encontrei-me com um sujeito que não conseguiu construir adequadamente sua individualidade, apesar de sua capacidade reflexiva e ter seguido seu próprio rumo. Essa individualidade a que me refiro é o corporal porque o sujeito esteve à mercê de um conjunto de relações que dificultou fazer sínteses mais elaboradas entre seu corpo e a sociedade e viveu em meio a contradições. Faltou-lhe diferenciação social e teve pouca autonomia. Demonstrou muita dificuldade para tomar algumas decisões importantes e enfrentar melhor a realidade. Relatou:

Profissionalmente eu decidi e me sinto realizado. Minhas dificuldades sempre foram para enfrentar certas situações e, sobretudo, me expor. Expor-me seria o corpo e sempre temi o ridículo. Isso me travou algumas vezes e as decisões importantes seriam encarar as coisas da vida, sem medo. Encarar uma mulher sem temor do ridículo. Faltou autonomia para agir mais.

O leitor percebeu que não lhe dei um nome fictício desde o início dessa dissertação quando o apresentei e em outros momentos durante a análise. Fiz isso de propósito para que o leitor possa lhe dar um *nome* e entrar no seu universo e dialogar com a sua história, sua cultura e a sociedade onde viveu e com o seu envelhecimento.

Essa decisão foi tomada porque tudo foi uma interpretação pessoal e recontextualizei sua fala e sua história. Por isso não transcrevi simplesmente trechos de uma gravação, mas produzi um texto de minha autoria e tenho a responsabilidade por isso. Os recortes que fiz, as suas falas literais foram uma decisão pessoal que me moveu como pesquisador e autor. Agrupei as falas segundo meus critérios, resumi, sintetizei e fiz intervenções. Por isso o texto tem a minha marca como pesquisador e autor. Digo isso fundamentado em Gilberto Velho (1986) que fala sobre a marca do próprio autor no texto que produz.

O entrevistado manifestou dificuldades e facilidades para falar sobre certos temas que foram abordados; a respeito de alguns não disse nada e sobre outros falou abertamente e, às vezes, foi muito reticente. Mas no geral senti que ele confiou em mim e fez confidências muito pessoais. Por isso tomei todo o cuidado para não dar pistas de quem seja e, para isso, decidi não usar nenhum nome próprio.

O fluxo da fala foi contínuo e ininterrupto em alguns momentos, mas houve, também, silêncios, choro, risos, raiva, rubor da pele, tremores, temores, gaguejos e outras

manifestações corporais que deram a entender o quanto estava sendo difícil falar e as manifestações emocionais profundas foram a marca da entrevista.

Os discursos produzidos são do próprio entrevistado com diferentes maneiras de dizer o que estava sentindo e somente ele teve a autoridade e propriedade para falar o que quisesse e eu me mantive numa atitude de respeito e de empatia. Portanto, o entrevistado forneceu seu patrimônio individual com tudo o que vivenciou e incorporou na sua existência.

O sujeito falante construiu sua própria realidade, muitas vezes de forma contraditória, com significados e ideologias que são suas e como ele organizou sua vida em seus ciclos vitais, no grupo social onde viveu e como está organizando sua vida no envelhecimento que se aproxima. Às vezes tentou e, ainda tenta, negar sua história, mas ele mesmo disse que não tem como fugir dessa realidade, que sua história e sua vida foram construídas dessa maneira, com aquelas pessoas com as quais conviveu e com seu pai. Disse-me:

Eu tinha um tipo de corpo, mas queria ter outro, que agradasse a todos. Construí uma forma de viver que me desse mais sossego e não sofrer tanto e organizei minha vida da forma como pude. Tenho uma história muito sofrida por um lado por causa do meu corpo e muito boa profissionalmente. Isso me desequilibra e construí meu próprio mundo e pouquíssimas pessoas entram nele. E com o envelhecimento batendo às portas da minha vida, continuo agindo assim. Por não ter um corpo que agradasse, procurei agradar a todos e dessa forma, ser inteligente e provocar inveja nas pessoas que me ironizam por causa do corpo. São pessoas pobres, coitadas e assim eu olho para quem se preocupa somente com o corpo. Tenho raiva desses exibicionistas e a contradição é que os invejo por isso. Então minha vida está cheia de contradições.

Sobre o envelhecimento, falou:

Estou pensando nisso desde que comecei a falar com você. Senti-me provocado a encará-lo. Isso tudo mexeu demais comigo, não me abandone! Não quero ser um desastre quando a velhice chegar de vez. Ser um desastre seria um velho rabugento, reclama de tudo, que ninguém gosta de estar perto. Não quero me sentir solitário e abandonado. Por isso comecei a pensar profundamente nisso e organizar minha vida. Esse passado todo me atormenta; com frequência me vem à mente cenas desse tempo e não quero sofrer com isso quando for velhinho. Às vezes fico com raiva, ódio dessas lembranças.

Relatou isso tudo de uma forma bem pausada e pude sentir a raiva, as decepções, seu rancor desse passado. Seus olhos arregalados, muito sério, seus dentes se apertaram, seus punhos cerrados e senti como tudo isso o atormenta e dificulta organizar seu envelhecimento.

Falou de um passado onde tinha que ser homem, macho forte, mas ele disse que “*o meu físico, minha natureza não me ajudavam e as pessoas não entendiam isso, achavam que eu tinha que dar conta e ser como eles queriam.*” E isso construiu seus retratos corporais. Pareceu-me muitas vezes que pesou uma maldição sobre ele: ser macho viril. Diante disso ele

chorou sua dor e ao defrontar com o envelhecimento chora essa dor escondido porque, sente seu corpo se esvaindo “*parece que a vida escorre por entre meus dedos.*”

Percebi que a construção dos seus retratos corporais foi fruto de sua vida relacional e construída de acordo com o contexto sócio-cultural no qual esteve inserido e que no seu envelhecimento ressignifica esse contexto. Por isso, não lhe foi possível tomar uma posição fixa ou totalizante sobre o corpo, mas entendi que a construção e a reprodução desses contextos o configuraram corporalmente. O seu comportamento, inclusive de gênero, foi muito determinado por esses contextos. Comentou:

Se eu pudesse teria o corpo ideal. Não sou nada disso e envelhecer me coloca diante desse dilema: nunca fui e nunca serei. Queriam que eu fosse uma coisa impossível de ser. Eu queria ser um velhinho que está na minha mente, mas que na realidade nunca existiu. Queria ser como aqueles caras novos que têm cabelos grisalhos. Impossível? Claro que sim. Tenho consciência de quem sou e do que serei, mas difícil aceitar.

Em relação ao entrevistado, a configuração dos seus retratos corporais recaiu sobre o seu pai e outros do gênero masculino, mas permaneceu mais no espaço doméstico. Pude entender que se identificou mais com os afazeres domésticos numa sociedade que valorizava o culto ao macho, um corpo forte e seu pai não o auxiliou nessa configuração porque o desvalorizou como homem. E no envelhecimento o sujeito se sente “*sem chão*” como me falou porque envelhecer lhe subtrai a possibilidade de uma configuração masculina à qual desejava se adequar. Relatou:

Envelhecer é o fim de tudo, de todo sonho e possibilidade de melhorar o corpo. Tudo entra em decadência, amolece tudo. Meu pai era um infeliz, eu o via assim, mas eu gostava dele. Vivia dizendo pra eu estudar porque eu não serviria para a roça e me mandava ficar em casa e ajudar a empregada. Aprendi a fazer tudo dentro de casa; eu não tenho faxineira aqui na minha casa, eu mesmo faço o serviço; faço comida, lavo e passo roupas. Quando meu pai morreu, não me senti muito triste, chorei um pouquinho e nem fui ao enterro, eu estava em outro estado, e não fui e achei bom não ter ido. Senti um certo alívio, como se fosse uma libertação de algo que me amarrava, me prendia e não me deixava ser mais livre.

A partir desta reflexão concordo com Chodorow (1979), quando fala do período edipiano que se enlaça com a construção corporal do entrevistado, mas que não se identificou com o pai e nem com a mãe: permaneceu no meio dos dois frente a uma sociedade que cultuava um corpo forte. No seu processo de envelhecimento sente-se, ainda, na intermediária e não sabe e nem se preparou suficientemente para esse ciclo. Pois como ele mesmo diz: “*Não quero envelhecer. Envelhecer significa ter de novo um corpo fraco, frágil como sempre fui visto.*”

Acredito que esta postura se refira a uma falha de referência para configurar seu corpo no envelhecimento porque permaneceu mais na esfera doméstica onde estava sua mãe enquanto o pai permaneceu fora do espaço doméstico. Disse-me: “*Não me chame para mexer na terra, capinar, essas coisas de roça que eu não vou*”.

Retomando o gênero, entendi que ele precisaria provar que é homem, macho e o entrevistado alimentava esperanças de ter um corpo mais desenvolvido. Muitas vezes ouviu de outros homens quando crianças também eram magros, mas ao atingir uma certa idade, mais velhos, conseguiram ficar mais gordinhos (que significa mais forte nesse caso). O sujeito esperou ansioso chegar a essa idade tão esperada, mas nada aconteceu. Contou uma de suas fantasias que atenderia à demanda disposicional e estabelecer relações para encontrar sua função como ator social:

Imaginava que seria inventado uma espécie de balão que recobriria todo meu corpo e depois seria injetado ar e eu ficaria como sempre desejei; que inventariam uma injeção – poderia ser a mais dolorida – mas que me ajudaria a ficar mais desenvolvido fisicamente. Tomava qualquer coisa que eu achava que iria me fazer engordar um pouco. Não aconteceu nada, continuei lutando contra meu próprio corpo.

Entendi que essa luta continua com a expectativa do início do seu envelhecimento, porque velhice é, também, uma construção. Mas uma construção que passa por todos os ciclos vitais anteriores e nos diferentes meios sociais onde o indivíduo viveu e vive. Essa construção do envelhecimento, para o entrevistado, ainda está comprometida porque quer encontrar paradigmas de envelhecimento, mas seu corpo denuncia a passagem do tempo e teme perder o que conquistou. Eis seu relato:

Atualmente eu até tenho um corpo que gostaria de ter tido, mas começaram a aparecer problemas de saúde, não graves, mas tenho que me cuidar para não se agravarem. Preciso perder peso, não estou obeso, mas preciso perder uns quilos e isso está se tornando um drama porque sinto que não quero emagrecer. Faço caminhadas quase todos os dias, mas, por outro lado, não quero perder o que conquistei e sempre desejei ter. Estou numa luta severa contra a balança (risos).

Disse-me que isso foi uma conquista. Ter essa “*barriguinha*” significa muito para ele pois denota masculinidade e que ser “*gordinho*” é um orgulho porque sempre foi chamado de “*seco*”.<sup>10</sup> Sobre isso comentou:

Eu olhava para pessoas gordas e obesas e desejava ser como elas, não aguentava mais os apelidos que eu tinha. Por isso que temo voltar a ser magro na velhice, os

---

<sup>10</sup> Termo que na sociedade onde o entrevistado viveu sua infância e adolescência era usado para designar alguém que era muito magro, fosse homem ou mulher.

ossos aparecendo e ser o “*pele-e-osso*”. Temo adoecer e perder essa barriguinha que me orgulha e, por outro lado, gostaria de perdê-la porque me olho no espelho e ela está muito proeminente. Vacilo entre o orgulho de tê-la e a necessidade de diminuí-la.

Esse trecho da entrevista retratou bem uma das imagens do envelhecimento, mas outras apareceram posteriormente. Teme a doença porque poderia perder sua “barriguinha” apesar de não ser gordo. Teme estar aos cuidados de outra pessoa e disse que sentiria vergonha ficar sem roupas e aos cuidados de alguém. Relatou que se angustia imaginar-se numa cama doente, velho, “*pele-e-osso*”. Quando pensa nisso fica ansioso e disse que não gostaria de passar por isso e que deseja uma morte rápida. Comentou a respeito desse ciclo:

Olho para os velhinhos magros, frágeis e não consigo me imaginar assim. Muitas vezes parece que estão no fim da vida e fico com raiva. Eu tenho raiva da velhice. Aliás, eu odeio saber que ficarei velho. Acho injusto. Para mim é o fim da picada. Odeio saber que um dia irei morrer, isso é uma injustiça com minha vida, com as pessoas que eu amo e que elas também irão morrer. Mas não odeio a vida.

Para ele, a vida “pregou uma peça” e o pôs numa enrascada e não tem como sair dela, e falou:

Justo agora que estou num momento maravilhoso da minha vida, meu corpo está muito próximo do que sempre quis ter. Ainda não estou satisfeito com ele, mas não sou o que era antes. A vida me pede isso, que eu renuncie a ter esse corpo e voltar ao que era para viver bem? Não entendo! (deu um murro na poltrona onde estava).

Ainda, disse que teme adoecer porque poderia perder sua capacidade intelectual, ter uma grave doença que o levasse a ficar esclerosado e não ser mais visto como inteligente, capaz de ler e de estudar. Retornou a falar do seu corpo, comentou sobre a vergonha que sente e que sempre quis escondê-lo porque não estaria alinhado à tradição e nem com as configurações esperadas pela sociedade:

Sempre quis esconder o meu corpo. Houve alguns avanços e comecei a andar de bermudas depois dos dezoito anos. Aconteceu quando fui à praia pela primeira vez e me disseram que na praia ninguém fica olhando o corpo do outro. Mas não foi tranquilo porque ficar de calção foi vergonhoso para mim. Sempre tive dificuldade para mostrar meu corpo. Isso também afetou o lado sexual, temia ter uma relação sexual com uma mulher porque teria de ficar nu junto dela e mostrar meu corpo.

Esse recorte da entrevista retomou conceito de *habitus* e deu mostras de que o sujeito não se adonou do seu próprio corpo por não ter construído uma imagem interna que o retratasse corporalmente. Permaneceu à mercê do que a sociedade esperava e daquilo que seria um corpo verdadeiramente de macho.

Para esconder o corpo sempre usou roupas largas, nunca gostou de roupas apertadas que delineassem seu corpo. Disse que quando era adolescente, até mesmo no verão, usava o uniforme de inverno para ir às aulas. Mas gosta de se vestir bem, “*não com roupas caras, de grife*”, mas com roupas que escondam um pouco o corpo.

O corpo possui suas práticas, como pude perceber até agora, e uma delas é a prática masculina. Porém essa prática masculina não foi bem legitimada pela sociedade onde o entrevistado viveu. A tradição disposicional e as redes de interdependências demandavam que o corpo fraco era o da mulher e que a configuração masculina tinha outras práticas:

Sempre me trataram como mulherzinha e eu odiava isso. Não reagia e acho que pelo fato de não reagir dava chance para que continuassem a me tratar assim. Então eu era visto como um “fracote”, pois para aquelas pessoas o fato de não reagir, era coisa de menininha e assim eu era visto.

Um dos significados do corpo é o de ver o outro e o de ser visto. O corpo separa o próprio indivíduo dos demais e demarca o eu do não-eu. É a parte visível do ser humano e não se trata somente do físico ou do biológico, mas também um retrato do social e do cultural e isso denota uma demanda nas relações que se estabelecem. Segundo a sua configuração, as relações sociais também serão norteadas de acordo como os retratos corporais foram se construindo desde o nascimento e passa por todos os ciclos vitais. Relatou sobre suas esperanças:

A cada ano ou fase da minha vida eu tinha esperança de que meu corpo mudasse para o que eu desejava que fosse e procurava ser como os outros queriam para poder mostrar meu corpo. Se eu pudesse andaria sem camisa para mostrar minha musculatura, mas isso nem em sonho. Eu não construí uma imagem do corpo que fosse minha. E com os sinais da velhice aparecendo então piorou tudo. Esse piorou é porque a coisa está ficando feia, cara, se prepara. Não consigo imaginar meu corpo na velhice, acho que é porque não quero isso para mim. Tem vezes que bate um desespero daqueles.

Na velhice o corpo passa por transformações e através delas dá os primeiros sinais. E quando este não está bem configurado a tendência do indivíduo poderá ser escondê-lo ou, então, utilizar artifícios para que atenda ao paradigma corporal. E o entrevistado manifestou que tinha vergonha do seu corpo e, apesar de estar entrando no envelhecimento, ainda sentia e comentou: “*Quando eu saía ou saio na rua e vejo um grupo de meninos, rapazes ou homens mais velhos eu evito passar perto porque imagino que eles irão rir de mim e do meu corpo.*”

Pude entender que ele acredita que a sociedade não se ocupou com a sua configuração corporal para legitimá-lo como homem, antes o depreciou. Sente que seu corpo não adquiriu adequadamente uma construção legitimada pela sociedade e, no envelhecimento percebeu sua

*descorporalização*, ou seja, sente seu corpo decaindo aos poucos e isso ressignifica a não legitimação corporal e produz muitos conflitos.

Esses conflitos repercutem na sua estrutura psíquica e, também, na sua identidade corporal e no envelhecimento entra em atrito com aquilo que desejou ser e que tem mais como construir seu próprio corpo como tem imaginado. Olhou para si mesmo na entrevista, para seus braços, suas pernas, passou as mãos pelo seu corpo e disse:

Olho-me no espelho, eu não gosto de me ver no espelho. Mas me olho quando raspo a barba e me penteio e não gosto de me ver, como nunca gostei de ser fotografado. Olho para meu rosto e o corpo, principalmente e me angustio. Angustio-me ao ver esse corpo com o qual nunca me senti e com o qual estava me sentindo melhor, se tornando novamente frágil, sem atrativos e quando alguém fala algo que desmerece o corpo, mesmo que seja de outra pessoa e não dirigido a mim eu fico muito magoado. Se alguém quiser me magoar e me deprimir, basta dizer algo que fira meu corpo emocionalmente.

É importante lembrar aqui os conceitos de Debert (1994), sobre o declínio inevitável do corpo; Elias (2001), lembra que não é fácil imaginar que o corpo tão cheio de agilidade e frescor, se torna lento e desajeitado; Cícero (1997), fala da falta de vigor e sobre isso o entrevistado falou:

Olho para o meu corpo, a barriga, a região dos genitais tudo despencando. Parece que na região dos genitais se acumula alguma coisa, gordura, sei lá, não sou gordo e afunda o pênis, parece que diminui o tamanho. Certos dias, parece que não tenho mais nada, nem precisa ser frio. Fica tudo muito encolhido e desaparece no meio dos pelos e dessa espécie de gordura. Olha, cara, é feio de olhar. Prepara que vai acontecer com você, se é que não está acontecendo, olha bem quando chegar em casa (risos).

Novamente percebi como o corpo tem muita relevância para ele. Logicamente que não é algo exclusivo do entrevistado, depende de como cada um lida com seu corpo seja homem ou mulher. E o entrevistado me falou sobre a valorização do corpo que percebe hoje na sociedade impulsionado pela mídia:

Na televisão, o corpo está em evidência e se valoriza um corpo esbelto, jovem, sem rugas ou manchas na pele. Sinto-me fora do tempo e do mundo ao olhar para mim mesmo. Tem vezes que me acho feio. Nem imagina como me sinto ao ver isso e dizer o que sinto quando disse: me achar feio. Eu me comparo, sabe, e sei que nunca terei o corpo que sempre desejei. Uma vez uma pessoa me disse que eu não tinha um corpo bonito, musculoso e eu fui procurar uma academia para fazer musculação na esperança de que iria ter o que aquela pessoa queria. Claro que nunca chegaria a tanto e logo abandonei.

Tudo o que o entrevistado relatou até agora me levou a pensar no que S. Figueiredo (1987) fala quando se refere a mapa, como se fosse uma forma de identificação. É como se o

sujeito passasse por um desmapeamento e perdesse sua orientação e tivesse sentimentos contraditórios em relação ao seu próprio corpo e sua sexualidade. No meu entender, ao se aproximar do envelhecimento, o entrevistado deu mostras de estar em crise de identidade corporal. Percebi que ele ainda está em busca de um modelo corporal para envelhecer, pois disse-me:

Eu não sei como será meu corpo quando estiver bem velhinho, eu não me identifico ainda com ele, olho para os velhinhos e não me vejo neles, por um lado e, por outro me identifico ao avistar um velhinho de cabelos brancos, pele lisa quase sem rugas. Na verdade eu continuo insatisfeito com meu corpo.

Compreendi que o entrevistado não está conseguindo fazer o distanciamento necessário entre o que ouviu e que configurou seu corpo. A vozes do seu pai e da sociedade ecoam na atualidade, como se ainda impusessem a tradição e continuam influenciando o que ouve e vê sobre o envelhecimento e corpo, e isso produziu aprendizados.

O entrevistado aprendeu desde muito cedo que deveria ter um corpo forte para enfrentar os outros meninos e a lida diária da “roça”. Mas esse entrelaçamento – corpo forte, lida e confrontos – não aconteceu como o esperado pelo seu pai e pela sociedade que definia o que era um corpo de homem. E no envelhecimento se depara novamente com esse conflito e procura não demonstrar sua angústia porque aprendeu, também, que quem chora é “menininha”. Por isso teme o envelhecimento sofrido porque não consegue falar sobre esse ciclo em que está entrando. Disse-me:

Com você até consegui falar sobre isso e está em fazendo bem. Aqui pude chorar e dizer tudo o que sinto e ficar velho não está mais tão assustador. Eu comecei a olhar a me questionar sobre isso e penso que eu, também, posso ser um velhinho feliz. Mas ainda tenho muitos sentimentos sobre a velhice e os velhos que não são legais.

Comentou que não gosta de falar sobre velhos e envelhecimento porque sente vergonha do seu corpo. Vergonha que sempre sentiu apesar de ter tido melhoras. Isso me fez pensar em como criou seu *habitus* corporal confuso e não estabeleceu fronteiras entre o seu eu e o outro. Para Elias (1990), o *habitus* corporal tem essa função de diferenciar os indivíduos uns dos outros dentro das redes de relações. O *habitus* seria uma composição social dos indivíduos de onde brotam suas características individuais, como uma grafia individual e o define com maior precisão. Vi na minha frente um sujeito ainda em busca de uma definição para seu corpo no envelhecimento, pois espera que seu corpo atenda à disposicionalidade social e se configure como era esperado e disse:

Meu corpo não é meu corpo, aliás, nunca foi. Meu corpo é o corpo do outro que eu gostaria de ter. Queria e quero incorporar um corpo que desejo para mim. Quero negar o envelhecimento porque não terei mais uma segunda chance de ter o corpo desejado.

Através da entrevista pude perceber uma certa descontinuidade (BENTO, 2012), dos padrões corporais do entrevistado e que dificultaram a reelaboração reflexiva de sua configuração corporal por querer se adequar à uma tradição disposicional existente naquela sociedade. Ao entrar para o envelhecimento, o corpo poderia, também, lhe dar uma sustentação para tolerar o envelhecimento e lidar com as transformações mais acentuadas do corpo, o que ele mesmo chamou de decadência. Essa descontinuidade foi relatada assim:

Quando eu via alguém que tinha atributos físicos que eu gostaria de ter eu queria ser como ele. Poderia ser seu corpo, sua ‘mala’, seu jeito de ser, timbre de voz. Agora que estou entrando na velhice não tenho um corpo que me identifica. Sinto, muitas vezes, que me falta um solo firme por onde andar e assegurar minha existência.

Por esse trecho da entrevista pude perceber o que chamo de desidentificação e falta de continuidade necessária para um envelhecimento melhor sucedido. O entrevistado, às vezes, deu-me a impressão de ser uma generalidade de outros indivíduos e da sociedade onde viveu. Segundo Bento “*identificar-se é encontrar lugar no mundo, um sentido para as ações, é ver-se reconhecido...*” (BENTO, 2012, p. 113).

Essa falta de identificação pode ter contribuído para que o entrevistado não gostasse de se ver e se reconhecer, ou seja, não autenticou seu retrato corporal. Autenticar o retrato corporal seria um sistema de disposição durável (BENTO, 2012) e poderia determinar sua conduta dentro da sociedade onde viveu e, também, no envelhecimento. Falou sobre o envelhecimento de um corpo que não sente como verdadeiramente seu:

Ficar velho piora tudo, não quero olhar porque me assusta e fico triste ao vê-lo como está ficando. Daí acho que falta para mim uma personalidade corporal que fosse mais bem definida.

Retornando a falar em *habitus corporal* mencionado anteriormente, se o tivesse conseguido definir, lhe permitiria se adaptar melhor às situações concretas de seus ciclos vitais e se tornaria um indivíduo com sua própria personalidade, detentor de seus próprios retratos corporais e configuraria seu corpo que lhe daria uma função definida nas redes de relações e de interdependências. Bourdieu diz que *habitus* funcionaria como “*uma matriz de percepções e ações*” (BOURDIEU, 1983, p. 65) e desempenhar múltiplas tarefas em diferentes contextos sociais e ciclos vitais. Desta forma o envelhecimento seria definido como uma tarefa, com percepções e ações nesse ciclo com retratos corporais definidos.

Ilustro o que disse com um trecho da entrevista no qual o entrevistado relatou que desejava ser outra pessoa. Ser outra pessoa porque por si mesmo não encontrou sua função corporal dentro das redes de interdependências onde esteve inserido e ser outra pessoa imaginava que lhe encontraria e atenderia às disposições e configurações sociais. Comentou:

Eu sempre procurei me ajustar ao que os outros queriam, sobretudo em relação ao meu corpo. Tenho agido de acordo como os outros queriam. A não ser minha vida profissional, pois faço o que gosto e me dá prazer. O problema mesmo sempre foi com o meu corpo.

Nessa direção P. Berger e T. Lukcmann (1978), falam da socialização primária. Essa socialização que se iniciou com a família e determinou os retratos corporais do entrevistado, foi reforçado pela sociedade onde viveu. Eis o que ele mesmo disse:

Meu pai dizia que eu era fraco para o trabalho na roça, sempre me viu como doente; por isso eu deveria estudar e ajudar na lida doméstica. Eu fui muito doente quando criança e acho que isso levou meu pai a me ver como frágil. E onde eu vivia isso era reforçado porque era necessário ter um corpo forte.

Foi produzido sobre o sujeito um modelo de retrato corporal ao qual teria que se adaptar como num encaixe. Deveria se encaixar, mas seu corpo não facilitava e ele não se enquadrou. No envelhecimento procura um encaixe e segue se referindo às disposições e às configurações imposta pelos outros:

Meu pai tinha problemas de saúde. Lembro que muitas vezes à noite ele se levantava para vomitar. Vi essa cena muitas vezes e ele se queixava seguidamente de queimação no estômago e não podia comer qualquer coisa porque fazia mal; fumava muito e teve complicações e morreu de câncer nos pulmões por causa do cigarro.

O modelo de retrato corporal que poderia ter sido seu pai não o legitimou como um indivíduo forte como queria seu pai e a sociedade onde viveu e isso o retratou com uma imagem corporal distorcida. No envelhecimento que se aproxima ressignifica a imagem do seu pai que faleceu aos sessenta e nove anos de câncer, ou seja, pesa-lhe a imagem de um pai doente, frágil e com um corpo que, também, não se configurava ao que exigia do entrevistado.

E por falar em doenças o entrevistado relatou que teme a doença como disse anteriormente e expôs os motivos. Mas, nesse momento, comentou outra percepção e o que sente diante da possibilidade de adoecer. Isso denota como ele mesmo vê esse ciclo vital:

Eu odeio ficar doente. Tenho, às vezes, as doenças triviais como resfriado, alguma dor. Mas eu odeio, tenho vontade de me 'esganar' com todas as forças. Odeio tomar medicamentos. Muitas vezes coloco na boca um comprimido e parece que a garganta se fecha, tranca e não desce e eu cuspo de volta e jogo fora. Odeio tudo isso.

Esse ódio também se referiu ao envelhecimento:

Odeio ver velhinhos doentes. Eles não merecem. Mas odeio sua dependência, suas reclamações, queixas e resmungos. Parece que velho está sempre se queixando e reclamando de tudo. Tem velhos que parecem olhar com raiva. Olha, às vezes me dá vontade de esganá-los. Estão velhos mesmo, que morram.

Apesar de dizer isso falou que jamais tomaria qualquer atitude dessas com os velhos. Sempre os tratou bem, isso é algo extremamente pessoal. Fiquei perplexo diante de suas revelações e percebi que se tratou de algo muito íntimo. Chorou muito ao dizer isso e se sentiu culpado. Mas confessou que foi um alívio poder falar certas coisas que nunca havia falado e se surpreendeu com o que disse. Comentou que não imaginava que isso estivesse dentro dele e que se aproveitou do momento para “abrir o verbo”. Falou que essa seria uma maneira pessoal de olhar o envelhecimento, como se sentiu olhado pelo seu pai, se sente olhado hoje e pensa no seu envelhecimento.

De um modo geral, tem grande importância o olhar, como o indivíduo se sentiu percebido e sentido pelos demais no grupo onde viveu e o olhar de sua família. O olhar pode legitimar ou não a própria imagem, depende de como o indivíduo se sente olhado. E o entrevistado relatou sobre esse olhar do seu pai em relação a ele: *“Eu estava doente e deitado na cama dos meus pais. Estavam se preparando para me levar ao hospital. Meu pai entrou e senti que me olhou com ódio. Esse olhar dele nunca me saiu da cabeça”*.

Percebi que através deste mesmo olhar o entrevistado sentiu que não estava dando conta em relação ao que seu pai esperava. Apesar disso entendi que existem muitas maneiras de se construir um retrato corporal dentro de um contexto que pode ser contraditório como relatou o entrevistado. Isso repercutiu no olhar que ele tem sobre si mesmo, como percebe sua imagem que denuncia a passagem do tempo: *Olho-me no espelho e sinto que estou mais envelhecido. Como é difícil aceitar isso! Vejo meu corpo que, na visão de muitos nunca foi atraente, e que agora entra em declínio e na minha visão não está novamente atraente.*

Ao falar sobre como vê seu corpo no envelhecimento comentou sobre o corpo dos idosos:

E o corpo dos velhos então, me dá pena ver sua fragilidade e fico pensando como seria fácil agredir um velhinho, ainda mais se estiver frágil, magrinho. Tem vezes que me dá raiva ver o corpo deles. Aquele corpo sem forças, sem vigor, aquele corpo feio e sem graça. Outros gordos e tenho a impressão que não tomam banho. Olha, cara, eu odeio isso tudo. Porque olho para o meu corpo e ele poderá ficar assim. Olhar para mim mesmo tem vezes que é decepcionante. E eu fico me perguntando: por que envelhecer? Não consigo entender isso!

Percebi como a construção do corpo pode ser ou não coerente com o que o indivíduo esperou e o retratou. Em relação a essa construção percebi que o entrevistado está procurando seu próprio retrato corporal e nesse retrato estão inerentes a sexualidade, a voz e outros atributos intrínsecos ao corpo como poder estabelecer relações com a sociedade de forma individualizada o que seria ter certa hierarquia e não sucumbir às vontades da tradição disposicional sem reflexão. Pesa muito sobre ele como a sociedade o olhou e se sente olhado atualmente e como construiu seu próprio retrato corporal e se sente visto. Esse retrato corporal repercute na sua expressão vocal e disse:

Minha voz não é muito forte, como se diz ‘um trovão’. Tem vezes que me percebo falando com uma voz suave e não sou ouvido. Mas quando elevo o tom e falo grosso, as pessoas me ouvem. Sinto que não sou visto, minha presença não é percebida pelos outros. Meu corpo que seria para ser visto não é visto, minha voz que era para ser ouvida, não é ouvida.

Esse trecho da entrevista me remeteu ao espaço onde vivo como tenho relatado anteriormente. Observei que o tom de voz num ambiente e universo masculino tem muito a ver com o poder e ser ouvido, por isso que o tom de voz demarca território. Ganha força quem fala mais alto e forte – grosso – e isso demonstra masculinidade. Tenho percebido que num grupo formados somente por homens estes falam alto e um procura abafar a voz do outro para sobrepor aos demais. Na “guerra” pela hegemonia masculina dentro desse universo a voz se torna, também, um instrumento poderoso.

Fazendo o enlaçamento com o envelhecimento o entrevistado se depara com sua situação de como foi retratado corporalmente dentro de uma tradição disposicional que priorizou o corpo e todos os atributos corporais como instrumento para ser visto, percebido pelos outros indivíduos e pela sociedade, e os velinhos despertam-lhe os mais variados sentimentos. Sobre isso comentou que ser visto seria uma forma de marcar seu território e determinar sua função social dentro das redes e dar outra configuração ao seu corpo e à tradição disposicional:

Não me sinto visto. Percebo que os velinhos não são vistos pela maioria das pessoas porque são frágeis, incomodam. Muitas vezes sinto raiva dos velinhos ao ver sua lentidão, dificuldade para agarrar objetos, mesmo que sejam pequenos e leves, sua lentidão para se locomover, uns de bengala. Sinto raiva porque demoram para sair ou entrar em algum lugar. Sinto raiva quando estou atrás de um velinho e ele não caminha depressa como eu ainda caminho. Acho que essa raiva é porque sinto meu envelhecimento se aproximando. Penso que sinto raiva de mim mesmo, do meu corpo. Um corpo que não me dá mais o mesmo prazer de antes, inclusive sexual ou quando sinto algum prazer nessa área percebo que é rápido e passageiro. Percebo que a excitação sexual está cada vez menos frequente e quando tenho passa depressa.

O corpo não responde mais aos seus desejos e vontades como gostaria e isso o entristece e começou a construir um outro retrato corporal e o entorno social lhe diz e mostra qual o seu futuro. Isso provocou muitos sentimentos, por vezes, contraditórios. Sobre essa contradição corporal comentou que esse ciclo vital está sendo olhado com preocupações:

Às vezes busco em meu corpo um pouco de prazer e ele não responde como gostaria. Forço para que algo de prazeroso aconteça e, muitas vezes, desisto porque faltam-me forças pra isso. Viagra? Nem pensar! Tomar Viagra para ter prazer comigo mesmo? Nunca! E novamente me entristeço e fico com raiva e frustrado com meu corpo. É uma droga isso tudo, entende? Não sei se você também passa por isso já que temos quase a mesma idade (*Perguntou minha idade eu respondi*). Um pouco mais novo que eu, disse. Mas vai ver, isso irá acontecer com você também (sorriu). Eu também não me reconheço mais nesse aspecto. Com relação ao corpo em si eu não sei quem sou. Mas na sexualidade eu tinha prazer sozinho, era o jeito encontrado e ainda hoje é assim. Mas está falhando cada vez mais. Eu odeio isso tudo.

Tenho falado que olhar para o próprio corpo é uma maneira de se reconhecer e de se legitimar. O olhar para si mesmo desperta sentimentos em relação ao próprio corpo e traça o autorretrato corporal sobre a forma como a pessoa percebe a si mesma. Essa imagem refletida e a troca de olhares foram assim descritas pelo entrevistado:

Esses dias eu estava saindo do banho e me vi de corpo inteiro refletido no espelho; nunca tinha me olhado dessa maneira. Olhei para meu corpo e a imagem olhou para mim. Tive vontade de chorar diante do que vi. Minha barriga caindo flácida, genitais encolhidos e escondidos, desaparecidos.

Essa imagem ressignificou os olhares de sua infância. Sentiu-se como alguém que não despertava desejos e agora, com o seu corpo envelhecendo, sente que não tem mais chance para isso. Foi um olhar de piedade sobre si mesmo e seguiu dizendo:

Diante do espelho olhei os detalhes do meu corpo: meu rosto, tórax, barriga, pernas e braços. Muitos pelos brancos. Não posso dizer que foi uma observação agradável, uma imagem de que realmente eu tenha gostado. E essa imagem não sai da minha memória. Essa imagem que vi é o olhar dos outros para mim.

Essa fala do sujeito mostrou que seu corpo não está adequado à tradição disposicional como pensa e vê a si mesmo a partir das redes de configurações da sociedade onde viveu. Uma sociedade que configurou seu corpo como ele mesmo vê seus retratos corporais e uma tradição na qual deveria ter configurado um corpo másculo. Ou seja, a tradição disposicional da sociedade tinha uma configuração a cuja demanda o sujeito não atendeu.

O entrevistado me disse que se olhou no espelho e teve vontade de chorar. Fiquei me perguntando que sentimentos sua imagem corporal despertou nele? Percebi que houve um diálogo profundo e silencioso, talvez indescritível para ele mesmo. Por outro lado, lembrei-me

que me relatou fatos devido aos quais muitas vezes voltava para casa chorando porque tinha sido alvo de ironias por causa do seu corpo. Porém, sentiu necessidade de falar sobre essa cena e me convidou para ir até sua casa para relatar o que aconteceu. Disse: “*Imagina a cena: eu em frente ao espelho olhado para mim mesmo. Num primeiro momento não pensei nada, mas depois pensei ‘puxa vida, que corpo feio!’ e lágrimas escorreram pelo meu rosto.*” Prosseguiu dizendo:

Senti-me novamente aquele menininho chorando ao ser agredido. Vi-me diminuído diante dessa imagem e pensei comigo mesmo: “eu queria ser feliz”. Mas não me foi permitido. Tentar agradar a todo mundo foi uma tentativa de ser feliz e para isso fiz de tudo, coisas que você nem imagina!

Nesse momento lembrou da cena do filme de Almodóvar: *Tudo sobre minha mãe*(1999). Disse que gosta dos filmes dele, que tem vários que baixou da internet e comentou:

No filme tem uma cena com a personagem Agrado. Eu saí do cinema sem saber se é ator ou atriz; se é um homem, que interpreta uma mulher, ou não. É uma mistura de gênero no meu entender. Mas o personagem diz acreditar que o chamam de Agrado porque agrada a todo mundo e relatou como transformou seu corpo com silicone para agradar. Eu me senti retratado por esse personagem.

Agrado é um personagem dúbio. Quando eu assisti a esse filme fiquei com essa sensação. O personagem colocou o entrevistado em frente ao espelho, como alguém sem identidade definida. O personagem provocou confusão, mas me fez pensar e, também, ver o entrevistado, como se fosse um corpo sem identidade. Por identidade não me refiro ao gênero, mas como demarcador de fronteiras, que separa o indivíduo do mundo e Agrado se deixou invadir pelo mundo externo assim como o entrevistado para agradar a todos.

O corpo confere identidade aos indivíduos, delimita fronteiras entre si mesmo e os outros e, para isso, precisa estar configurado adequadamente e representar a própria disposição dos indivíduos em retratar seu próprio corpo. Digo isso porque as pessoas constroem seus próprios retratos corporais internamente e a sociedade, por sua vez, também constrói retratos corporais para os indivíduos. Isso poderá levar a conflitos internos para muitos indivíduos porque poderão não se adequar aos retratos corporais sociais. O entrevistado continuou descrevendo a cena:

Foram poucos segundos que pareceram uma eternidade. Mas a cena ficou gravada em mim e me pego pensando e lembrando dela. Eu, frente a frente comigo, mesmo. Sinto que não quis me olhar por muito tempo, porque rejeitei meu próprio corpo. Eu sempre rejeitei meu corpo, apesar de ter havido alguma melhora nisso. Senti-me velho olhando para mim mesmo como olho os velhinhos: desgastados, sem atrativos corporais.

Após esse relato, permaneceu em silêncio por uns minutos. Cabisbaixo, olhou para suas mãos, suas pernas; outras vezes um olhar distante, perdido no espaço. Olhou para mim e sorriu levemente, aquele sorriso quase imperceptível. Percebi que lágrimas surgiram em seus olhos. Entendi que o seu envelhecimento está sendo angustiante, como relatou, porque sente ser ele mesmo por um lado, mas transformado em outra pessoa e isso dificulta se reconhecer. Após esses minutos silenciosos, falou:

Não queria ter visto o que vi. Não consigo me ver assim, acho que evito me olhar muito porque isso denuncia o que sou e que tende a ficar cada vez mais 'feio'. E lembrei que um dia eu estava com outras pessoas e alguém passou e me disse 'como é feio'.

Achei interessante que me dissesse que se sente feio algumas vezes na entrevista e perguntei-lhe o que seria um corpo feio para. Ele e me respondeu:

O meu corpo. Esse feio sou eu mesmo. Tenho um rosto até bonito, me disseram, mas meu corpo não. Por isso resisto emagrecer porque assim como estou meu rosto fica quase sem rugas e perder peso poderia 'murchar' tudo e ficar com o rosto desfigurado. Então feio é isso que você vê, esse corpo aqui.

Diante dessa resposta provoqueei-o e lhe perguntei o que seria um corpo bonito, pois entendi que há um olhar de desprezo para o envelhecimento e respondeu:

É tudo o que queria ser. Um corpo forte, musculoso, ter todos os cabelos (é um pouco calvo). Seria o corpo dos jovens que olho nas ruas, coxas grossas, braços fortes, bem dotado, alto e que se imponha sobre os outros. É tudo o que não sou, o contrário de mim mesmo.

Não havia falado sobre isso, nas outras entrevistas, sobre como se considera feio. Percebi que precisava me dizer tudo isso e no decorrer dessa entrevista ,me falou "*Eu me senti velho ao me ver no espelho*". Pude entender que este é o retrato corporal que tem da velhice, ou seja, para ele a velhice é 'feia'.

Aqui retorno ao que Debert (1994), fala sobre o declínio inevitável do corpo e que o sujeito, ao se ver refletido no espelho, sentiu o que está acontecendo com ele, e relatou:

Senti-me velho, um velho sem atrativos, sem graça e que meu corpo não é mais como eu gostaria de ser e não tenho mais nenhuma chance para ser diferente. Daqui para frente é com esse corpo que irei me deparar cada vez mais em declínio e em franco deterioração (chorou ao dizer isso).

Debert (1994), ainda fala em transgressões do corpo que, no envelhecimento, rompe com as exigências sociais e não merece piedade para que possa, no meu entender, dar conta da tradição disposicional corporal da sociedade onde o sujeito viveu e se adequar ao modelo

exigido. O entrevistado falou sobre as tentativas para configurar seu retrato corporal e encontrar sua função social também pelo corpo:

Uma vez estava falando com alguém que me disse: ‘eu não gosto de caras que não sejam malhados’ e lá fui eu frequentar academia, mas não obtive nenhum resultado. Tomei anabolizante porque disseram que aumentaria a massa muscular. Tomei sem receita médica, veja o perigo e eu sabia dos riscos. Mas não aconteceu nada, nenhum efeito físico e muscular.

Esse relato traz de volta “*não tenho mais nenhuma chance*” ao se perceber aproximando do próprio envelhecimento. A sua impiedade corporal consiste em esconder o próprio corpo sob roupas apesar de sair para caminhar usando bermudas, mas nunca sem camiseta. Um corpo que ainda o envergonha porque o acha feio. Nisso vemos como carrega o social retratado em seu corpo que repercutiu em sua sexualidade e afetividade. Desse jeito a aproximação da velhice está muito difícil de ser assumida:

Não quero envelhecer, queria continuar jovem apesar de ser como sou. Ficar velho é me olhar no espelho e não gostar do que vejo, odiar, detestar aquela imagem, muitas vezes me percebo contando o tempo de vida que, hipoteticamente, terei pela frente e tenho a sensação de que o tempo está cada vez mais curto. Sinto-me um fraco diante da velhice.

Olhar para o próprio corpo e senti-lo envelhecer provocou sensações desagradáveis. Ver esse mesmo corpo que, um dia foi jovem, pele macia e sedosa na infância e na juventude dando conta das demandas corporais e que no envelhecimento começa a perder seu vigor, se transformando em outro corpo com o qual o sujeito não gostaria de se deparar.

Meus cabelos embranquecendo, quando tenho alguma ereção fica um pouco flácido e passa rápido, as sensações de prazer que o corpo me dava e eu busquei muito satisfazer comigo mesmo são voláteis. Minha barriga, pernas, braços finos, as manchas na pele, não queria isso para mim (Novamente chora).

Ao olhar para o seu passado o sujeito vislumbrou realizações, teve uma infância bastante boa, brincou, fez artes, estudou e sempre teve ótimos rendimentos escolares, era um dos primeiros da classe e da escola. Nem tudo foi ruim, pois teve, também, muitos momentos bons e seu rendimento intelectual sempre tem sido dos melhores e gosta de viver. Por isso a aproximação da velhice e, conseqüentemente, a proximidade da morte o angustia demasiadamente e falou sobre isso.

Se fosse possível não morreria nunca, apesar de tudo o que falei eu amo, adoro viver. Encontrei o meu jeito de viver e de me realizar. Ainda tenho planos, por isso não gostaria de morrer tão cedo e, se fosse possível, viver para sempre.

O seu corpo está marcado pelo social. Nesse aspecto residem suas dificuldades para enfrentar a própria velhice. Seu corpo é uma produção social que ele mesmo tentou construir a partir dos retratos corporais que o personificaram, que determinaram sua prática corporal (ALVES, 2011). Um corpo que não conseguiu dialogar adequadamente com o próprio sujeito e nem com a sociedade e se tornou uma incógnita para o próprio sujeito “*Quem eu sou mesmo?*”, se perguntou durante uma entrevista e ao lhe devolver a pergunta que se havia feito, respondeu que não sabia porque sentia que era uma mistura de diversos retratos corporais e não conseguiu, ainda, ao chegar à, velhice fazer uma síntese do seu retrato corporal e não havia conseguido defini-lo melhor. Por causa disso, não pôde desvendar o próprio corpo. Sobre isso acrescentou:

Eu tenho dificuldade para enfrentar a mim mesmo, enfrentar meu próprio corpo e o envelhecimento. Se eu fizesse isso talvez eu tenha um envelhecimento melhor e mais tranquilo e não fique desejando retardar o que é impossível e inevitável.

Para o entrevistado, o modelo corporal foi sempre imposto de fora e isso dificultou-lhe ter uma relação material com seu próprio corpo. Sentiu e ainda se sente como estranho para si mesmo, porque não é o corpo que gostaria de ter. Sobre o envelhecimento, disse:

Não consigo ainda reconhecer meu corpo, como disse em outra entrevista, parece que tenho um corpo de outra pessoa e não o meu próprio corpo. Por isso, sempre quis imitar alguém corporalmente e com a aproximação da velhice sinto que estou procurando um corpo que seja meu. Sinto-me desfigurado e a velhice desfigura o corpo e, por isso muitas brigas acontecem internamente comigo. Às vezes sinto que me deprimos e sei que teria de me encontrar comigo mesmo e com o meu próprio corpo. Veja, eu me sinto bem em muitos aspectos da minha vida: social, profissional e intelectual. O problema que me deixa aflito mesmo é com o meu corpo e, agora, o envelhecimento mexe muito comigo, sobretudo no que se refere ao corpo e à sexualidade, principalmente.

Fui me dando conta de que o entrevistado possui um vasto patrimônio individual (LAHIRE, 2004) e incorporou de forma singular e pessoal o social e o cultural. Para Lahire (2004), esse patrimônio individual distingue as pessoas umas das outras e por isso o autor fala em indivíduos e atores plurais. Em relação ao sujeito entrevistado, percebi que procurou incorporar o patrimônio individual dos outros, ou seja, ser o que os outros queriam que ele fosse, porém não conseguiu e, por não ter conseguido, não foi legitimado como homem, como macho. Isso gerou uma identidade e um retrato corporal confuso e não uma unidade, mas uma personalidade corporal em migalhas. Como ele relata isso?

Olho para mim mesmo e olho para outros caras, o peito do outro e assim por diante. Queria fazer uma mistura de partes do corpo de várias pessoas e construir o meu próprio corpo. E para o envelhecimento ainda não penso diferente. Além dessas

partes que olho e queria ter, olho a ‘mala’, o volume dos genitais e imagino grande e queria ter um volumão desses sob minhas calças.

O entrevistado, a partir disso, deu-me a entender que foi o depositário de todas as experiências socializadoras como qualquer indivíduo, segundo Lahire (2004). Mas procurou depositar e retratar em si o que a sociedade ditava e, segundo o próprio entrevistado, ainda dita um paradigma corporal. Isso dificultou-lhe atingir uma harmonia corporal e subtraiu sua capacidade de se diferenciar dos demais, porque queria ser outro o que, no seu entender, atenderia ao modelo dos retratos corporais tanto na sua infância quanto na velhice. E sobre isso relatou ao se referir ao personagem de Almodóvar:

Eu sou Agrado. Na internet tem essa cena recortada. Na platéia onde se passa a cena todos riem e eu também. Mas no fundo Agrado é triste, apanhou de outros caras. Eu também dei risadas da cena, mas no fundo sinto tristeza. Diante disso, me vem à mente, o tema que está pesquisando e me pergunto: como envelhecer desse jeito? Meu corpo existe para agradar a mim ou aos outros? Envelhecer assim será muito triste e não irei saber direito quem sou como esse corpo que começa a mudar. Queria ser velho, mas ter um papel dentro do meu mundo como uma pessoa e não somente um intelectual.

Essas disposições determinaram suas funções sociais: de ser visto como ‘feminino’ e fraco pela sociedade por um lado e, por outro, determinou seu desenvolvimento intelectual e, também, sua submissão sem muita flexibilidade. *“Eu percebia que as pessoas me humilhavam e me humilham; eu refletia sobre isso, mas não tinha forças para agir.”* Assim construiu seu próprio esquema individual e seu retrato corporal: frágil, submisso, deslegitimado como homem. Essa foi sua matriz socializadora e a forma como internalizou seu patrimônio individual sem muita reflexão, o que diminuiu sua capacidade de reação e de ação.

Percebi como a força socializadora construiu seu retrato corporal e dentro dessa força ainda conseguiu reagir pelo patrimônio individual intelectual. Mas as instâncias sociais fomentaram sua corporalidade e isso demarcou suas tendências e inclinações. Quanto a essas tendências e inclinações refiro-me à possível homossexualidade que não investiguei, como referi anteriormente. Denota, assim, a variabilidade de disposições que construíram seus retratos corporais e que perduram até o envelhecimento porque, como diz Lahire (2004), trata-se de um conjunto de inter-relações desde o passado até o presente que se articulam e se combinam. O sujeito procurou sempre adaptar-se aos modelos sociais, sem muita flexibilidade. Procurou ser o que os outros queriam que fosse, e refletindo sobre seu processo de envelhecimento disse:

Não mudou muita coisa, continuo agindo da mesma maneira, querendo ser o que os outros ou a mídia, querem que eu seja. Sinto-me nesse jogo entre o que sou e o que os outros querem. Envelhecer assim não está sendo fácil porque precisaria encontrar meu espaço e o meu próprio retrato corporal.

Outra tradição disposicional, no que se refere à sociedade ocorre em relação à sua sexualidade. Para o entrevistado houve muitos conflitos e ainda há, em relação a essa questão. Para a sociedade onde viveu, ser macho, além de necessitar de um corpo forte, era necessário ser bem dotado, ou seja, ter um pênis grande, o que denotava, também, poder e prestígio (sobre isso discorri na parte que falei sobre gênero). E por não ser dotado dessas ferramentas teve dificuldade para namorar e ter relações sexuais. Vejamos o que relatou:

Percebia que havia garotas que gostavam de mim, mas eu fugia porque achava que não daria conta. Durante minha vida tive oportunidades, mas não dei chance porque, novamente, acreditava que não seria homem suficiente para isso porque achava e ainda acho, meu pênis pequeno.

A velhice poderá ressignificar isso e na idade em que está sente que sua sexualidade e a capacidade para atos sexuais estão deixando-o muito angustiado. Relatou que não sente ereção com frequência.

Muito difícil ocorrer e quando tenho uma ereção amolece logo e tenho medo de falhar. O fluxo de sêmen é muito pequeno e logo ejaculo e o pênis fica flácido muito rápido. Então, não procurei mais provocá-la. Tenho vergonha do meu corpo e temo não dar conta. Vergonha de ficar nu diante de uma mulher e ela ver meu corpo e sair correndo. Ver meu pênis pequeno e rir de mim.

Segundo o autor dos conceitos de redes de interdependências e configurações, Norbert Elias (1990), os indivíduos mantêm sua singularidade mesmo inseridos nos contextos sociais pelos quais são influenciados. Pensando sobre o que entrevistado relatou, sua individualidade se deu pelo norte intelectual, mas seu retrato corporal ficou confuso. O sujeito da entrevista circulou por várias instâncias e passou por diversos ciclos vitais e redes de interrelações que configuraram seu corpo. Sociedade e indivíduo são figuras distintas e o sujeito teve muita dificuldade para se distinguir nesse meio e alcançar certa distinção. Elias (1990) diz que os indivíduos não têm controle sobre os processos configuracionais e nem sobre seus resultados; Lahire (2004), também diz que as disposições possuem partes inconscientes e, portanto, sobre as quais não se tem controle.

O corpo também sai fora do controle e, segundo Cornélia Eckert (2000) o envelhecimento se confronta com a didática temporal e do viver e transforma a própria imagem e rompe com a continuidade. Segundo ainda Eckert todos os indivíduos estão na condição de filho de *Kronos* que, na mitologia grega é o deus do tempo e segue dizendo:

O próprio envelhecimento lhe confronta à dialética temporal do viver como transformador da imagem de si frente à vulnerabilidade de novas rupturas na continuidade, até a própria morte. A experiência de envelhecer é também o processo de constituição da experiência temporal dos sujeitos, percurso de lembranças e esquecimentos, de linguagem e silêncios, de escolhas e desistências, mas que os requisitam ao olhar avaliador e ao gesto recriador, em cada palavra do trabalho da memória que é o trabalho de tomada de consciência. (ECKERT, 2000, pg. 07).

O entrevistado travou e ainda trava uma batalha com seu corpo, sua sexualidade devido ao declínio do seu corpo ao perceber a passagem do tempo, isto é, *Kronos* se mostra implacável. Sente desejo, mas seu corpo não responde mais aos seus impulsos como antes e sobre isso Júlio de Assis Simões diz:

O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizado do corpo em degradação e, em contrapartida, a avaliação positiva que se faz da juventude (SIMÕES, 2004, p. 417).

Percebi que, com essas configurações dentro das redes, o sujeito que está entrando no envelhecimento sente falta de uma melhor individualidade e busca fora de si algo que o identifique. Mas buscar fora de si, entendi, afetaria sua singularidade porque não seria ele mesmo. E com o aproximar o envelhecimento se perguntou algumas vezes na entrevista:

*Quem sou eu? Não sei* (respondeu). Às vezes me sinto um mosaico com as peças mal ajustadas. Acho que isso define meu corpo na velhice. Mas vou sair dessa, procurarei quem me ajude a fazer meu próprio retrato corporal na velhice e ser feliz pelo menos no fim da vida.

Segundo Elias (1990), configurações significa dizer que se trata de uma figura construída a partir de uma ideia ou de um outro objeto que o próprio sujeito vai definindo a partir de suas ideias pessoais, com as quais forma uma outra figura que tenha aquilo que seja seu, pessoal. Juntam-se os de fora e os de dentro. Mas o sujeito entrevistado ficou muito mais com o de fora e não conseguiu configurar um corpo que seja seu, que tenha o seu próprio retrato corporal.

Observei que foi um sujeito que, de certa forma, foi controlado pela sociedade. Essa sociedade que criou um *habitus* corporal ao qual o entrevistado teria que incorporar aos próprios retratos corporais e agir como esta esperava. Em relação ao seu corpo no envelhecimento ainda procura encontrar esse *habitus* e poder pertencer a si mesmo e não somente a uma sociedade. A partir disso falou: “*Eu não sei como envelhecer. Será que alguém sabe? Quero encontrar a minha própria maneira, mas não quero envelhecer, eis o*

*meu dilema.*” Nesse espaço, lembrou-se da obra *A Dama das Camélias* escrita por Alexandre Dumas em 1848, e comparou-a consigo mesmo:

Você assistiu ao filme, à ópera ou ao teatro *A Dama das Camélias*? A personagem principal, uma moça jovem e bonita, se olha no espelho demoradamente e contempla sua imagem. Ao ver que seu corpo denuncia o tempo que passa, seu rosto com alguns sinais, cai na farra para aproveitar a vida enquanto ainda é jovem e atraente. Isso é uma crueldade com a vida, é a tirania do tempo, envelhecer. Tem vezes quando me perguntam a idade eu minto, digo que sou mais novo, mas quando tenho que dizer a minha idade verdadeira, fico irritado. O tempo se mostra implacável.

As coerções externas sempre existem em todas as sociedades, mas entendi que o sujeito se deixou levar demasiadamente por elas nas relações de interdependências que estabeleceu. A tradição disposicional e as configurações penetraram no entrevistado e em sua vida e o dominaram, sobretudo, corporalmente. Isso teve repercussões em outras áreas do sujeito – afetiva, relacional, sexual, dentre outras – mas não há como abordar isso agora. Ele não conseguiu fugir disso e comentou:

Fui muito ironizado devido ao meu corpo, com apelidos que me deprimiam. Uma vez, na escola, a professora desenhou no quadro o corpo de uma pessoa que seria raquítica; uma imagem muito magra e feia. Eu tive vontade de me esconder, mas fiquei calado e nem olhava para os colegas e nem para o desenho, por medo de que fossem ironizar e dizerem que aquele desenho era eu. Hoje em dia me percebo olhando meus braços e pernas e essas lembranças me vêm à mente. Para mim, ser velho seria me tornar raquítico como aquele desenho. Era dessa maneira que me sentia visto pelas pessoas e assim, ainda me vejo e acho que as outras pessoas me veem. Hoje ainda, quando vejo alguém preocupado em emagrecer eu fico me perguntando, por quê? Não entendo, porque eu sempre quis ser gordinho.

O sujeito da pesquisa relatou muitas vezes o temor de ficar magro demais, cadavérico, pele-e-osso, “*seco*” e raquítico na velhice. Esse temor levou a outra preocupação que é com a comida:

Nunca passei fome, mas sempre me preocupei e me preocupo porque ficar sem comer aumentaria o risco de me tornar magro, feio e tudo o que disse antes. Não como muito, evito gorduras e adoro frutas e saladas. Mas essa preocupação é constante. E quando vejo velhinhos com restrições alimentares eu fico preocupado. Fiz tratamento para ganhar peso há muitos anos atrás. Queria engordar a todo custo. E ao ver um velhinho que não pode comer fico com raiva, parece que está me afrontando.

Diante disso relatou uma cena que o deixou irritado e teve vontade de agredir o idoso:

Tive vontade de enfiar goela a baixo, a comida. Ele se sentou na minha frente e puxou de dentro de uma sacolinha de plástico, dessas de supermercado, biscoitos sem sal e outras coisas para comer, porque não poderia comer o que estava sendo servido. Isso me irritou. Ou então, ouvir queixas de velhos que dizem o que podem ou não podem comer. É desagradável isso tudo. Eu não quero perder a barriguinha e

esses velhinhos não podem comer o que querem. Isso me assusta com a velhice, não poder comer o que quero e emagrecer demais. Não quero nem pensar nisso.

Continuou relatando seus sentimentos em relação à velhice, sobretudo sua raiva e irritação:

Tenho raiva sim. Quando vejo um velhinho de bengala, outro andando lentamente, outro que reclama, isso me irrita. A velhice é irritante! Irrita o cheiro que os velhos exalam, cheiro da velhice, parece o cheiro da morte. Irrita ter que falar alto porque não ouvem direito. Sinto raiva quando tenho que explicar muitas vezes algo que para mim é simples, mas eles não entendem. A velhice exige paciência e eu, às vezes, perco as estribeiras.

Ainda sobre sua imagem do envelhecimento, comentou em relação à sexualidade, seus sentimentos e como vê a velhice por essa ótica:

Olho o corpo dos homens velhinhos e não vejo nada dentro das calças, imagino os genitais murchos, fedorentos, me dá nojo imaginar. Não quero ver isso nunca. Sabe, tem vezes que o corpo dos velhos me dá nojo. Mas eu também estou ficando assim e daí, o que faço?

Não lhe respondi. Percebi que os seus sentimentos em relação à velhice voltaram-se contra si mesmo e ele se deu conta disso. O seu corpo, parece considerá-lo uma espécie de sagrado; às vezes parece ser um fetiche e um tabu. Suas preocupações com o corpo na velhice o deixam, muitas vezes, deprimido, ao se olhar e não se reconhecer. Falou:

Eu não me reconheço porque não gostei do que vi e ainda vejo no meu corpo. Quando olho o corpo dos velhos virado em pelancas eu sinto nojo e raiva ao mesmo tempo. As pelancas, parecem que a vida vai se desmanchando, se diluindo aos poucos como uma vela que, enquanto queima, a cera vai escorrendo. É uma imagem muito triste essa. Mas é o que sinto e vejo sobre a velhice e, ainda mais, o que me espera logo ali na frente, não está tão distante.

Quando se fala em envelhecimento, o tema adoecer e morte aparece, e penso que, nesse ciclo, adquire muita relevância. E o entrevistado relatou que sente vergonha de se imaginar deitado, doente, numa cama, rodeado de gente, olhando para ele ou, até mesmo, morto e as pessoas ao seu redor.

Eu me imagino as pessoas ali, me olhando, numa cama de hospital ou em casa. Olhando aquele corpo frágil, sem a barriguinha, totalmente dependente de aparelhos e de outras pessoas. Imagino-me no meu velório e as pessoas ao meu redor. Você irá pensar que estou louco, mas na minha fantasia estarão ali por pena de mim, rindo do meu corpo. Aquelas pessoas me olhando e eu sem poder fazer nada. Nunca gostei que os outros me olhassem, pois na minha imaginação, estão debochando de mim e do meu corpo.

Sobre envelhecer e morrer foi mais específico nessa hora.

Sabe, cara, envelhecer e morrer é uma desgraça. Tenho uma sensação que não sei dizer o que é, não tenho palavras, mas é algo angustiante e isso me dá raiva, frustração total. Penso que morrer é a maior de todas as frustrações é o fim de todos os projetos, objetivos e metas. Por que isso tem que acontecer? Droga!

Após falar sobre isso, ficou em silêncio, um silêncio que nunca havia sentido antes em outros momentos em que também ficou calado. Lágrimas escorreram em seu rosto novamente e ficou muito agitado. Olhou suas mãos, passou-as pelo corpo, pernas. Tive vontade abraçá-lo, mas me contive. Percebi que, com a minha presença empática, ali, nessa hora, o entrevistado não se sentia sozinho. Eu o olhei e, às vezes, ele me fitou olhando-me de cabeça baixa. Senti um misto de tristeza, pesar e de vergonha. Pela primeira vez se referiu a mim como seu amigo e disse:

Isso tudo é uma merda mesmo, meu amigo. Adoro viver, amo a vida e tudo o que consegui. Saber que terei pouco tempo para desfrutar de tudo isso me dá raiva e muita raiva. Sei que poderei ter um final de vida feliz, aproveitar para fazer o que nunca pude por diversos motivos. Mas precisava ser por tão pouco tempo? Não sei quando será meu fim, mas acho pouco tempo e isso passa rápido demais. Quando era criança queria que o tempo voasse para ser adulto, enquanto agora queria que o tempo parasse. Que droga, cara!

Levantou-se, foi até a cozinha tomar água, andou pela sala, foi até a janela do seu apartamento e olhou para fora e falou:

Olha esse mundo lindo que existe! A natureza, as pessoas. Eu adoro ir a lugares onde tem muito mato, verde, cachoeiras e rios. E deixar de ver tudo isso, não pode ser! Tem tantos lugares que gostaria de conhecer e penso se isso será realizado. Essas árvores floridas aí fora agora na primavera, são lindas. Nunca mais ver isso, puxa vida é muito triste e me dá raiva, às vezes fico furioso. Eu doente, deitado numa cama e o mundo lá fora e eu fora desse mundo. Não ouvir mais essas músicas lindas de que tanto gosto. Não pode ser!

Esses momentos foram muito densos. Até mesmo para mim foi difícil ouvir tudo o que me relatou, porque senti-me muito tocado, mas não temi diante de tantos sentimentos, deixei que ele falasse, porque foi um momento somente seu. Mas não foi um monólogo vazio ou solitário, eu estive presente e demonstrei que ele não estava sozinho nessa hora.

Para pôr o leitor ainda mais dentro do ambiente: lágrimas escorreram pelo seu rosto, socos na poltrona, olhou seus objetos pessoais que da sala, pegou um ou outro e me mostrou sem falar nada e disse: “*Entende do que estou falando?*” Acenei com a cabeça e dei entender que sim. Poderia ter lhe dado a resposta mais óbvia como: “*Morrer faz parte da natureza*”, mas acredito que não era isso que ele queria ouvir, por isso, permaneci em silêncio.

Foram momentos densos, carregados de sentimentos variados e tomei todo o cuidado para que no final se sentisse bem, porque após essa entrevista, que foi a última, fiquei um

tempo com ele. Tomamos mais café, chimarrão, comemos o que trouxe e falamos de outras coisas bem amenas. Quando percebi que eu poderia me retirar, perguntei-lhe como estava se sentindo e me falou que se sentia bem. Porém, disse-lhe que se houvesse qualquer problema, poderia me chamar, para conversarmos. Como tenho dito anteriormente, eu me sinto responsável pelo seu bem estar e a sua pessoa. Não poderia abandoná-lo e deixá-lo desamparado.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi a linguagem verbal, em relação ao corpo que foi sempre a mesma, desde a sua infância até a juventude. Porém, no envelhecimento ganhou outros contornos. Enquanto nas fases anteriores à sua idade atual havia esperanças de ter um corpo que sempre desejou para atender às configurações corporais e à tradição disposicional, na atualidade ganhou contornos como decadência, a velhice é feia, fragilidade, pele-e-osso. Mas ele ressignificou o vocabulário que ouviu o tem incorporado. São palavras que ouviu e que agora ganharam outros significados. E o leitor certamente percebeu que a *barriguinha* tem um significado especial, porque representa, pelo menos em parte, as configurações e da tradição disposicional, por isso não quer perdê-la. Sobre a tão cultuada barriguinha, disse-me:

Quando eu era criança lá onde morávamos, havia uns gurizinhos da vizinhança que tinham barriga. Diziam que era por causa de lombrigas. Mas para mim não importava, pois no meu entender eram gordinhos e isso bastava e eu nunca tive, nem barriga de lombriga (risos). Hoje tenho e não quero perdê-la.

O leitor certamente tem percebido como a sociedade fala através do corpo do entrevistado. Um corpo com retratos distorcidos para o qual, no processo de envelhecimento, falta um equilíbrio melhor e devido a isso o ciclo vital do sujeito se tornou uma incógnita ao não saber como envelhecer. Isso o tem feito sofrer muito.

Durante as entrevistas e na análise das mesmas tenho sentido certo grau de angústia e apreensão, pois o entrevistado falou com profundidade sobre sua história de vida. Estou ciente que não contou tudo, muitas outras histórias ficaram nas entrelinhas. Mas o leitor pode perceber o seu sofrimento, suas angústias e suas esperanças. No final de tudo, ficou para mim uma pergunta: o que ele ainda pode fazer por si mesmo, estando tão próximo do envelhecimento? Mas, ao final de tudo, o entrevistado falou:

Eu admiro os velhinhos, tenho carinhos por eles. O negócio é comigo mesmo. Sei que meu corpo não responde como antes e que irá responder menos, sei que estou em transformando em outro e comecei a aceitar isso, com nossas conversas. Tudo o que eu disse são sentimentos que afloraram porque mexeu muito comigo, falar disso. Eu quero ser um velhinho, mas bem velhinho, com mais de cem anos (risos), porque gosto de viver, gosto da vida. Jamais trataria mal um velhinho e odeio quem faz isso.

Então, meu amigo, vejo a velhice como uma realização da minha vida, mas preciso continuar a ler, a estudar, não quero parar. Esse é o meu maior temor.

Ao longo das entrevistas e da análise foi dando pistas. Teve suas conquistas, seus êxitos e sucessos dentro desse universo onde esteve e está vivendo. Tem muita vontade de viver, gosta da vida e quando falamos de morte, manifestou desejo de que essa não chegasse nunca, mas sabe que é inevitável. Ele mesmo tem esperanças e me disse que alguma coisa começou a mudar dentro dele com as nossas conversas. Começou a olhar a própria existência com outro olhar e seu corpo não o assusta mais tanto. Sente que está começando a gostar do seu corpo e não se importar muito com os retratos do seu passado que carrega no presente. Porém, sente que falta muito ainda. Sente que precisa evoluir mais e se reencontrar consigo mesmo, com sua história, seu passado e com a sociedade, me disse.

Retomo a observação participante, onde tenho observado que, apesar de todas as limitações físicas, dependências para tudo ou quase tudo, o desejo de viver dos velhinhos é muito grande. Cada um com sua história de vida vive o seu próprio envelhecimento e, certamente, cada um tem seus próprios retratos corporais seja, natural ou simbolicamente.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Na introdução dessa dissertação me referi a ela como uma aventura e a comparei ao herói grego que se mune de ferramentas, traça estratégias para chegar ao seu objetivo final. Nessa aventura, se depara com o inesperado, com vilões, surpresas, se surpreende com o que vivencia e cumpre o oráculo.

Ao atingir o objetivo, o herói grego ocupa o seu lugar na história, assume um reino, vive feliz para sempre, porque seu destino fora traçado anteriormente. Outros se deparam com a tragédia que assola a própria existência, mas não fugiram do seu destino, sua história chegou ao fim e tiveram o seu epílogo. Precisaram, primeiramente, resolver questões pessoais, às vezes se sentiram sozinhos, mas puderam contar com a ajuda de alguém, dos deuses ou de um ser sobrenatural e se encontrar consigo mesmo.

Nesses comentários finais não estou escrevendo um epílogo porque a aventura continua, pois muitos caminhos, outros destinos foram traçados no decorrer desta pesquisa. Continuo instigado, provocado e muitos questionamentos ficaram abertos e muitas outras perguntas eliciaram a busca de respostas, ou seja, termino como comecei.

Durante esta minha aventura a sensação do não saber sempre esteve presente e, por isso, tive que sair da rota algumas vezes, resolver outros enfrentamentos para prosseguir. Mas esses desvios enriqueceram ainda mais a busca das respostas. Outras vezes, tive que fazer recortes, limitações para me focar especificamente no objetivo final. Mas os questionamentos que foram surgindo me incitaram cada vez mais nessa aventura da busca do saber. Parti do não saber, de dúvidas, ignorâncias para preencher essas lacunas com as respostas. E a simbologia do uróboro, a eterna partida e retorno ao lugar de origem, impulsionou-me epistemofilicamente a buscar e construir um outro conhecimento sobre o tema.

Nessa aventura, deparei-me com muitas surpresas, com o inédito, com o inesperado que deram estímulos necessários para a caminhada e percebi que as respostas obtidas não foram tudo, mas partes de um todo. Isso gerou a sensação da incompletude que incrementou o desejo de buscar sempre mais e mergulhar em profundidade na temática e nas entrevistas.

Desde o início, tive a clareza necessária sobre o destino e as dificuldades que encontraria pela frente, assim como o herói grego que encontra vilões que queriam destruí-lo ou impedir que atingisse seu objetivo final, mas nunca pensei em desistir. Pelo contrário, me senti mais impulsionado a buscar e construir um conhecimento e um pensamento sobre o

tema. Os vilões aos quais me refiro, por exemplo, foram questionamentos irônicos em relação à pesquisa sobre o envelhecimento: “*Pesquisar sobre velhos!?*” Ou algum sorriso irônico de alguém quando falava sobre o andamento da pesquisa

Nessa aventura outro grande aliado foi o sujeito da entrevista que se interessou pelo tema, o incorporou e se dispôs a colaborar. Não fomos neutros: ouvinte e falante somente, mas houve uma relação empática que facilitou a confiança e profundidade da sua história de vida. Por outro lado me senti provocado pelo entrevistado muitas vezes quando se dirigiu diretamente a mim nas entrevistas e me colocou, também, dentro do tema e isso facilitou responder às questões iniciais e chegar à meta desejada. Para isso foi importante a relação dialógica e empática que criamos no espaço das entrevistas.

Nessa caminhada em busca do destino final muitos aprendizados foram acontecendo, que me enriqueceram como pessoa e como pesquisador, seja na Psicologia ou nas Ciências Sociais. Concluí que elas estão muito próximas e foi preciso delimitá-las, “cortar na carne, rente”, mas entendi ao final que se complementam. Porém tive sempre presente que essa pesquisa não foi psicológica, mas sociológica.

Nesse aprendizado o sujeito entrevistado me mostrou muitas coisas da sua vida e me confrontou com a minha própria e foi abrindo cada vez mais horizontes para perceber como o social configurou os seus retratos corporais e eu, também, fui percebendo como o social configurou os meus. Consequentemente, fui concluindo que a sociedade, através dos seus mecanismos e articulações, retrata corporalmente os indivíduos e que há coesão nas configurações corporais.

Essas configurações estão em sintonia com a tradição disposicional que percorreu toda a história do entrevistado nas suas diferentes instâncias sociais e em seus ciclos vitais intermediários. A partir do que me falou percebi que há coerção para que certos paradigmas ou modelos corporais estejam dentro de parâmetros e, apesar da variabilidade de corpos, existem moldes aos quais os indivíduos, muitas vezes sem flexibilidade, procuram se encaixar como se houvesse uma tirania procrustiana. Esses paradigmas ou modelos, podem ser impostos pela sociedade e, também, pela cultura e a velhice poderá ser difícil de ser assumida porque rompe com esses modelos.

O entrevistado sentiu que seu corpo esteve afastado dos modelos corporais existentes, e relatou muitas vezes como percebeu as mudanças em seu corpo durante sua vida. Essas mudanças com a proximidade da velhice o afastam cada vez mais de um corpo idealizado pela sociedade e pelas tradições disposicionais e, assim, se configura um outro corpo e um outro olhar sobre si mesmo, isto é, sente seu corpo se transformar.

O envelhecimento está muito associado às transformações corporais, como se o indivíduo se tornasse outra pessoa e, também, associado às mudanças cognitivas e isso omite as diferenças pessoais em relação à velhice e às diversas possibilidades e variabilidade do que é ser velho. Há tentativas de encaixar a velhice em leitos procrustianos. Isso gera conflitos porque a sociedade, de um modo geral, tolera a diversidade corporal, mas ainda não lida bem com o corpo que se configura no envelhecimento.

Apesar dessa liberalização corporal, tenho observado como ainda prevalece o ideal da juventude que está muito distante da realidade do corpo envelhecido. Mas independente disso, o corpo põe o indivíduo no mundo, marca fronteiras e isso produz muitos significados e discursos corporais.

Um dos significados do corpo pode ser entendido, também, pelo simbólico que vai além do biológico. Como símbolo, o corpo se distingue do fisiológico e do físico, como um conjunto representativo mental e que interfere nos retratos corporais. Portanto, retratos corporais são representações mentais do próprio corpo. E ao colocá-lo como símbolo, o corpo se torna passível de interpretações e isso confere diversas possibilidades para entendê-lo.

O entrevistado sentiu os significados do corpo determinados pela tradição disposicional que o configuraram mentalmente em todo o seu ciclo vital, como se fosse um estatuto imposto pela sociedade. Na velhice que se avista no horizonte, ainda sente esta imposição das disposições e, mentalmente, imagina seu corpo na velhice que não está adequado ao estado natural do envelhecimento. Compreendi que há confrontos entre a natureza, a cultura e a sociedade.

A natureza, se refere ao corpo biológico, como o próprio corpo se apresenta para o indivíduo e para a sociedade. Mas a cultura e a sociedade, como aconteceu com o entrevistado e, também, em relação à velhice, têm suas tradições disposicionais corporais e configuram simbolicamente outro retrato corporal que poderá entrar em conflito com o corpo natural. O informante sentiu, no próprio corpo, como o biológico esteve distante do simbólico e começou a perceber que a velhice o afasta para bem longe da configuração corporal que rompe com uma tradição disposicional. Tentou aderir a essa tradição para configurar um corpo simbólico para a sociedade, mas a sua natureza tinha outras dimensões e a velhice, para ele, é o fim de todas as esperanças. Portanto, da mesma maneira como se pensa em várias oposições cartesianas, o corpo natural poderá entrar em conflito com o corpo simbólico.

Os indivíduos têm seus próprios retratos corporais naturais e simbólicos que se transformam com o tempo. Ao se aproximar a velhice, encontram-se frente ao momento mais dramático dessas transformações porque é difícil de aceitar uma imagem que começa

envelhecer, sobretudo numa sociedade que valoriza o corpo jovem e isso cria os mitos da eterna juventude.

Para o entrevistado, houve um acréscimo, pelo fato de ser homem, sentir que o corpo valorizado era o do macho, do forte que teria de responder às configurações da tradição disposicional o que lhe conferiria uma função corporal dentro das redes de relações. Mas ao se aproximar do envelhecimento sente que não tem mais nenhuma chance para mudar um quadro que sempre desejou.

O corpo poderá ser definido pelo seu significado, pela sua construção, configuração e isso difere de pessoa para pessoa, em cada sociedade e vai além das semelhanças universais da biologia. Mas é preciso levar em conta, também, o biológico porque a velhice acontece no corpo e para saber de que corpo se fala é necessário defini-lo, conhecê-lo e ouvi-lo. A velhice é vivida no corpo e nele habita e o corpo se torna estranho e isso inquieta. Portanto, não há como negar as evidências daquilo que não se pode evitar. Ainda mais numa sociedade que valoriza a aparência o corpo perdeu seu verdadeiro significado simbólico.

Ao se falar em corpo é importante a definição do seu significado e saber de que corpo se fala: do corpo biológico (natural) ou do corpo simbólico. Ao definir de qual corpo se está falando é possível pensá-lo, mas não há como separar o corpo natural do corpo simbólico. Ao separá-los o pensamento se torna parcial e isso empobrece as verdadeiras dimensões corporais. O conflito se instala quando se faz uma cisão, porque não são dois corpos distintos, mas uma unidade a ser pensada em todas as suas dimensões. O importante seria estabelecer um diálogo entre o corpo natural e o corpo simbólico.

A dicotomia cartesiana entre o corpo natural (biológico) e o corpo simbólico, ou seja, entre a representação mental e simbólica do corpo com a natural, a tendência, ainda, na sociedade, está em olhar os indivíduos dotados de um corpo biológico passível de transformações com a passagem do tempo, mas que cultua o corpo jovem, sem rugas, sem manchas na pele. E para o indivíduo do sexo masculino existe pressão para que dê conta da sexualidade.

Ao sentir-se envelhecendo, outro retrato corporal começa a se espelhar diante dos olhos, e este poderá entrar em conflito com as tradições disposicionais que configuram o corpo idealizado da juventude como modelo a ser seguido. Isso poderá provocar revolta no indivíduo que, ao olhar o próprio retrato corporal envelhecendo, percebe que outro corpo começa a ser retratado.

Envelhecer é natural e acontece no corpo, mas é preciso saber de que corpo se fala. Além disso, o problema está em saber se a questão é a velhice ou o corpo porque a velhice

habita o corpo e se manifesta na aparência e representa o declínio físico inevitável. Porém, na dimensão social, a velhice torna-se mais visível e coloca os indivíduos em evidência pelo olhar do outro. A partir disso, pode-se entender que os indivíduos geralmente falam da velhice como uma experiência vivida no corpo. Um corpo que, pelo olhar da sociedade e, muitas vezes, também, pelo olhar do próprio indivíduo se transforma e fica feio diante dos padrões de beleza que imperam. Mas o corpo, na velhice, exalta, também, a vida e as diversas possibilidades de significados de envelhecer, apesar de mostrar que o tempo passou e que a existência é finita.

Para fazer um fechamento desse trabalho, cheguei à conclusão de que as tradições disposicionais, juntamente com as configurações dentro das redes de relações retrataram corporalmente o sujeito entrevistado, durante seu ciclo vital. Sentiu-se olhado somente pelo aspecto natural ou biológico e isso subtraiu a dimensão simbólica do seu corpo. Por sua vez, procurou atender às demandas sociais fisicamente, mas o insucesso aconteceu porque a natureza não o favoreceu e o corpo simbólico foi apenas parcialmente construído e a vida escorre por entre seus dedos.

Devido a isso, muitos questionamentos foram levantados e me fizeram pensar como a sociedade poderá ditar estatutos corporais para manter uma tradição e fazer pressão para que os indivíduos aceitem esses estatutos sem flexibilidade, para encontrar suas funções dentro das redes de relações. Muitos indivíduos se dispõem, consciente ou inconscientemente a dar conta desses modelos, e a velhice ou a sua proximidade rompe com esses estatutos que, em muitos casos, poderão ser difíceis de serem assumidos. Mas pode-se pôr toda a culpa na sociedade e na cultura?

Muitas vezes, penso, falta alguma reflexão por parte de muitos indivíduos em relação a esses estatutos e as tradições sociais. Outras vezes os indivíduos procuram configurar o corpo como estes estatutos determinam, pois indivíduo e sociedade não se separam. O que proponho seria outro olhar para o envelhecimento e para o corpo ser visto simbolicamente também e não somente naturalmente e que haja um diálogo entre ambos.

Esses comentários finais não são o epílogo definitivo como tenho dito antes porque muitas outras possibilidades se abriram com novos questionamentos. Ficou o gostinho de quero mais e a pulsão epistemofílica me impele e me instiga porque muitas inquietações para outros trabalhos estão a caminho.

## REFERÊNCIAS

- AGRA DO Ó, Alarcon. Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte. In: **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos - Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 389-400, abr./jun. 2008.
- ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa, Fim de Século, 1995.
- ALVES, Andrea Moraes. “Gerações em perspectiva: os sentidos da sexualidade feminina na velhice e na vida adulta” in **CORPO, ENVELHECIMENTO E FELICIDADE**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BACHELARD, Gastón. **La formación del espíritu científico**. México: Editorial Siglo XXI, 1987.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, vol. I e II.
- BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal (RN), EDUFRN, 2012.
- BERGER, P. I.; LUCKMANN, T. **A construção da realidade**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1987.
- BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida**: perspectivas etnosociológicas. Barcelona, Bellaterra, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **Educação&Realidade**.v.1, n 1 (fev. 1976), Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.
- \_\_\_\_\_. Uma ciência que perturba: Algumas propriedades dos campos. In: **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. A ilusão bibliográfica, In: **Usos&abusos da história oral**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, Campinas (SP): Papirus, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Cosas dichas**, Barcelona, Gedisa, 2000.

BRANDÃO, Junito de S. **Mitologia grega**. Petrópolis - RJ, Editora Vozes, 1998.

BRIONES, Guillermo. **La formación de problemas de investigación social**, Universidad de los Andes, Bogotá, 1980.

CABRAL, João Pina. **O homem na família: cinco ensaios de Antropologia**. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2003.

CALDEIRA, Tereza. **A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia**. CEBRAP, nº 21, Julho de 1988, pg. 133-157.

CERTEAUX, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis - RJ, Editora Vozes. 1998.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1989.

CHANTER, Tina. **Gênero: conceitos chaves em filosofia**, Porto Alegre: Artmed, 2011.

CHODOROW, Nancy. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, Michele Z; LAMPHERE, Louise (Org.). **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CÍCERO, Marco Túlio (103-43 a. C.) **Saber envelhecer e A amizade**. Porto Alegre, L&PM, 1997.

COCHO, Germinal et al.. Ciência e humanismo, capacidade criadora e alienação. In SANTOS, B. de S. **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente – Um Discurso sobre as Ciências Revisitado**. São Paulo, Editora Cortez, 2006.

CONDÉ, Mauro L. Leitão (Org.) **Ludwig Fleck: estilos de pensamento na ciência**. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2012.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. In: **Educação e realidade**, 20/2, jul/dez.1995.

CORBIN, Alain et al. **História do corpo**. (3 vol.). Petrópolis - RJ, Editora Vozes, 2010.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

DAVIS, Natalie Z. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo Companhia da Letras, 1997.

DEBERT, Guita et al. **Textos didáticos: antropologia e velhice**. Campinas (SP): IFCH/UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**, São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Marcia (org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ECKERT, Cornélia. **A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre**. In: Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo, 2000.

ELIAS, Norbert. **La sociedad de los individuos**. Barcelona, Ediciones Península, 1990.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1992.

\_\_\_\_\_. **Teoria Del símbolo**. Barcelona, Península, 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1995.

\_\_\_\_\_. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001).

ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, Brasília.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo y pós-modernismo**. Madrid. Amorrortu, 2004.

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica.** Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa. 2006.

FIGUEIREDO, S. **Uma nova família?:o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FLECK, Ludwig. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico.** (Trad: George Otte e Mariane Camilo de Oliveira), Belo Horizonte - MG, Fabrefactum, 2010.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra.** Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.2.ed. UFRGS Editora. Porto Alegre, 2004.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo, Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_.**Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, LCT, 1989.

GIL, José. “Corpo”, Enciclopédia Einaudi, vol. 32: **Soma/Psique – Corpo.** Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

GOLDENBERG, Miriam. **Toda mulher é meio Leila Diniz.** Rio de Janeiro, Record, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. **Do Departamento de Antropologia da UFSC,** 2004.

GUTMANN, Mathew C. Traficando con hombres: la antropologia de La masculinidad. **Revista de Estudios de Género,** nº 08, diciembre 1988, Universidad de Guadalajara, México.

IWANOWICZ, Bárbara. **A imagen e a consciencia do corpo.** In: Conversando sobre o corpo. Campinas (SP): Papyrus, 1989.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: **Horizontes Antropológicos.** UFRGS. Porto Alegre, 1998.

KOFES, Suely. **E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala.** In: Conversando sobre o corpo. Campinas (SP): Papirus, 1989.

\_\_\_\_\_. **Uma trajetória em narrativas.** Campinas (SP): Mercado das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **História de vida, biografias, trajetórias.** Campinas (SP): UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1992.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural:** os determinantes da ação, Petrópolis (RJ), Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Retratos sociológicos:** disposições e variações individuais, Porto Alegre, Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do corpo na modernidade.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes et al. **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e teorias Queer.** Belo Horizonte(MG): Autêntica, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo, Victor Civita, 1978 (Os pensadores).

MARX & ENGELS. **El manifesto comunista.** Madrid, Alianza, 1995.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia,** São Paulo, EPU&EDUSP, 1974.

MEDRADO & LIRA. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

MORIN, Edgar. **El paradigma perdido: el paraíso olvidado**. Barcelona, Kairós, 1974.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa -. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **História de vida e depoimentos pessoais**. Sociologia, São Paulo. V.15, maio de 1983.

PERISTIANY, J. G. **Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1971.

PERURENA, Fátima. **Existe transição paradigmática?** Diálogo com Boaventura de Sousa Santos à luz de *o amor fazendo gênero*. Oficina do Centro de Estudos Sociais. Coimbra (Port.). n° 159, abril 2001.

PLATÃO. A Alegoria da caverna: A Republica, 514a-517c tradução de Lucy Magalhães. In: MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. **Crátilo**, Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

PONTE, Vanessa Paula. **Somos nós que fazemos a vida como der, ou puder ou quiser: beleza e construção do corpo em narrativas biográficas de mulheres**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2008 (Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da UFC).

ROUX, Rodolfo. **Elogio de la incertidumbre**, Bogotá, Editora Nueva América, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

SIMÕES, Júlio de A. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara, **Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras**, Rio de Janeiro, Garamond, 2044, pp. 415-447.

TURNER, Bryan. **Avances en la teoria del cuerpo**. En: Revista Española de Investigaciones Sociológicas, nº 68, 1994.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson O. **Aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VICTORA, Ceres Gomes. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2000.